

SEGUNDAS OPORTUNIDADES

Título original: Sarah's Child

LINDA HOWARD

Capítulo 1

A longa semana chegava a seu fim e Sarah sabia que devia voltar para casa, mas a perspectiva de afogar-se na flama de últimos de agosto bastava para mantê-la colada à cadeira, escutando o grato zumbido do ar condicionado.

Não estava trabalhando; tinha girado o assento e levava um quarto de hora olhando pela janela, muito relaxada para preocupar-se de que se estivesse fazendo tarde. À luz do sol do poente, os deslumbrantes arranha-céus de aço e cristal de Dallas se recortavam sobre um horizonte acobreado, uma clara indicação de que havia tornado a perder as notícias das seis. Era sexta-feira pela tarde; seu chefe, o senhor Graham, foi-se fazia mais de uma hora. Não tinha motivos para não somar-se ao êxodo guia de ruas, mas se sentia receosa a voltar para casa. Trabalhou em excesso em decorar seu apartamento, em fazê-lo acolhedor e confortável, mas ultimamente, o vazio que sentia nele a atormentava. Podia enchê-lo com música, alugar um filme e vê-lo com seu reproduutor de vídeo, ensimesmar-se na leitura e imaginar que vivia em outro país, mas mesmo assim, seguiria sozinha. Ultimamente, era uma mulher mais que solitária.

Talvez fora o tempo, pensou com ânimo lento. O verão tinha sido úmido e caloroso, exaustivo para todo mundo, mas, no fundo, Sarah sabia que não era o abafado o que a aborrecia. Era a inevitável sensação de que o tempo lhe escorria entre os dedos, igual ao verão perecia que dava passo a outro outono. Inclusive a pleno sol do meio-dia, sentia o frio invernal nos ossos. Não se tratava só da mudança de estação, mas sim da perda inexorável da juventude.

Tinham passado os anos e ela se derrubou no trabalho porque não havia nada mais e, de repente, dava-se conta de que seus sonhos a tinham deixado para trás. Nunca tinha ambicionado riquezas nem posses materiais. Queria amor, um marido e uns filhos, um lar alegre e seguro, tudo o que tinha sentido falta na infância. Já nem sequer albergava esse sonho, e isso era o que mais a entristecia.

Claro que não era mais que uma quimera: apaixonou-se por único homem que jamais poderia ser dela e, ao parecer, era dessas mulheres que só amavam uma vez na vida.

Soou o timbre apagado do telefone, e um leve cenho de perplexidade se desenhou em sua testa.

Quem poderia estar chamando o escritório a aquela hora?

- Sarah Harper - disse em tom enérgico.

- Sarah, sou Rome - respondeu uma voz grave.

O coração lhe deu um tombo e lhe fez um nó na garganta. Não precisava ouvir seu nome para saber quem estava ao aparelho. Conhecia aquela voz tão bem como a sua, e o acento brusco, que não se suavizou face aos anos vividos no sul, sempre o delataria. Mas Sarah tragou saliva, endireitou as costas e fingiu que se tratava de uma chamada de negócios como outro qualquer.

- Sim, senhor Matthews?

O homem soprou com impaciência.

- Maldita seja, não me chame assim. No escritório, vale, mas agora... agora não estamos trabalhando.

Sarah voltou a tragar saliva, mas foi incapaz de articular uma palavra. Teria provocado aquela chamada ao pensar nele? Fazia meses que Rome não lhe dizia nada, além de um educado "bom dia", sempre que entrava no escritório para falar com o senhor Graham.



- Sarah? - rugiu. Estava perdendo a paciência.
- Sim, escuto-te - atinou a dizer Sarah.
- Vou vender a casa - anunciou sem preâmbulos. - Estou embalando as coisas de Diane... E dos meninos. Vou doar tudo à beneficência. Mas encontrei uma caixa com as lembranças de Diane da Escola, coisas que fizeram as duas juntas, desenhos, e pensei que queria dar uma olhada. Se quiser ficar com algo, pode fazê-lo. Se não quiser...

Não terminou a frase, mas não fazia falta. Se não, queimaria-as. Destruiria todas as lembranças. A Sarah rasgava a alma pensar em abrir a caixa e reviver os anos de adolescência com Diane, porque ainda não tinha superado a perda de sua amiga, mas tampouco podia permitir que Rome condenasse ao fogo as lembranças de Diane. Se ainda não se sentia com forças, guardaria a caixa e, com o tempo, esvaziaria-a e recordaria a sua amiga sem muita dor, só com melancolia e nostalgia.

- Sim - disse com voz rouca, forçada. - Sim, quero-a.
- Vou já. Irei a casa para terminar de embalar. Pode passar para recolher a caixa quando quiser.

- Irei, obrigada - sussurrou Sarah. Ele desligou e a deixou com o telefone pego à orelha, escutando o zumbido da linha.

A mão lhe tremia enquanto pendurava o telefone e, de repente, advertiu que já não estava sentada. Em algum momento da conversa, a tensão a tinha impulsionado a ficar em pé. Em seguida, inclinou-se para tirar a bolsa da gaveta inferior da escrivaninha, fechou-a com chave, apagou as luzes e se assegurou de fechar bem a porta ao sair.

Não só lhe tremia a mão, a não ser o corpo inteiro. Sempre que falava com o Rome lhe ocorria o mesmo. Exercitou-se durante anos em não pensar nele, em nem sequer sonhar com ele, mas ouvir sua voz bastava para que ficasse como um pudim. Trabalhar para a mesma companhia já era desgraça suficiente; inclusive se tinha transferido a outro departamento para não vê-lo com tanta assiduidade, mas o tiro lhe tinha saído pela culatra:

Rome tinha ido ascendendo e, naqueles momentos, era um dos vice-presidentes. Sua acusação de secretária do primeiro vice-presidente a mantinha em constante comunicação com ele; sua única salvação era que Rome mantinha uma atitude estritamente profissional, e ela se disciplinou para lhe dar o mesmo trato. Que outra coisa podia fazer, quando tinha cometido a estupidez de se apaixonar pelo marido de sua melhor amiga?

Embora no estacionamento subterrâneo fazia uma temperatura mais benigna que na rua sentiu a bofetada de calor enquanto caminhava a passo rápido para seu Datsun 280 ZX, um último modelo aerodinâmico. O carro era, como temia, um exemplo de sua crescente tendência a colecionar coisas para encher o vazio de seu lar. Desde menina se prometeu remediar o frio e a hipocrisia da casa de seus pais, mas à medida que crescia se esforçava com mais afinco por encher os vazios com coisas. O carro era magnífico, e lhe permitia deslocar-se a mais velocidade da necessária; Sarah desfrutava conduzindo, mas não o necessitava. O utilitário pelo que o tinha trocado era um bom carro, e não estava tão velho.

Em lugar de dirigir-se diretamente à casa em que Rome e Diane tinham vivido, situada em uma das vizinhanças mais elegantes de Dallas, Sarah fez uma parada em um restaurante e matou o tempo bicando um prato de fruto do mar. Seu instinto a apressava para que se desse pressa, para que visse o Rome o mais cedo possível; mas se sentia com forças a entrar na casa em que ele tinha vivido com Diane, onde ela e Diane tinham rido e jogado com os bebês. Fazia dois anos que Sarah não punha o pé nessa casa... dois anos desde que ocorreu o acidente.

Quando o relógio marcou as oito em ponto, pagou a conta e conduziu devagar, com cuidado, para a casa. O coração lhe pulsava com força, e

sentia um pouco de náuseas. Tinha as palmas das mãos suadas; segurou o volante com força para que não lhe escapasse. Que aspecto teria? Não se tinha olhado ao espelho. A pintura de lábios já teria desaparecido, mas não se incomodou em retocar-lhe apalpou-se com uma mão o austero coque que se fazia para ir ao escritório, por temor a que alguma mecha tivesse escapado a seu confinamento; mas parecia estar em ordem, assim suspirou e se despreocupou.

O Mercedes azul escuro de Rome estava estacionado diante da casa, assim Sarah deixou o carro justo detrás. Desceu e, percorreu a passo lento o caminho de entrada, subiu os cinco degraus e tocou a campainha. A grama estava serrada e os sebes podados. A casa não parecia vazia, mas o estava. Havia um vazio dilacerador.

Um momento depois, Rome abriu a porta e se fez a um lado para deixá-la passar. Olhá-lo apenas um instante foi como receber um murro no estômago. Não esperava vê-lo com terno e colete, mas tinha esquecido quão corpulento era, quão viril estava em jeans. Usava sapatos esporte, sem meias, uns jeans velhos e rodeados, e uma camiseta branca que se aderira a seu sólido torso. Aos olhos de Sarah, estava incrivelmente belo.

Olhou-a e reparou no traje elegante que levava.

- Ainda não passaste por sua casa?

- Não. Parei para jantar em um restaurante - fazia um mormaço na casa; Rome tinha aberto algumas janelas mas não tinha ligado o ar condicionado. Sarah se despojou de sua jaqueta de linho e se dispôs a pendurá-la no armário, como sempre tinha feito quando ia visitar Diane, mas se conteve e se limitou a deixá-la sobre o corrimão da escada. Enquanto Rome a conduzia ao andar de cima, abriu o pescoço de sua blusa de seda e a arregaçou até os cotovelos.

Rome se deteve diante do quarto que tinha compartilhado com o Diane. Tinha o olhar sombrio, os lábios apertados, enquanto contemplava a porta fechada.

- Está aí dentro - limitou-se a dizer. - No armário. Eu irei ao quarto dos meninos, para guardar suas coisas. Tome o tempo que necessite.

Sarah esperou a que Rome entrasse no outro quarto para abrir a porta devagar. Transpassou a soleira, acendeu a luz e ficou imóvel um momento, olhando ao redor. Tudo estava igual ao dia do acidente: a leitura de Diane sobre a mesinha de cabeceira, a camisola aos pés da cama... Rome não tinha dormido nenhuma só noite ali desde a morte de sua esposa.

Sarah tirou a caixa do armário e se sentou no chão para revisar seu conteúdo. As lágrimas lhe nublaram a vista ao contemplar a primeira foto dela com Diane. Céus, se tanta agonia lhe produzia perder a uma amiga, que dor não sentiria Rome? Tinha perdido a sua esposa e a seus dois filhos.

Sarah e Diane tinham sido amigas íntimas do colégio. Diane tinha sido uma dínamo humana, uma jovem alegre e brincalhona que tinha levado da mão a Sarah, mais reservada.

De olhos azuis cintilantes e cachos de cor mel, seu entusiasmo pela vida sempre tinha resultado contagioso. Quantos projetos tinha forjado! Não pensava casar-se nunca. Converteria-se em uma célebre costureira e viajaria por todo mundo. Sarah só tinha sonhado tendo uma família de verdade, uma família amorosa. Em algum ponto de suas vidas, permutaram-se os papéis.

Diane se apaixonou por um prometedouro executivo de olhos escuros que trabalhava na mesma empresa que Sarah e, desde esse momento, Sarah soube que seu sonho nunca se faria realidade. Diane não tinha duvidado em renunciar a seu glamoroso futuro como costureira em troca de Rome Matthews, de seus dois adoráveis e adorados filhos e do amor com que a envolviam. Sarah se tinha entregue em silêncio a seu trabalho, que era seu único consolo.

Tinha tentado não amar ao Rome, mas logo descobriu que não era fácil controlar as emoções. Desde não havê-lo amado antes de que Diane o conhecesse, poderia ter posto freio a seus sentimentos, mas foi desde o começo. Desde que o conheceu, soube que, para ela, sempre seria algo mais que um colega. Eram seus olhos, pensou Sarah, tão escuros e profundos... uns olhos que ardiam com uma intensidade própria. Roman Caldwell Matthews não era nenhum afemine. Tinha impulso e ambição, além de uma inteligência privilegiada com a que tinha subido na executiva da empresa como um foguete. Sim, não era formoso: seu rosto tinha um ar tosco e um tanto castigado; os maçãs do rosto eram muito altas; o proeminente nariz conservava a seqüela de uma fratura; e tinha uma mandíbula sólida como o granito. Era um homem capaz de lançar-se à vida e de amoldá-la a seu gosto. Sempre tinha tratado a Sara com amabilidade, mas ela sabia que era muito pálida e calada para interessar a um homem com uma personalidade tão arrebatadora.

Mesmo assim, o verão em que convidou Diane ao piquenique da empresa, não imaginou que Rome, nada mais ver a beleza vibrante de Diane, reclamaria-a para si. Mas assim foi, e Diane e Rome se casaram cinco meses mais tarde. Justin nasceu três meses depois de seu primeiro aniversário e Shane, dois anos depois. Dois meninos preciosos, com o atrativo de sua mãe e a determinação de seu pai, e Sarah os tinha querido porque eram os filhos de Rome.

Manteve-se unida a Diane, mas sempre tinha tomado cuidado de não roubar tempo à família. Rome viajava muito, e Sarah tinha limitado suas visitas aos dias em que ele estava fora da cidade. Não sabia dizer por que, mas intuía que Rome tinha reprovado sua amizade com Diane, embora, que ela soubesse, nunca se tinha mani-festado a respeito. Possivelmente só fora que Sarah despertava antipatia nele, embora nunca tinha feito nada para merecê-la. Tinha tentado manter-se à margem e nunca, nunca, tinha revelado a Diane seus sentimentos para seu marido. Não tinha sentido, só teria servido para afligir a Diane e para que sua amizade se desin-tegrasse.

Sarah tinha saído com outros homens, e ainda o fazia, mas sem comprometer-se com nenhum. Não teria sido justo respirar uma relação mais formal quando lhe resultaria impossível corres-ponder ao amor que pudessem lhe oferecer. Todos os que lhe perguntavam, em brincadeira, quando pensava casar-se, recebiam a mesma resposta: estava muito apaixonada por seu trabalho para lhe lavar as meias de nenhum homem. Era uma desculpa típica e acalmada com a que protegia seu frágil coração, mas também era uma mentira.

Nunca tinha desejado derrubar-se no trabalho, mas era o único que ficava. Com aquela farsa tinha enganado a todos... menos a si mesmo.

Rome tinha sido um marido e um pai abnegado. O acidente na rodovia, dois anos atrás, esteve a ponto de destruí-lo. E, de fato, tinha extinto sua alegria e o fogo ardente de seu olhar. Diane levava aos meninos ao colégio, quando um bêbado que retornava a sua casa na hora matutina saiu do sulco e se chocou de frente com ela. Se não tivesse morrido no ato, Sarah suspeitava que Rome o teria estrangulado com suas próprias mãos, tão funda tinha sido seu desespero ao receber a notícia.

Justin morreu no impacto; Shane, dois dias mais tarde. Duas semanas depois do acidente, Diane morreu sem ter saído do coma nem saber que tinha perdido a seus dois filhos. Durante essas duas semanas, Sarah passou a maior tempo possível velando a sua amiga, sustentando sua mão inerte e apressando-a para que lutasse por viver; embora suspeitou que Diane não queria despertar de seu sono letal. Rome tinha sido um elemento mais do cenário, sentado ao outro lado da cama, sustentando a mão que luzia a aliança, com o rosto cinzento, cansado e impenetrável.

Diane tinha sido sua única esperança, a última fresta de luz de sua vida, e aquela frágil chama titilou e se apagou, sumindo na escuridão.

Sarah foi passando uma a uma todas as fotografias, nas que ela e Diane apareciam em diferentes fases de sua infância e adolescência, embora também havia retratos dos meninos no berço, dando seus primeiros passos e brincando de correr com energia. Rome aparecia em algumas das imagens jogando com seus filhos, lavando o carro, serrando a grama, realizando os trabalhos próprios de um pai e de um marido. Em uma delas, Rome estava convexo de barriga para cima sobre a erva, vestido unicamente com uns jeans curtos, sustentando em alto ao Justin. Seus braços morenos e fortes suportavam com firmeza o peso do pequeno, e era evidente que o menino se sentia a salvo nas mãos de seu pai, porque chiava de prazer. Sobre a erva, junto a eles, Shane tentava ficar em pé, e tinha fechado uma minúscula mão gordinha em torno do pêlo do peito do Rome em um intento por endireitar-se.

- Vê algo interessante?

A pergunta a sobressaltou, e a fotografia escorregou de seus dedos e caiu na caixa. Sarah compreendeu que Rome fazia a pergunta em geral, que não tinha reparado no angustiante desejo com que ela contemplava sua fotografia mas, mesmo assim, seus enigmáticos olhos verdes brilharam com receio enquanto ficava em pé e se alisava a saia.

- Sim. Levarei a caixa. Há muitas fotografias de Diane e dos meninos... se a ti não...

- Leva-lhe isso - disse Rome com aspereza, e entrou no dormitório. Deteve-se no centro e passeou o olhar pela habitação, como se nunca tivesse estado ali.

Tinha uma expressão sombria, e sua boca parecia incapaz de voltar a sorrir. Às vezes sim sorria, pensou Sarah, em certa medida, mas era uma careta cortês mais que uma expressão de bom humor. A risada nunca se refletia em seus olhos, nem se acendia o fogo antes patente neles.

Rome afundou as mãos nos bolsos dos jeans, como se tivesse que fazer algo para não fechar os punhos. Tinha os ombros contraídos, como se estivesse lutando contra as lembranças que evocava aquela habitação. Tinha dormido com Diane naquela cama, fazia amor com ela, tinha jogado com os meninos os sábados pela manhã quando corriam a despertá-lo. Sarah se apressou a recolher a caixa e desviou o olhar de Rome para não ter que presenciar sua angústia. A angústia era tanto de Rome como dela. Amava-o o bastante para desejar que recuperasse a Diane e assim voltasse a sorrir. De todas as formas, sempre seria de Diane, porque Rome não tinha deixado de amá-la. Ainda chorava sua morte, ainda sofria por sua perda.

- Terminei no quarto dos meninos -disse com voz remota. - Já guardei todo e... - lhe atou a voz, e ao Sarah lhe encolheu o coração. Rome inspirou com aspereza e lutou por manter o controle.

De repente, seu rosto se distorceu pela raiva, girou em redondo e deu um murro na penteadeira; os frascos de perfume e os cosméticos que salpicavam a superfície tremeram com estrépito.

- Deus! Quantas vidas malogradas! -amaldiçoou com virulência e, depois, quando seu corpo cedeu sob o peso da fúria e a dor, agarrou-se a penteadeira. Até que não lhe tinham arrebatado a sua família, Rome nunca tinha conhecido o fracasso.

A morte era definitiva, permanente, sobrevinha sem prévio aviso... e tinha destruído a vida que ele tinha criado para si.

- Em certo sentido, perder aos meninos foi pior que perder a Diane - disse com voz apagada. - Eram tão jovens, não tinham tido oportunidade de viver. Não chegaram a jogar na equipe do colégio, nem a ir à universidade, nem a beijar a suas namoradas pela primeira vez. Não fizeram amor, nem viram nascer a seus filhos. Não lhes deu tempo.

Sarah apertou a caixa contra seu peito.

- Justin beijou a sua namorada - disse com voz trêmula, e esboçou um pequeno sorriso apesar da dor. - Chamava-se Jennifer. Havia quatro Jennifer em sua classe, mas me assegurou que sua Jennifer era "a mais bonita. Plantou-lhe um beijo nos lábios e lhe pediu que se casasse com ele, mas ela se assustou e saiu correndo. Justin me disse que ainda não estava preparada para casar-se, mas que não lhe tiraria o olho de cima. Essas foram suas palavras exatas - acrescentou Sarah, e proferiu uma gargalhada.

Tinha imitado a maneira de falar de Justin, zombadora e brusca para um menino de sete anos, e Rome sorriu. Olhou-a e, de repente, seus olhos quase negros lançaram brilhos dourados. Proferiu um som afogado e, depois, prorrompeu em gargalhadas. Até jogou a cabeça morena para trás para dar passo a aquela risada grave e saudável.

- Meu Deus, era duro de cortar - riu Rome entre dentes. - A pobre Jennifer não teria tido escapatória.

Como tampouco a tinha a pobre Sarah. Justin tinha herdado seu rude encanto de seu pai. O coração lhe deu um tombo para ouvir sua risada, as primeiras gargalhadas autênticas que tinham emerso de sua garganta em dois anos. Rome não tinha falado dos meninos, nem de Diane, desde o acidente. Tinha guardado sob chave todas as lembranças e a dor, como se, de outra forma, nem sequer tivesse podido realizar as funções mais básicas.

Sarah trocou de postura, ainda com a caixa nos braços.

- As fotografias... Se alguma vez as quiser, são tuas.

- Obrigado - Rome encolheu os ombros, como se quisesse relaxá-los. - Está sendo mais difícil do que acreditava. Segue sendo... quase insuportável.

Sarah baixou a cabeça, incapaz de responder ou de olhá-lo sem tornar-se a chorar. Estava sendo uma experiência tão traumática, que começava a duvidar de sua própria capacidade de superá-la, mas não queria ficar mais difícil. Se Rome punha-se a chorar, ela morreria no ato. Uma parte da agonia que havia sentido depois do acidente era pelo Rome, porque sabia o muito que estava sofrendo. Nem sequer tinha sido capaz de rodeá-lo com o braço em nenhum dos atos religiosos; Rome se tinha mantido erguido e rígido, com a cara pálida e a expressão retraída, isolado pela dor de todos os que o rodeavam.

Quando Sarah elevou a vista, Rome estava sentado sobre a cama em que tinha dormido com Diane, e sustentava a camisola de seda em suas fortes mãos. Estava cabisbaixo, e deslizava a seda entre os dedos uma e outra vez.

- Rome... - Sarah se interrompeu, sem saber o que dizer. O que podia dizer?

- Ainda me acordo de noite e a busco na escuridão - disse com aspereza. "- Esta é a camisola que usava a última noite que estivemos juntos, a última noite que lhe fiz amor. Não acostumo a não tê-la a meu lado. É um vazio que sangra que não desaparece por mais mulheres que possua.

Sarah proferiu uma exclamação e abriu de par em par seus olhos verdes como o Nilo, antes de fechar as pálpebras com força.

- Surpreende-te, Sarah, que tenha estado com outras mulheres? Fui fiel a Diane durante oito anos, nem sequer beijei a outra mulher embora, às vezes, quando estava de viagem, jazia acordado na cama toda a noite, agonizando por uma mulher. Mas ninguém mais servia, tinha que ser ela. Assim a esperava voltar para casa, e não pegávamos o olho em toda a noite.

Sarah retrocedeu ao sentir a punhalada que lhe tinham atirado aquelas palavras. Não queria ouvi-lo. Sempre tinha procu-rado não pensar no Rome na cama com Diane, não invejar a sua amiga, e se tinha esforçado

sem cessar por impedir que o ciúmes estragassem sua amizade. Tinha-o obtido quando Diane vivia, mas as palavras do Rome lhe estavam rasgando a alma; faziam surgir imagens em sua cabeça que Sarah não queria ver. Deu-lhe as costas para não ouvir o que dizia. A cama rangeu e, de repente, Rome a estava agarrando pelos braços e obrigando-a a olhá-lo. Tinha a cara pálida e cheia de raiva, e lhe pulsava o pulso na têmpora.

- O que acontece, Santa Sarah? Está tão enclausurada em seu convento mental que não suporta ouvir falar de pessoas normais que desfrutam do pecaminoso prazer do sexo? - grunhiu, e Sarah ficou gelada em suas mãos, atônita pela fúria que tinha estalado nele. Vagamente, compreendeu que não estava zangado com ela, a não ser com o destino que lhe tinha arrebatado a sua esposa e o tinha deixado com os braços vazios mas, mesmo assim, Rome, iracundo, era um homem temível.

Sacudiu-a, como se quisesse castigá-la por estar viva e morna, quando Diane se foi para sempre.

- Sigo sem poder dormir com outra mulher -disse com voz áspera pela dor. - Não me refiro ao sexo. Deitei-me com outra mulher apenas dois meses depois da morte de Diane, e me aborreci por isso à manhã seguinte... diabos, assim que terminei. Senti-me como se lhe tivesse sido infiel, e tão culpado, que retornei a meu quarto do hotel e vomitei. Nem sequer desfrutei de muito, mas na noite seguinte, repeti, para me sentir culpado outra vez. Tentei me castigar, me fazer pagar por estar vivo quando ela estava morta. Houve muitas mulheres depois. Quando... necessito de sexo, sempre há uma mulher disposta a ficar comigo. Necessito de sexo e o estive praticando, mas não posso dormir com elas. Quando se termina, tenho que ir. Ainda me considero o marido de Diane, e não posso dormir com nenhuma outra mulher que não seja ela.

Sarah se sentia asfixiada, suspensa no tempo por aquelas mãos fortes, pela carícia do fôlego quente de Rome na bochecha e pela proximidade de seu rosto furioso. Sarah se liberou de seu aprisionamento e fechou os punhos. Não suportava ouvir as intimidades de Rome com outra mulher, com nenhuma mulher. Lançou-lhe um olhar frenético de desespero, mas ele não se deu conta. Com um gemido, Rome se fincou de joelhos no chão, enterrou o rosto entre as mãos e se estremeceu.

Não havia suficiente oxigênio na habitação. Sarah ofegou, sentia como seus pulmões se trabalhavam em excesso trabalho-samente para tomar ar; dava-lhe voltas a cabeça, como se fora a desmaiar-se, mas não o fez. Sem saber como, surpreendeu-se caindo de joelhos junto a Rome e o abraçou, como tantas vezes tinha ansiado fazê-lo. Imediatamente, os braços fortes do Rome se fecharam em torno dela e a estreitaram até quase lhe romper as costelas. Rome enterrou o rosto entre seus suaves seios e chorou, uns soluços dilaceradores que sacudiram todo seu corpo. Sarah lhe acariciou o cabelo e lhe deixou chorar; tinha direito a desafogar-se, tinha vivido muito tempo sem compartilhar com ninguém sua dor. Ela também tinha o rosto úmido, mas não reparou nas lágrimas ardentes que empanavam sua visão. Quão único importava era Rome, e o balançou com suavidade, sem pronunciar uma palavra, com sua presença como único escudo contra a amarga solidão que tinha convertido em um deserto gelado o coração do Rome.

Pouco a pouco se tranqüilizou; aproximou-se mais a ela e moveu as mãos pelas costas de Sarah. Ao inspirar fundo, seu sólido peito se inflamava, e Sarah sentia o calor de suas exalações nos seios. Seus mamilos se contraíram de forma automática e vergonhosa, ocultos sob a blusa de seda e o sutiã de encaixe, e não pôde evitar fechar os dedos em torno das mechas do Rome.

Rome elevou a cabeça. Tinha os olhos úmidos, mas sua íris se obscureceram de tal forma que não havia rastro de marrom neles. Olhou-a

nos olhos, alongou a mão e lhe secou com ternura as lágrimas das bochechas com o polegar.

- Sarah - suspirou, e uniu seus lábios aos dela.

Sarah ficou imóvel e deixou de respirar no momento em que, com aquele leve roçar de lábios, foram respondidas todas suas preces. Apoiou as mãos nos ombros do Rome e afundou as unhas nos músculos que conformavam sua férrea compleição. Era um simples beijo de agradecimento, mas se abriu um oco em seu estômago e o sangue deixou de fluir por sua cabeça, tão intenso foi o prazer que a assaltou. Inclinou-se sobre ele, e seu corpo torneado entrou em contato com o de Rome do ombro até a coxa, ajoelhados como estavam no chão. Ela sustentou de forma automática, estreitando as curvas femininas de seu corpo entre seus poderosos braços.

Rome se afastou e a olhou outra vez. A expressão de seus olhos se intensificou e refletia um ardente desejo. Era muito homem para não reconhecer sua reação de mulher. Baixou a vista aos lábios trêmulos e generosos de Sarah e ela os entreabriu. O instinto o impulsionou a baixar a cabeça para voltar a beber de sua doçura. Naquela ocasião, o contato não foi leve; foi um beijo faminto, feroz, possessivo. Sarah gemeu, e ele afundou a língua em sua boca com autoridade e desejo masculinos. Sarah esteve a ponto de fazer-se pedacinhos de puro prazer. Rome a apertou contra ele e a arrastou ao chão. Sarah sentiu vertigem: aquilo se parecia tanto aos contados sonhos proibidos que tinha albergado que se esqueceu de onde estavam, esqueceu-se de tudo salvo do homem que se inclinava sobre ela com boca ardente e cheia de paixão. Comunicou-lhe sua resposta lhe cravando as unhas, arqueando sua figura cálida, procurando o peso embriagador de seu corpo.

Não havia sensação de tempo ou de espaço, só uma espiral de necessidade física que flamejou entre eles, inesperada e fora de controle. Rome lhe acariciou os seios, deslizou as mãos por debaixo da saia para lhe esfregar as coxas e a acariciar de forma íntima, e ela proferiu um gemido silencioso. Nenhuma palavra de protesto emergiu na mente de Sarah. Deixou que Rome fizesse o que quisesse, alheia a tudo menos ao prazer que geravam aquelas mãos peritas. Rome conhecia as mulheres, e sua destreza a avivava. Ofereceu seu corpo esbelto para desfrute de Rome sem pensar em nada salvo em quão prazenteiro era estar em seus braços, conhecer seus beijos e suas carícias.

Rome se levantou com ela em braços; o corpo ligeiro do Sarah era uma pluma para seus poderosos músculos. Com passo rápido, aproximou-se da cama e a deixou estendida sobre a colcha, e com um grunhido desceu sobre ela, separou-lhe as pernas com o joelho e se acomodou entre suas coxas com um movimento tão natural e básico como respirar.

Sarah se agarrou a ele, aturdida pelo ânsia suscitada pelo Rome, e o beijou com lábios tenros e ferventes. Fazia tanto tempo que o amava, e era como se todos os desejos pedidos às estrelas fugazes se estivessem cumprindo... ia deixar lhe que fizesse com ela o que quisesse, e sabia o que Rome ansiava. Podia sentir como apertava sua virilidade contra ela. Os objetos que os separavam eram insofríveis, barreiras que se interpunham entre suas carnes trêmulas.

De repente, no momento menos pensado, o paraíso terminou. Rome ficou rígido, afastou-se, sentou-se na borda da cama e enterrou a cabeça entre as mãos.

- Maldita seja - disse com voz grossa, carregada de desagrado. - Dizia ser sua amiga, mas está pulando com seu marido em sua cama.

Aturdida, Sarah se incorporou, alisou-se a roupa e se retirou o cabelo dos olhos. Ouviu a acusação na voz do Rome e descobriu que era incapaz de zangar-se com ele. Compreendia o culpado que se sentia, e o vulnerável que estava depois da tormenta de emoções que acabava de sacudi-la.

- Era sua melhor amiga - disse com voz trêmula.

- Pois não te comporta como tal!

Sarah se levantou com pernas cambaleantes.

- Nós dois estamos um pouco alterados - disse à cabeça encurvada do Rome, também com voz igual de cambaleante. - e perdemos um pouco o controle. Queria a Diane como a uma irmã, e eu também sinto falta dela - começou a retroceder, incapaz de permanecer ali um momento mais. Tinha transbordado seu limite de tolerância por uma noite, e balbuciava sem tom nem som. - Não temos por que nos sentirmos culpados, não houve nada sexual em tudo isto. Nós dois estávamos afligidos...

Rome se levantou da cama dando um coice.

- Nada sexual? E um corno! Estava entre suas pernas! Um minuto mais, e estaria dentro de você. Como o teria chamado então? Nos teríamos estado nos "consolando"? Deus, não reconheceria o sexo embora o tivesse diante de seu nariz. - É todo um iceberg, não sabe nada dos homens nem do que querem!

Sarah girou em redondo, com a cara branca e olhar de angústia. Tremiam-lhe os lábios.

- É injusto - sussurrou, e saiu disparada para a porta. Desceu a toda pressa as escadas antes inclusive de dar-se conta de que se ia. Com um rugido, Rome correu atrás dela.

- Sarah! - gritou com fúria, e chegou à porta principal justo quando ela arrancava seu pequeno carro vermelho.

Os pneus chiaram sobre o cimento enquanto saía em marcha atrás à rua. Rome ficou de pé na soleira, contemplando o e resplendor avermelhado das luzes de posição até que desapa-receram; depois, deu uma portada e amaldiçoou com violência durante vários minutos.

Advertiu que Sarah se deixou a jaqueta do traje e a recolheu. Maldição! Como tinha sido capaz de insultá-la daquela maneira? Sarah tinha razão, tinha sido injusto. Descarregou-se com ela pela culpa que sentia, não só pelo ocorrido aquela noite mas sim por todos os anos que tinha passado olhando-a e desejando levá-la à cama, em que pese a que era a melhor amiga de Diane.

Rome contemplou a jaqueta de linho que tinha nas mãos e apertou os lábios. Não era consciente Sarah da provocação que constituía para um homem? Era tão serena, pálida e distante, tão reservada... Vivia entregue a sua profissão, e deixava bem claro que não necessitava a nenhum homem salvo como companhia esporádica. Havia-se comentado durante anos que tinha sido amante do presidente da junta diretiva, mas Diane nunca acreditou, e ele se confiava em seu critério. Diane pensava, mas bem, que tinha sofrido um desengano amoroso mas, como havia dito em mais de uma ocasião, Sarah era água quieta mais profunda.

Rome evocou a primeira vez que tinha desejado a Sarah; foi em seu próprio casamento. Estava impaciente por partir com Diane quando a viu, de pé, um pouco separada do resto, como freqüentemente parecia estar, com o cabelo loiro platino recolhido no alto da cabeça e uma expressão educada em sua cara pálida. Alguma vez estava furiosa ou despeteada? perguntou-se ao vê-la Agitada? Imaginou o aspecto que teria se estivesse na cama com ele, com o cabelo esbranquiçado emaranhado pelo frenesi da paixão, os lábios vermelhos e cheios por seus beijos, o corpo esbelto úmido pela transpiração. Seu próprio corpo se havia posto tenso de repente, sacudido pelo ânsia, e teve que dar a volta para dissimular seu estado. Quanto rancor tinha alimentado para ela, porque inclusive enquanto se casava com o Diane, tinha estado desejando a Sarah!

Os anos não tinham alterado a situação. Ela sempre se mostrava altiva e distante com ele e nunca tinha visitado a Diane estando ele em casa. Rome amava a Diane, tinha-lhe sido fiel, havia-se sentido completamente satisfeito com ela na cama; mas, em algum canto de sua

mente, sempre tinha albergado a noção de que desejava a Sarah. Se ela se tivesse insinuado, teria se mantido fiel a Diane? Queria pensar que sim, mas não podia estar seguro. O que tinha passado a primeira vez que tinha beijado a Sarah? Tinha estado a ponto de possuí-la ali mesmo, no chão, mas um instante de preocupação por sua suave pele o tinha impulsionado a levá-la à cama, e aquela fissura em sua concentração era o que, ao final, tinha-o freiado. Mas Sarah não tinha estado fria e reservada em seus braços, a não ser cálida e efusiva, e tinha aberto as pernas para ele sem vacilação. Suas bochechas se ruborizaram, e uns quantos mechas finas de cabelo tinham escapado a seu fechamento para frisar-se de forma sensual sobre suas têmporas.

Assim era como a desejava: com sua imagem impecável e altiva feita pedacinhos. Em uma ocasião, ao retornar logo a casa de uma viagem, tinha-a visto na piscina com o Diane e os meninos. Sarah ria e brincava como uma menina, e pela primeira vez a viu com o cabelo solto, flutuando a seu redor como um halo. Rome vestiu o traje de banho e saiu à piscina, mas assim que fez ato de presença, Sarah deixou de rir. Fez-o com muita naturalidade, mas se desculpou ante Diane, saiu da água e se secou depressa antes de vestir uns jeans curtos puídos que realçavam suas pernas longas e torneadas. Vê-la com aquele biquíni amarelo pálido o tinha excitado tanto que teve que atirar-se de cabeça à água e, quando emergiu, ela já se afastava com passo rápido.

Um homem não poderia ter pedido uma esposa melhor que Diane, nem mais carinhosa. Mas, face ao muito que a amava, face ao muito que ainda ansiava tê-la entre seus braços, desejava a Sarah. Não se tratava de amor; não havia capacidade para emoções sutis. A atração que sentia por ela era estritamente física. Tinha-a repreendido porque com ela, o sexo era uma infidelidade mas grave que com as demais mulheres sem rosto nem nome. Tinham sido meros corpos, sem personalidade. Mas conhecia Sarah, e não podia apagar sua identidade da cabeça. Queria deitar-se com ela, queria contemplar como se retorcia com desenfreno baixo seu corpo, queria ouvir como pronunciava seu nome no ardor da paixão. E era a melhor amiga de Diane.

Horas depois, Sarah se encolheu, aturdida, e entre os lençóis, esgotadas as lágrimas, mas não podia dormir. Parecia migalhas, com o coração destroçado. Quando soou o telefone, sentiu-se tentada a não responder, porque, fosse quem fosse, não gostaria de falar com ninguém. Mas uma chamada às duas da madrugada podia ser uma emergência, assim acabou estirando o braço o para atender. Quando respondeu, fez uma careta para ouvir sua própria voz, ainda grossa pelas lágrimas derramadas.

- Sarah, não pretendia...

- Não quero falar contigo - interrompeu-o, porque o som daquela voz grave fez farrapos o frágil controle que tinha recuperado sobre suas emoções, e se pôs-se a chorar outra vez. Os suaves soluços impregnavam sua voz, apesar de seus intentos por ocultá-los. - Pode ser que não saiba nada sobre os homens, mas você não sabe nada sobre mim. Não quero falar contigo, ouve-me?

- Deus, está chorando - Rome gemeu com suavidade, um som áspero e masculino que a embargou a partes iguais de desejo e dor.

- Hei dito que não quero falar contigo!

- Não desligue! - exclamou Rome com repentina ira, ao adivinhar suas intenções; mas Sarah desligou de todas as formas, enterrou o rosto no travesseiro e chorou até que sentiu os olhos ressecados e ardidos.

- Não sabe nada sobre mim - disse em voz alta, na escuridão.

Capítulo 2

Alegrou-se de que o dia seguinte fosse sábado, porque depois de passar a noite alternativamente chorando e contemplando o teto, levantou-se tarde e cansada, com pálpebras pesadas e movimentos lentos. Fez um esforço por realizar as tarefas rotineiras da casa, mas no meio da tarde se deixou cair sobre o sofá, muito cansada e abatida para ocupar-se de nada mais. Tinha que comprar comida, mas era superior a suas forças. Um rápido inventário mental de suas provisões a tranqüilizou: não morreria de fome, ao menos durante um par de dias.

Soou o timbre da porta, e Sarah foi abrir sem pensar. Nada mais ver o rosto sombrio do Rome, foi presa pelo desespero. Não poderia ter esperado até na segunda-feira? Ela se terá recuperado para então e não estaria em desvantagem. Nem sequer desfrutava de do consolo de estar bem vestida. O cabelo lhe caía livremente pelas costas, usava uns jeans velhos, rodeados e descoloridos, e o pulôver folgado que se pôs deixaria transluzir que não usava sutiã.

Reprimiu o impulso de cruzar os braços, em particular quando Rome a olhou de cima abaixo, do rosto isento de maquiagem até os pés embainhados em meias três-quartos azuis.

- Me convide a entrar - ordenou-lhe, com voz mais grave do habitual.

Sarah não pronunciou um convite verbal, não podia. Deu um passo atrás e abriu a porta de par em par, e Rome entrou no salão. Levava um traje informal: umas calças de vestir torrados e um pulôver azul com um par de botões no pescoço.

- Sente-se - convidou-o, quando por fim acertou a falar. Rome se sentou no sofá e ela ocupou a poltrona que estava justo em frente, incapaz de travar conversação, à espera de que ele dissipasse a tensão falando.

Rome não era consciente da tensão; o aspecto de Sarah o tinha desconcertado e lhe estava custando assimilar aquela nova faceta de sua personalidade. Esperava encontrá-la vestida com saltos, calças negras de vestir e uma blusa de seda, e com uma máscara de frieza como barreira entre eles. Em troca estava muito juvenil, relaxada e atrativa com aquela roupa velha e cômoda. Tinha a figura e o porte aristocrático e gracioso que lhe permitiam luzir qualquer objeto, inclusive um velho pulôver, com naturalidade e elegância. Sabia que era da mesma idade que Diane, assim devia ter trinta e três anos, mas a frescura de seu rosto lhe tirava ao menos dez anos de cima. Assim era como freqüentemente a tinha imaginado ou, ao menos, era uma variante de seu pensamento. Não havia rastro da pose de indiferença que tinha esperado encontrar, e compreendeu que Sarah estava em inferioridade de condições. Com fruição, voltou a contemplá-la dos pés a cabeça, e seu olhar se posou na liberdade dos seios sob o pulôver; para surpresa e crescente desejo do Rome, um quente rubor cobriu suas bochechas.

- Lamento sobre ontem à noite - disse com brutalidade. - Ao menos, o que falei. Não lamento te haver beijado, nem ter estado a ponto de me deitar contigo.

Sarah baixou os olhos, incapaz de sustentar o olhar intenso do Rome.

- Entendo-o. Nós dois estávamos...

- Afligidos. Sei - remediou a interrupção com um meio sorriso. - Mas, aflito ou não, a segunda vez te beijei porque queria te beijar. Eu

gostaria de ver-te, te convidar para jantar, se pode me perdoar pelo que disse.

Sarah se umedeceu os lábios. Em parte, queria aproveitar a oportunidade, qualquer oportunidade, para estar com ele, mas ao mesmo tempo sentia receio, medo de sofrer.

- Não acredito que seja uma boa idéia - disse por fim, arrancando as palavras de sua garganta ressecada. - Diane... Sempre teria presente a Diane.

Os olhos do Rome enegreceram de dor.

- E eu. Mas não posso deixar me morrer com ela; a vida segue. Você me atrai e te serei sincero, sempre me atraíste - passou-se a mão com desgosto pelo cabelo, transtornando a mecha que estava acostumado a cair sobre a testa. - Maldita seja, não sei - resmungou, confuso, - mas ontem à noite, pela primeira vez, pude falar sobre eles. Você os conhecia e você o entende. Me reviro por dentro, mas posso me justificar contigo. Por favor, Sarah, foi amiga do Diane. Seja agora minha amiga.

Sarah conteve o fôlego e o olhou, desolada. Que ironia que o homem que amava desde fazia anos lhe suplicasse sua amizade porque sentia que podia falar com ela sobre sua falecida esposa! Pela primeira vez, albergou rancor para Diane, odiou-a pelo poder que exercia sobre o Rome, um poder que não tinha diminuído nem sequer depois de sua morte. Mas como podia lhe dizer que não quando a olhava com tanto desespero? Como podia opor-se pedisse o que pedisse? A crua verdade era que não podia lhe negar nada.

- Está bem - sussurrou.

Rome ficou imóvel durante um momento; então, assimilou a resposta e fechou os olhos com alívio. E se ela se negasse? Em certo sentido, não podia compreendê-lo, mas era vital para ele que não o rechaçasse. Era seu último vínculo com Diane e, mais ainda, a noite anterior tinha quebrado o gelo que a rodeava e tinha descoberto que não era absolutamente fria. Queria fazê-lo outra vez. A perspectiva de avivá-la dificultou sua respiração e agitou seu entreperna.

Para distrair-se de seu crescente desejo, passeou o olhar pelo apartamento e, uma vez mais, surpreendeu-se. Não havia cromo nem cristal, só texturas confortáveis e cores relaxantes. Os móveis eram robustos e amaciados, tentadores para um corpo cansado. Rome desejou esticar-se sobre o sofá, o bastante comprido para dar capacidade a suas pernas, e ver uma partida de beisebol na televisão enquanto mastigava pipocas de milho recém feitas e salgadas e sustentava uma lata de cerveja geada na mão: assim era de acolhedora a habitação. Ali, pensou, era onde Sarah se soltava o cabelo, literalmente, e admirou com prazer a cabeleira pálida. Quando o recolhia em um severo coque para ir trabalhar, anulava qualquer indício de cacho, mas Rome comprovou naqueles momentos que não tinha o cabelo liso. As pontas tinham a tendência de formar cachos vaporosos e cheios. Era tão loira que o deixava sem fôlego.

- Eu gosto desta habitação - declarou, com os olhos cravados nela.

Sarah olhou ao redor com nervosismo, consciente do muito que revelava sobre si mesmo o entorno que tinha criado como refúgio. Tinha crescido em uma casa com todas as comodidades, mas desprovida de amor. Sempre impecável, tinha sido concebida à perfeição por um desenhista de interiores que cobrava uma atrocidade, mas sua frieza lhe tinha produzido a Sarah calafrios, e tinha inventado desculpas, inclusive desde menina, para fugir dali. A frieza era um reflexo da hostilidade do homem e da mulher que a habitavam, ambos tão amargurados por estar apanhados em um matrimônio sem amor que não tinham prodigalizado afeto nem risadas à filha que, embora inocente, era a corrente que os mantinha atados.

Quando por fim se divorciaram, apenas semanas depois de que Sarah entrasse na universidade, foi um alívio para os três. Como nunca se havia

sentido unida a seus pais, a partir de então, distanciou-se ainda mais. Sua mãe tornou a se casar e vivia nas Bermudas; seu pai também tinha outra esposa e se mudou a Seattle e, à idade de cinquenta e sete anos, era o pai de um menino de seis anos.

O único exemplo de vida caseira que Sarah tinha conhecido o tinha procurado em Diane, primeiro com a casa de seus pais e, depois, com o lar que tinha criado com Rome. Diane tinha o dom de amar, uma corrente transbordante de afeto que era um ímã para os que a rodeavam.

Com a Diane, Sarah tinha rido e brincado, tinha vivido a adolescência como qualquer outra jovem, mas Diane já não estava. Ao menos, pensou Sarah com pesar, Diane tinha morrido sem saber que sua melhor amiga estava apaixonada por seu marido.

De repente, recordou as boas maneiras e ficou em pé com dificuldade.

- Sinto muito. Gostaria de beber algo?

"Uma cerveja fria", pensou Rome. "e pipocas salgadas". Apostava algo a que Sarah não bebia cerveja, mas podia imaginá-la encolhida a seu lado, saboreando um refresco e posando a mão em uma tigela de pipocas. Ela tampouco falaria durante a partida; mas durante os anúncios, Rome lhe levantaria a cabeça e a beijaria devagar, e lamperia o sal de seus lábios. Quando a partida terminasse, estaria tão acalorado que a faria sua ali mesmo, sobre o sofá, ou possivelmente no tapete, diante da televisão.

Sarah se moveu com desconforto, perguntando-se por que a olhava tão fixamente; levou-se a mão à bochecha, pensando que podia entrar um momento no dormitório e maquiarse um pouco. Algo seria melhor que nada.

- Não terá cerveja? - perguntou Rome com suavidade, sem deixar de olhá-la.

Apesar dele, Sarah riu ao ouvir a pergunta. Nunca tinha comprado cerveja na vida; quão único conhecia dela eram os anúncios pegajosos da televisão.

- Não, não tiveste sorte. Só pode escolher entre refrescos, água, chá ou leite.

Rome arqueou as sobrancelhas.

- Nada de álcool?

- Não bebo muito. Meu metabolismo não tolera o álcool. Na universidade, descobri que me embriagar me sai muito barato. Quando Sarah sorria, seu rosto se avivava e o deixava sem fôlego. Rome se moveu com desconforto. Maldição! Tudo o que fazia o fazia pensar no sexo.

- Acredito que me absterei de tomar nada, a não ser que me convide para jantar... - elevou as sobrancelhas a modo de pergunta. Sarah se deixou cair na poltrona, irritada pela liberdade que Rome se tomava com sua amizade recém-nascida. Como ia convidá-lo para jantar? Já era muito tarde e não tinha feito a compra. A comida mais consistente que podia lhe oferecer era sanduíches de manteiga de amendoins, e Rome não dava a impressão de ser viciado nos amendoins. O que gostava de comer? Desesperada-se tentou recordar as comidas de Diane, mas sua amiga tinha sido um desastre na cozinha e se limitou a preparar pratos simples, destinados a aplacar o apetite mais que a satisfazer suas preferências. Sarah era uma cozinheira excelente, mas havia um limite sobre o que podia preparar-se com o meio pacote de pão de molde e um frasco de manteiga de amendoins. Por fim, abriu as palmas das mãos com impotência.

- Não tenho a despensa vazia, mas quase. Posso te convidar para jantar, mas será um jantar tardio, porque primeiro tenho que sair para comprar.

A candura de Sarah o deleitou, e proferiu uma gargalhada sincera que iluminou seus olhos. Sarah conteve o fôlego. Certamente, não era lindo, mas, quando ria, Rome Matthews encantava a qualquer uma. Aquela risada aveludada lhe produziu um formigamento pelas costas, e se imaginou na

cama com ele na escuridão, depois de fazer amor. Falariam, e a voz do Rome a envolveria; suas ressonâncias lhe fariam sentir-se a salvo e protegida.

- E que tal se te convidar para jantar? - sugeriu, e Sarah compreendeu em seguida que essa tinha sido sua intenção desde o começo, mas que tinha querido torturá-la primeiro.

- Está bem - aceitou em voz baixa. - Gosta de algum tipo de comida em especial?

- Costeletas. Encontraremos as costeletas maiores de todo Texas. Não almocei nada - confessou.

Como estava tão faminto, jantaram logo.

Sarah se sentou frente a ele e mastigou a costeleta sem saboreá-la apenas, com a mente posta no Rome e em cada matiz de sua expressão, em cada palavra que articulava. Sentia-se desconcertada pelo giro que tinha tomado sua relação. Não podia acreditar que, estivesse jantando com ele, travando conversação, como se os momentos bruscos e abrasadores que tinha passado em seus braços a noite anterior não tivessem existido. Tinha jantado fora centenas de vezes, mas sempre com homens que não rasgavam seu véu de indiferença. Com o Rome não se sentia absolutamente indiferente, a não ser nua, exposta, embora era uma vulnerabilidade interior oculta atrás de sua expressão serena. Tinha os nervos de ponta e o coração desbocado. Mesmo assim, conseguiu cercar com o Rome uma conversação normal, e foi inevitável que acabassem falando do trabalho.

O chefe do Sarah, o senhor Graham, o primeiro vice-presidente, estava por cima do Rome em virtude de sua acusação, mas era um segredo a vozes que quando o senhor Edwards, o presidente da junta, aposentasse-se, Henry Graham não seria quem ocupasse seu lugar. Rome era jovem, mas era um estrategista empresarial brilhante e conhecia todas as facetas da companhia. Sarah pensava que estava soberanamente capacitado para ocupar uma acusação de tanta autoridade; tinha o temperamento, a inteligência e o carisma necessários para administrar a empresa. Desde que o conhecia, só o tinha visto perder os estribos uma vez no trabalho, e aquele acesso de ira tinha amedrontado a todos os pressente. Tinha gênio, mas o continha com mão de ferro. Por isso era tão surpreendente que tivesse perdido os estribos com ela a noite anterior, sem apenas provocação.

Ao princípio, Rome se manteve um tanto rígido, como se temesse ir-se da língua, mas com o passo das horas, relaxou-se, inclinou-se para frente sobre a mesa com interesse e fixou o olhar com intensidade no rosto de Sarah. Sarah não estava acostumado a expor voluntariamente suas opiniões, preferia observar; os anos de entrega a seu trabalho tinham proporcionado uma visão precisa sobre os mecanismos ocultos da política do escritório, e sobre os pontos fortes e fracos das pessoas com as que trabalhava. Com o Rome, sua acostumada cautela perdia força, apagava-se por completo de sua consciência. Abria-se a ele em todos os sentidos, muito feliz de poder desfrutar de sua companhia para pensar em proteger-se.

O rosto de Sarah, pelo geral remoto e hermético, animava-se à luz de sua atenção, e seus olhos verde Nilo perdiam suas sombras e destacavam-se de forma sedutora.

A conversa não se apagou quando a levou a casa, e estavam tão absortos que, quando Rome estacionou diante do bloco de apartamentos, permaneceram sentados no carro, como adolescentes resistentes a pôr fim ao encontro, em lugar de entrar em tomar café como expediente da noite.

As luzes banhavam com sua luz chapeada no interior do Mercedes, esfumando todos os matizes de cor exceto a negrume do cabelo e os olhos de Rome e o brilho pálido dos cabelos do Sarah. Parecia etérea à luz de lua artificial jogada pelas luzes, e sua voz ressonava com suavidade na escuridão.

Rome tomou sua mão sem prévio aviso.

- Passei-o bem. Fazia séculos que não podia falar com uma mulher. Não mantive nenhuma relação desde a morte de Diane. E não me refiro ao sexo - explicou-lhe com calma, - a não ser a travar amizade com uma mulher, falar com ela e desfrutar de sua companhia, me relaxar com ela. Acredito que isso é o que mais sentia falta. Esta noite... Enfim, sentei-me a gosto. Obrigado.

Sarah moveu a mão que Rome sustentava e lhe deu um apertão afetuoso.

- Para isso estão os amigos.

Acompanhou-a até seu apartamento. Sarah abriu a porta com a chave e colocou o braço no vestíbulo para acender a luz, antes de dar a volta para voltar a olhar ao Rome. Dirigiu-lhe um triste sorriso, porque lamentava que a noite terminasse. Tinha sido, sem exagerar, uma das noites mais agradáveis de sua vida.

- Boa noite. Passei uma noite muito bem - muito mais que bem. Tinha sido uma delícia.

- Boa noite.

Mas Rome não partiu. Permaneceu na soleira, contemplando-a com sobriedade. Levantou a mão e lhe acariciou a bochecha com o dedo indicador; depois, baixou-a para lhe rodear o queixo. Inclinou-se para ela, e Sarah ficou fraca de espera, abriu os olhos presa de um deleite febril. Ia beijá-la outra vez. Rome uniu sua boca a dela com suavidade, e acariciou com tenra destreza os lábios entreabertos e ofegantes de Sarah, embriagando-a com seu sabor quente. Sarah piscou e, por fim, fechou os olhos devagar. Com um zéfiro como suspiro, recostou-se sobre ele, e com o Rome não necessitou nenhum outro gesto de fôlego.

Aprisionou-a entre seus braços, apertou-a contra seu peito e aprofundou o beijo devagar, como se temesse ir muito depressa para ela, ou queria lhe dar tempo para aceitar ou rechaçar cada novo movimento.

Era impensável que o rechaçasse. A naturalidade de Sarah carecia da vontade de dizer que não ao Rome em nenhum sentido. O calor de seu corpo viril a abrasava através dos objetos, e era como uma baliza que a guiasse para ele. Rodeou-lhe o pescoço com os braços e aceitou, ansiosa, a intrusão mais íntima de sua língua. Um calor nu, ofegante, começou a crescer em seu interior, e desejou estar mais perto dele, fundir-se de tal maneira com o Rome que a carne dele fosse a sua.

As mãos do Rome se moveram, inquietas, pelas costas de Sarah, desejando a terra prometida, embora restringidas pelo firme controle que Rome exercia sobre si mesmo e a situação.

Sarah, que intuía que estava a salvo com ele, beijou-o com ânsia desinibida, sem lhe importar que de seu comportamento se desprendesse que sua atração para ele ia mais à frente do sexo. Mas o sexo com ele seria maravilhoso, pensou com sensação de vertigem, e se agarrou a ele. A destreza do Rome se transluzia em suas carícias firmes, mas suaves, na quietude com que abordava cada contato. Se a tivesse levado a cama naquele preciso instante, Sarah o teria seguido sem nem sequer murmurar um protesto.

Mas Rome cortou o beijo, embora suspirou e apoiou a testa na de Sarah durante um instante, antes de lhe baixar os braços e afastar-se.

- Agora, sim que é boa noite. Se isto seguir assim, acabarei em baixa forma, assim será melhor que pare. Verei-te na segunda-feira pela manhã, no escritório.

Sarah recuperou com rapidez a compostura, e se envolveu com ela como se fora uma capa.

Tratou de dissimular sua respiração entrecortada. Seu corpo se sentia traído, mas Rome tinha razão: deviam parar ou já não parariam.

- Sim, boa noite - sussurrou, antes de entrar em seu apartamento e fechar a porta sem fazer ruído.

Rome retornou ao carro, mas permaneceu sentado durante um longo momento antes de arrancá-lo e partir. Não, Sarah não era nada fria, em que pese a sua aparência e sua pose de princesa de gelo. Não lhe tinha feito graça ir-se; seus sentidos clamavam pelo consolo que encontraria em seu corpo suave e quente de mulher mas, não sem certa surpresa, tinha compreendido que não podia possuí-la com a mesma ligeireza com que havia possuído as outras mulheres nos últimos dois anos. Era a amiga de Diane, e Diane a tinha querido; sua consciência não lhe permitia tratá-la como um objeto sexual. Além disso, tinha desfrutado jantando com ela. Sarah tinha um agudo senso de humor, e quando se relaxava, estava realmente preciosa, com aqueles olhos cintilantes e seu suave sorriso. E quando o beijava, o fazia com sentimento.

Sua entrega incondicional tinha estado a ponto de lhe fazer perder a cabeça. Sentir seus suaves quadris apertados contra os dele bastava para que se esquecesse de tudo salvo do corpo quente e feminino que tinha nos braços. Longe de diminuir, o desejo físico que tinha sentido por ela durante anos, se intensificava à medida que ia conhecendo-a. Tinha visto seu cabelo loiro platinado como um halo resplandecente em torno de seus ombros e, naqueles momentos, desejava vê-lo em forma de leque sobre o travesseiro. Sarah o esperaria arremesso na cama, com o corpo, esbelto e gracioso, nu e os lábios cheios e trêmulos por seus beijos. Uma quebra de onda de possessividade lhe fez apertar os dentes, e pensou na ducha fria que teria que dar-se para poder dormir.

Se tivesse ficado com Sarah, já estaria depravado e sonolento, liberado de todas as tensões.

Mas Sarah não era uma mulher de usar e atirar. Não só porque trabalhavam juntos, mas sim porque desejava algo mais dela. Uma aventura de uma noite não bastaria; queria lhe arrancar todos seus segredos, estremecer uma e outra vez de prazer ao sentir o corpo doce e ardente de Sarah unido ao dele. Pensou em ter um romance com ela, mas se surpreendeu perguntando-se se um romance bastaria para satisfazê-lo. Queria conhecê-la por inteiro, queria fazer em pedacinhos seu sereno controle e averiguar mil e uma maneiras de lhe agradar.

Rome ia à deriva, e necessitava de Sarah mais do que alcançava a compreender, em todos os sentidos.

Não era só físico, descobriu de repente. Podia falar com ela; era inteligente e amena, mas também possuía o dom da serenidade que fazia possível desfrutar do silêncio em sua companhia. Quando contemplava as sombras de seus exóticos olhos verdes, tinha a sensação de que compreendia tudo, sem necessidade de falar. Mas era uma mulher entregue a sua profissão; tinha deixado muito claro ao longo dos anos que estava a gosto sozinha, sem um homem que monopolizasse seu tempo. Era provável que Sarah lhe parasse os pés ao menor sopro de seriedade em sua relação, assim devia ir devagar, lhe dar tempo para que se acostumassem a estar com ele. Entretanto, duvidava de sua capacidade de ir devagar quando Sarah se entregava a seus abraços e o beijava com tanto ardor. Desejava tombá-la sobre uma cama e beijá-la da cabeça aos pés, os dar de presente sentidos com suas curvas tersas e femininas. Mas, o que diria ela?

Talvez não rechaçaria a proposição de um romance. Depois de tudo, era uma mulher adulta e moderna e, a julgar por seu ardor, estava desejosa de deitar-se com ele, embora Rome sabia que Sarah mantinha sua vida privada à margem do trabalho. Isso seria um ponto em seu contrário, mas acabaria persuadindo-a. Não a apressaria, esperaria a que ela mesma baixasse o guarda. Não sabia dizer por que, mas tinha a sensação de que abrigava certo receio para ele. Possivelmente fosse receosa com todos os homens. Diane se tinha perguntado em voz alta várias vezes se Sarah não teria tido um namorico com um homem casado que a tivesse deixado marcada.

Sarah escondia bem sua vulnerabilidade, Rome se perguntou que homem teria sido tão idiota de gozar de toda aquela palidez gloriosa em sua cama e, logo, deixá-la escapar.

Sarah não esperava voltar a ter notícias do Rome aquele fim de semana, assim, quando ao dia seguinte pela tarde respondeu ao telefone e ouviu sua voz, estremeceu-se de prazer. Entretanto, Rome se adiantou a sua saudação.

- Sarah, Henry sofreu um enfarte, e bastante grave.

Atônita, Sarah esteve a ponto de soltar o telefone, mas o segurou com força. Seu chefe não parecia a típica pessoa afligida do coração. Era miúdo, enxuto e muito ativo. Era um viciado no golfe, fazia jogging todos os dias e, que Sarah recordasse, não cometia nenhum dos excessos desaconselhados pelos médicos. Não era tão dinâmico como Rome, mas Sarah sentia um grande afeto por ele.

- Viverá? - perguntou por fim, em voz baixa, sem rodeios.

- Está com um pé dentro e outro fora. Chamou-me sua esposa; agora mesmo estou no hospital - Sarah ouviu que alguém lhe dizia algo. - Espera um momento- Rome cobriu o microfone com a mão e suas palavras ficaram reduzidas a um matagal ininteligível de sons. Depois, dirigiu-se outra vez a ela, em tom brusco. - Henry se levou a casa vários informe para repassá-los durante o fim de semana, e os necessitaremos amanhã. Poderia ir recolhê-los a sua casa? A governanta te deixará passar.

- Sim, claro - aceitou Sarah de forma automática. - O que informe necessita?

- O estado de contas Sterne e o gráfico de crescimento previsto. Melhor, revisa toda a maleta e tira o que acha que possamos necessitar. Deixo-te, até amanhã.

- Mas, em que hospital...? - começou a dizer Sarah, mas o clique do telefone a interrompeu.

Bom, não podia fazer nada, de todas as formas. Ao dia seguinte teria mais notícias sobre seu chefe, e possivelmente o prognóstico seria menos difuso que "com um pé dentro e outro fora". Afligida pela repentina enfermidade do senhor Graham, penteou-se depressa e se dirigiu de carro até sua casa. Obedecendo instruções a governanta a deixou passar, e a minúscula mulher contou a Sarah os detalhes. O senhor Graham se levantou com bom aspecto, e tinha jogado nove fossas ao golfe. Depois do almoço se queixou de dores no braço esquerdo até que, de repente, sofreu o ataque.

- Estas coisas podem ocorrer em qualquer momento - disse a governanta com solenidade enquanto movia a cabeça. - Nunca se sabe.

- Não, nunca se sabe - concordou Sarah.

Foi à manhã seguinte, quando a convocaram a uma reunião extraordinária no escritório do senhor Edwards, quando Sarah compreendeu que o enfarte do senhor Graham poderia afetar de forma drástica a seu trabalho. Rome também estava presente, com expressão consternada em seus olhos escuros enquanto a observava.

Sarah lhe lançou um olhar fugaz e se estremeceu ao pensar em seus beijos. Não podia sustentar aquele olhar intenso e concentrar-se em seu trabalho, e isso resultava angustiante. Até estando submetida a uma grande pressão, sempre tinha sido capaz de cumprir com suas obrigações; resultava irritante descobrir que Rome podia desequilibrá-la com um só olhar.

- Sarah, sente-se, por favor - convidou-a o senhor Edwards, com expressão amável em seus olhos sagazes. Sarah sempre tinha combinado com o senhor Edwards, mas era a primeira vez que lhe pedia que assistisse a uma reunião. Sentou-se e entrelaçou as mãos com calma no colo.

Henry não voltará - disse o senhor Edwards com suavidade. - Falei pessoalmente com seu médico. Se relaxar, evita o estresse e não tem outro

enfarte, poderia viver durante vários anos, mas não poderá trabalhar. Pedirá a aposentadoria antecipada. Rome ocupará seu posto como primeiro vice-presidente.

De novo, Sarah se arriscou a olhá-lo, e o surpreendeu obser-vando-a ainda com aquela perturbadora intensidade. Rome se inclinou para frente em sua cadeira e declarou:

- Não posso te tomar como minha secretária. Kali trabalhou para mim durante anos e continuará comigo.

Não era nenhuma surpresa. Sarah esboçou um suave sorriso que causou estragos nas vísceras do Rome. Sarah não tinha albergado esperanças de ser sua secretária; de todas as formas, não teria saído bem. Não poderia ter trabalhado com o Rome, em estreita colaboração, todos os dias. Já era bastante terrível vê-lo de vez em quando.

- Sim, é obvio. Estou despedida?

- Santo Deus, não! - exclamou o senhor Edwards, perplexo. - Nem muito menos. Mas queremos te dar a escolher. Vou trazer um executivo de Montreal para que substitua ao Rome, e sua secretária não quer mudar-se para cá. Se quiser o posto, é teu, e ele está de acordo. Se prefere trocar de departamento, não tem mais que dizê-lo. Fez um trabalho excelente para o Spencer Nyle em todos estes anos; você escolhe seu posto.

Sarah pensou em trocar de departamento mas lhe agradava o ambiente dinâmico da direção, onde se tomavam decisões que afetavam a milhares de pessoas. A provocação mantinha seu inte-resse e, embora estava perto do Rome, o ritmo frenético do trabalho lhe impedia de pensar nele com o passar do dia.

- Eu gostaria de ser sua secretária - respondeu por fim com gravidade. - Como se chama?

- Maxwell Conroy. Esteve dirigindo nosso escritório de Montreal com excelentes resultados. Tenho entendido que é inglês.

- Assim é - confirmou Rome. Certamente, pensou Sarah, já teria tirado por computador o expediente do Maxwell Conroy e teria memorizado até a última palavra.

- Bem - disse o senhor Edwards com satisfação, e ficou em pé, dando a entender que já podiam ir-se. Rome saiu pela porta atrás de Sarah, mas não retornou a seu escritório. Seguiu-a até o dela e fechou a porta. Sentindo-se inexplicavelmente nervosa, Sarah se separou dele e se refugiou detrás de sua mesa.

- Quero que saiba - murmurou Rome, e se inclinou sobre a mesa para aproximar seu rosto ao de Sarah, - que eu gostaria de te ter como secretária... Muito. Mas meu sentido comum me diz que não daria pé com bola no trabalho. Seria o típico chefe que não lhe tira os olhos de cima de seu ajudante, assim, pelo bem da companhia, terei que ficar com a Kali.

Sarah cravou o olhar nele e se perdeu nas profundidades escuras de seus olhos.

- Eu entendo - sussurrou.

- Sim? - endireitou-se, e a olhou com sorriso zombador. - Eu não estou tão seguro. Mas me poderia explicar isso. Sairia para jantar comigo esta noite?

Sarah não estava acostumado a sair entre a semana, porque nunca sabia quando teria que trabalhar até tarde, mas quando Rome a convidou, esqueceu-se de sua acostumada cautela.

- Eu adoraria - não podia camuflar o prazer que irradiavam seus olhos verdes, e Rome a olhou fixamente durante um momento antes de inclinar-se outra vez para diante e beijá-la com força.

- Passarei para te recolher às oito. Que tal se formos a um chinês?

- Estupendo. Eu adoro a comida chinesa.

Quando Rome se foi, Sarah se enfrascou nas papeladas rotineiras com mãos trêmulas. Aquilo começava a parecer uma relação formal, e não havia forma humana de dar marcha ré, nem sequer queria fazê-lo. Pensou em Diane e fechou os olhos uns momentos. Teria morrido no lugar de Diane, se tivesse podido, mas ninguém lhe tinha dado essa opção. Rome estava livre, física e legalmente, embora seu coração seguisse sendo de Diane e, se Sarah tinha alguma possibilidade com ele pensava aproveitá-la.

Se não tinha nenhum jantar de negócios programada, Rome a convidava para jantar todas as noites durante a semana. Sarah não refletia sobre sua boa fortuna, limitava-se a desfrutar de cada momento que estava com ele. Recordando que Rome só lhe tinha pedido sua amizade, tentando não dizer nem fazer nada que pudesse interpretar-se como paquera, embora, às vezes, isso carecia de importância. Quando Rome lhe dava um beijo de boa noite, o contato persistia, como se Rome se sentisse inexoravelmente atraído ao calor de sua boca, e em seguida a aprisionava entre seus braços e se beijavam com o ardor acumulado de dois adolescentes. Mas não havia nada mais; Rome sempre se afastava antes de que a intimidade se intensificasse, e Sarah deduzia que não queria dar pé a uma relação séria entre os dois. Parecia contentar-se com as coisas como estavam; podia desfrutar da companhia de Sarah, de sua animada conversação, além disso do consolo de seus desejos comuns. Sarah queria mais, queria tudo o que ele pudesse lhe dar, mas possivelmente já estivesse lhe dando tudo o que tinha.

Sabia que Diane sempre rondava seus pensamentos e, quando falavam dela, como indevidamente faziam, a expressão de Rome se tomava lúgubre.

Uma semana depois de que o senhor Graham sofresse o enfarte, Maxwell Conroy viajou de avião de Montreal. Era um inglês alto e magro, com o acento preciso de um britânico de classe alta, de cabelo loiro e com os olhos de cor azul esverdeada mais vivas e pícaras que Sarah nunca tinha visto. Era mais que arrumado, gozava da beleza aristocrática sempre jovem que encantava às mulheres. Se Sarah tivesse podido olhar a alguém que não fosse Rome, teria se apaixonado pelo Maxwell Conroy nada mais vê-lo, mas, dadas as circunstâncias, o inglês recebeu seu habitual sorriso educado e levemente indiferente.

Maxwell não perdeu o tempo. A primeira vez que Sarah ficou a sós com ele, convidou-a para jantar. Sarah o olhou com olhos muito abertos, perplexa. Era impossível interpretar mal suas intenções, não com aqueles olhos luminosos que tão bem telegrafavam seus pensamentos. Sarah se mordeu o lábio; como podia negar-se sem que sua relação trabalhista se ressentisse? Mas tampouco queria comprometer-se, porque Rome podia convidá-la a sair em qualquer momento.

- Não acredito que seja boa idéia - negou-se por fim, em tom amável.
- Trabalharemos juntos e, embora não há nenhuma normativa que proíba as relações entre os empregados, está acostumado a desaconselhar-se dentro do mesmo departamento.

- Mas - replicou o inglês - sempre que se faça com discrição, não lhe dá importância.

Sarah inspirou fundo.

- Estou saindo com outra pessoa.

- Incomodaria-se? - perguntou Maxwell em seguida, e Sarah proferiu uma gargalhada.

- Não acredito - reconheceu, e sua risada pereceu em eco de dor que empanou o verde de seus olhos.

- Então, é um idiota - disse Maxwell entredentes, com o olhar fixo no elegante penteado do cabelo do Sarah. - Se decidir a dar uma oportunidade a outro homem, diga-me isso -

- Sim - durante um instante, Sarah sustentou seu olhar cálida e penetrante. - Farei-o.

Para falar a verdade, Maxwell a atraía mais que a tinha atraído nenhum homem em sua vida, exceto Rome. Tinha-lhe caído bem nada mais vê-lo e, curiosamente, sentia-se relaxada em sua companhia porque intuía que ele tinha reconhecido os limites marcados por ela e que os respeitaria até que Sarah lhe indicasse o contrário.

Aquela tarde, Rome e Maxwell se entretiveram no corredor, conversando, antes de dar finalizada a jornada. Sarah fechou com chave seu escritório e murmurou uma boa tarde ao passar a seu lado, com cuidado de não prolongar o contato visual com o Rome.

Maxwell se deu a volta para contemplar como ela se afastava pelo corredor, com seus brilhantes olhos entreabertos com desejo. Rome afiou seu olhar escuro e também se voltou para olhar ao Sarah. Caminhava com graça, e a saia se movia com fluidez em torno de suas formosas pernas. Não lhe agradava a maneira em que Maxwell a estava olhando, como um gato que observasse com fruição ao canário que pensava lanchar-se, e a irritação começou a concentrar-se em seu estômago.

- É uma mulher muito bonita - comentou, para suscitar uma reação, e ficou tenso, à espera da resposta do Maxwell.

Maxwell o olhou com incredulidade.

- Bonita? É condenadamente bela. Tem uma beleza tão sutil, tão discreta, que terá que fixar-se nela para apreciar os traços puros e clássicos de seu rosto.

Rome tinha visto o rosto do Sarah ruborizado de prazer, com os lábios cheios por seus beijos e ávidos dele. Estava atuando com agônica lentidão, esperando um sinal de Sarah que revelasse sua frustração porque suas noites terminassem com só uns beijos. Sim, Sarah gostava de seus beijos, mas ainda se envolvia em uma altivez inexpugnável, e por muito ardor com que o beijasse, não lhe dava pé a ir mais à frente. Rome começava a sucumbir ao desespero; seu corpo ansiava o desafogo. Tinha dedicado todas as noites a Sarah, assim não tinha tido nenhum encontro esporádico com outra mulher que aliviasse suas necessidades sexuais. Não tinha encontrado tanta oposição desde que, como adolescente ávido de sexo, tentasse seduzir a sua noiva virginal todas as sextas-feiras de noite no assento de atrás de seu carro.

Mas se Sarah perdia alguma vez o controle o bastante para ceder à paixão, seria com ele. Por nada do mundo consentiria que Maxwell fundisse sua gélida reserva e a visse presa de um ânsia e ardor primitivos. O desejo de Sarah seria de Rome, e só dele.

- Já me dei conta de quão bela é - disse com calma, mas seu tom estava carregado advertência. Maxwell o olhou com aspereza e suspirou.

- Então, tomaste-me a dianteira, não é verdade?

- Conheço-a há anos - respondeu Rome com vagarosamente.

Maxwell soprou com sarcasmo.

- Eu também conheço a governanta de minha mãe há anos, mas não advirto a nenhum homem que não se aproxime dela.

Rome riu, como fazia cada vez com mais frequência durante os últimos dias. Muito a seu pesar, Maxwell lhe agradava. Cortejaria a Sarah sem piedade, mas nunca o faria de forma rasteira; limitaria-se a aproveitar as oportunidades que lhe apresentassem. Isso não alterava a determinação de Rome de ter a Sarah toda para ele, mas se relaxou, e olhou ao Max aos olhos com total cumplicidade masculina.

Max se encolheu de ombros com elegância.

- Estarei alerta, se por acaso você fracassar.

- Isso me tranqüiliza - disse Rome com sarcasmo. Max lhe sorriu com ironia.

- Eu se fosse você não me tranqüilizaria muito.

Capítulo 3

O coquetel de boas-vindas para celebrar a chegada de Max transbordava de pessoas ansiosas por ser vistas e por falar com a cúspide do Spencer Nyle. Rome, o senhor Edwards e Max eram o centro de atenção, já que constituíam o triunvirato que controlava trilhões de dólares e milhares de trabalhos. O senhor Edwards, um homem magro e calado cuja sagacidade e saber fazer o tinham mantido na presidência durante quinze anos, tinha escolhido a dedo a seus lugares-tenentes e tinha sido recompensado com acréscimo por sua confiança neles. Rome estava preparando-se para a presidência, que sem dúvida ocuparia quando o senhor Edwards se retirasse. Ao contemplar como os jovens executivos ambiciosos pululavam em torno dele, Sarah compreendeu que era por todos sabido que Rome seria seu sucessor. Max, por outro lado, era um rosto novo, mas já se percebia uma soltura entre ele e seus superiores que indicava que era um dos escolhidos.

Cansada de satisfazer a curiosidade dos convidados sobre o Max, Sarah ideou a estratégia de não parar quieta. Fazia falta sangue-frio para abrir-se passo, tomar um punhado de amendoins ou molhar um tronco de aipo no molho de queijo e afastar-se tranqüilamente, sem deter-se sequer o tempo justo para dar pé a uma pergunta. Segurou com firmeza sua única taça da noite e tomou pequenos goles, enquanto tentava comer o suficiente para que o álcool não lhe subisse à cabeça. Minutos antes, graças a uma rápida incursão à minúscula cozinha, em que os garçons não davam provisão para aplacar o apetite dos convidados, tinha-se procurado um pequeno copo de leite e o tinha apurado com toda a delicadeza de um estivador ao tomar a primeira cerveja gelada depois de uma calorosa jornada.

- Devora os amendoins como se tivesse estado a pão e água - disse Rome ao seu ouvido, e Sarah se sobressaltou. Rome lhe tirou o coquetel da mão e o substituiu por um copo alto cheio de um líquido âmbar e cubos de gelo. - Toma. Bebe isto. É ginger ale - lhe piscou os olhos e terminou o coquetel por ela.

- Já tinha saqueado o leite da geladeira - Sarah o olhou com olhos cintilantes. - Acreditava que corria perigo de cair de bruços ao chão antes de que terminasse a festa?

Rome a contemplou com olhar sombrio, e advertiu que não havia rastro de sua habitual melancolia nos olhos de Sarah aquela noite.

Tanto se era a moderada ingestão de álcool o que a fazia rir com tanta alegria como se algo a tinha feito feliz, dava gosto vê-la assim. Como era uma reunião festiva e de trabalho a partes iguais, não a tinha levado a festa, mas pretendia ir visitá-la assim que terminasse. A julgar pela maneira em que o estava olhando naqueles momentos, talvez estivesse relaxando as invisíveis ataduras que lhe impediam de entregar-se a ele por inteiro.

- Não, você nunca faria nada tão abafadiço como te embriagar - disse, por fim, como resposta a sua pergunta. - É a secretária perfeita. Já tem ao Max comendo em sua mão.

- Max é um encanto - disse Sarah com afeto. Olhou ao redor, em busca da figura alta e graciosa, e se perdeu a expressão borrascosa dos olhos do Rome. - Sentia um grande afeto pelo senhor Graham, mas reconheço que desfruto mais trabalhando com o Max. Max não deixa que o trabalho decaia.

Introduzir ao Max na conversação tinha sido um engano. Rome se interpôs instintivamente entre Sarah e o resto da suíte, para apagar ao Max de sua vista.

- Importa-te se for ver-te esta noite? - perguntou, mas havia uma nota áspera em sua voz que ordenava mais que perguntava, e Sarah o olhou com receio.

- Se quiser... De todas as formas, não pensava ficar muito mais tempo. Jantaste já ou isto é tudo o que tomaste? - com a mão assinalou o

colorido mas pouco consistente desdobramento de canapés, salgadinhos e verduras frescas com os que levava abarrotando-se toda a noite.

Rome era de bom comer.

- Morro de fome - reconheceu. - Quer que jantemos fora?

- Não, prefiro ficar em casa - disse Sarah, depois de meditar um momento no convite. - Tenho um pouco de frango feito de ontem. Que tal se preparar uns sanduíches de frango?

- Trocaria todas essas quinquilharias por um só sanduíche de frango.

De melhor humor, Rome lhe sorriu, e Sarah lhe devolveu o sorriso.

Rome estava mais depravado com ela que nunca, e ela resplandecia sendo o objeto de sua atenção. Possivelmente começasse a considerá-la algo mais que uma amiga, pensou Sarah, e a só esperança iluminava seu rosto, que a atraía mais de um olhar do resto dos homens da festa.

De repente, Max apareceu junto ao Rome, e sorriu a Sarah com ternura.

- Deveria estar comigo - disse com desenvoltura, e advertiu como o tom pêssego de seu vestido realçava sua tez cremosa. - Ainda me sinto perdido sem ti. Se não tivesse sido meu guia nestes primeiros dias, faria o mais absoluto dos ridículos.

Já tinha estendido a mão a Sarah, quando Rome se adiantou e estendeu o braço para bloquear o gesto. Uma expressão severo e temível apareceu em seu rosto sombrio quando olhou ao Max.

- Já lhe adverti isso - disse com um sussurro ameaçador. - Não te aproxime de Sarah.

- Rome! - atônita, Sarah pronunciou seu nome, presa da desolação. Como podia comportar-se assim em uma noite de negócios?

- Não leva seu anel - assinalou Max com calma imperturbável. - Arriscarei-me.

Pálida de angustia ao ver como a conversa acalmada tinha adquirido, de repente, a aparência de um enfrentamento masculino contido, Sarah deu um passo atrás.

- Basta! - ordenou, com voz tão trêmula que era apenas um sussurro. - Não digam nenhuma palavra mais!

Ao Rome tremeram as aletas do nariz e se moveu depressa. Passou o braço com firmeza pela cintura esbelta de Sarah.

- Vou levar Sarah a sua casa - disse com deliberação, em voz o bastante alta para que várias pessoas voltassem a cabeça para ouvi-lo. - Não se encontra muito bem. Peça desculpas em nosso nome, Max. Veremo-lhe no escritório.

Sarah sabia que estava o bastante pálida para dar crédito à mentira, e Rome a tirou rastros da habitação antes de que ninguém pudesse aproximar-se; quase a levantava do chão com o braço.

- Rome, já basta - protestou, e tentou soltar-se para caminhar por si só.

Rome amaldiçoou entre dentes e se inclinou para deslizar o outro braço por debaixo dos joelhos do Sarah e levantá-la completamente do chão.

Sarah conteve o fôlego pelo enjôo que gerou aquele rápido movimento, e se agarrou a seus ombros. Os elevadores estavam ao final de um longo corredor, e adiantaram a um homem com smoking branco que os olhou com ávido interesse.

- Está dando uma cena - sussurrou Sarah. - Que bicho te picou? - estava muito perplexa para zangar-se com ele, pois tinha a sensação de estar abrindo-se passo entre a névoa, a tão incompreensível resultava seu comportamento.

Rome apertou o botão com o cotovelo, e inclinou a cabeça e a beijou com deliberada intimidade. Sarah se arqueou nos braços do Rome, deu as boas-vindas a sua língua. Poderiam estar em metade da rua que ao Sarah

traria sem cuidado. Quando Rome a beijava daquela maneira, sua cabeça se esvaziava de todo pensamento e só lhe preocupava o lento prazer ardente que lhe procurava com um só beijo.

Um tinido elétrico assinalou a chegada do elevador. Ainda com ela nos braços, Rome entrou. Eram os únicos ocupantes, e Sarah o olhou fixamente. A expressão do Rome ficava claramente iluminada pelas luzes artificiais do elevador, mas seguia sendo incapaz de decifrá-la.

- Já pode me abaixar - aventurou-se a dizer com suavidade. - Pensava me levar em braços pelo vestíbulo do hotel?

- Estamos no Texas - repôs Rome com um ápice de ironia. - A ninguém surpreenderia embora, pelo bem do decoro, deveria te levar às costas - mas a deixou no chão, sem deixar de lhe rodear a cintura com firmeza com o braço.

- A que veio tudo isto? - perguntou Sarah quando as portas se abriram e saíram ao amplo vestíbulo ultramoderno, entristecedor com seu novelo e janelões.

- Chama-se reclamar um direito.

Sarah meditou nisso em silêncio durante um momento. Não era tímida, nem partidária de fingir; não ia gemer nem a simular que não entendia. Entretanto, em um nível mais instintivo, alarmava-a um pouco a rapidez com que Rome tinha atuado. Lançou-lhe um olhar nervoso, que ele interceptou e decifrou, e viu como apertava um pouco os lábios. Ao olhar seu rosto resolvido, Sarah compreendeu que a tinha separado da manada ao igual a um garanhão Áisla à égua que escolheu. Talvez Rome não tivesse nascido no Texas, mas conhecia o ritual. A manobra do Max para ela tinha despertado uma veia possessiva nele, e a tinha afastado instintivamente do outro homem. Naqueles momentos, estava decidido a completar sua posse.

- Tenho o carro ali - disse Sarah, e fez um gesto, como se queria deter o Rome.

- Esquece-o - nem sequer a olhou enquanto saíam à calçada, onde a cálida brisa noturna lhe acariciava o rosto. - Amanhã viremos buscá-lo.

- Sentiria-me melhor se fosse para casa em meu carro.

Sarah falou com firmeza, e Rome percebeu sua resolução. Em seguida compreendeu que o carro lhe dava a sensação de independência que necessitava, depois do modo despótico em que a tinha tirado da festa. Não queria perdê-la de vista nem um minuto, mas temia que, se a coagisse muito, Sarah se refugiaria de novo atrás de sua fria máscara. Estava perto, muito perto, de transpassar sua reserva para ele para jogar tudo a perder pela impaciência. Possuí-la se estava convertendo em uma obsessão; fazer pedacinhos o controle de Sarah era um objetivo que cada vez ocupava mais seu tempo e pensamentos.

- Está bem - aceitou, e decidiu empregar o trajeto em solidão para serenar-se. Sentia-se violento e enjaulado, e precisava achar a liberação na magia de um corpo de mulher. No corpo de Sarah. Era a única mulher concreta que tinha desejado desde a morte de Diane, e a desejava com tanta intensidade que quase o aborrecia por isso.

Era tão pálida, tão serena e tão segura de si... Como uma princesa de gelo. Estaria igual de serena e controlada na cama, ou aqueles olhos verdes arderiam com ânsia animal? A imaginou debaixo dele, retorcendo-se de desejo, proferindo gemidos frenéticos que surgiriam do fundo de seu esbelto pescoço enquanto a penetrava uma e outra vez, uma e outra vez... Interrompeu sua fantasia ao sentir o suor que empanava sua testa, e contemplou o gracioso balanço do corpo de Sarah, que se afastava. Rome se dirigiu a sua Mercedes e esperou a que ela o adiantasse com seu pequeno carro vermelho; depois, colocou-se detrás e a seguiu de perto até seu apartamento.

Sarah já tinha aberto a porta quando ele chegou, e o olhou com receio quando entrou atrás dela. Seus olhos escuros ainda exibiam aquele

olhar de perigo, e percebia o ânsia que havia neles, embora era incapaz de calibrá-la. Desejava-o, sempre o tinha desejado, mas ao mesmo tempo, não queria ser para ele uma aventura de uma noite, uma cópula rápida que o aliviasse, para logo ficar sumida no esquecimento assim que se terminasse. Automa-ticamente, tentou freá-lo.

- Gostaria de um café? - sugeriu, deixou cair sua pequena bolsa no sofá e entrou na cozinha

- Não - a negativa foi terminante.

- Creio que tomarei algo antes de comer, - disse-lhe, sem logo que voltar a cabeça- Que tal um desses sanduíches de correio...?

Sem avisar, imobilizou-a desde atrás; fechou as mãos em torno de sua cintura e a apertou contra ele. Depois, baixou a cabeça, e seu fôlego tórrido acariciou o pescoço de Sarah e desatou um formigamento por sua pele. Sarah se estremeceu um pouco, mas não tentou afastar-se; ao contrário: apertou seu corpo contra os contornos viris de Rome.

- Não quero um sanduíche - murmurou ele, antes de lhe morder o pescoço e aliviar a leve dor com leve roçar com a ponta da língua. Sarah fechou os olhos, enlevada, e recostou a cabeça no ombro de Rome, deixando a sua mercê a curva vulnerável de sua garganta.

Rome respirava cada vez com mais dificuldade; seu ofego ressonava no ouvido de Sarah, e a forma em que se movia contra seus glúteos fazia evidente sua ereção. Separou a mão direita de sua esbelta cintura e a deslizou com atrevimento para cima para lhe rodear os seios; as carícias a abrasavam através do vestido.

- Quando Max lhe olha como se quisesse fazer isto, me dá vontade de lhe quebrar a cara -havia uma aspereza em sua voz que Sarah não tinha detectado antes, o tom gutural do desejo feroz.

Rome movia as mãos por todo seu corpo, reclamando seu direito, como antes tinha anunciado, e ela se recostou sobre ele com os olhos fechados, deixando que a sacudissem as quebras de onda de prazer. Com um som áspero e impaciente, Rome abriu o zíper do vestido e lhe baixou o objeto até os quadris; depois, despojou-a do sutiã para a dar de presente vista e as mãos com seu peito.

Sarah gemeu com suavidade quando ele se encheu as mãos com seus seios. Rome massageou a carne turgente e beliscou com suavidade os mamilos rosados.

- É tão formosa - gemeu, e o desejo cru de sua voz a fez formosa. Ao Sarah adorava ver como seus seios transbordavam as palmas de suas mãos, como se endureciam os mamilos e se sobressaíam para procurar suas carícias.

Sem prévio aviso, Rome a fez girar dentro do círculo de seus braços, e a estreitou com força enquanto a beijava com patente desejo. Com a língua, disse-lhe o que desejava fazer, e o simbolismo era inconfundível. Sarah ofegou sob seus lábios, procurando o ar que alimentasse seus famintos pulmões.

- Rome, por favor! - mas não sabia se suplicava piedade ou mais agradar primitivo; sentia o corpo pesado e líquido, e um anseio profundo o fazia esfregar-se de forma incansável contra ele.

- Sim - disse Rome junto a sua garganta, interpretando a súplica como quis.

Inclinou-a para trás sobre seu braço para ter acesso a seus tentadores seios, e ela proferiu um leve grito quando fechou a boca ardente sobre um mamilo e o introduziu com força em sua boca.

A negrume a envolveu, uma negrume cálida e aveludada que eliminou qualquer reserva que pudesse ter albergado a entregar-se a ele. Dissolveu-se em um ser físico e animal, e instintivamente procurou o prazer que Rome lhe oferecia. Percorreu seu corpo com as mãos como ele

percorria o seu e se desfez com impaciência dos objetos que cobriam a carne firme e musculosa.

Rome tremeu com frenesi ao sentir as carícias íntimas e lhe suplicou mais.

Em algum momento, caíram ao chão, sobre a amaciado tapete. Muito impaciente para despi-la de tudo, Rome lhe levantou a saia e lhe baixou as meias. Sarah alongou os braços para ele com expressão extasiada, perdida na paixão que ele tinha despertado nela, e Rome tomou ar com aspereza.

- Fique tranqüila, tranqüila - disse com voz rouca, porque não queria que terminasse muito depressa, consciente de que estava perigosamente perto da satisfação.

Queria assegurar-se de que ela também ficava satisfeita; queria ver seu rosto no topo do prazer. Conteve-se e se separou das mãos incitantes de Sarah, enquanto a acariciava e a excitava com roçar fugazes e íntimos que a faziam arquear-se para ele, pedindo mais.

Sarah gritou pela tensão que crescia em seu interior, aquela sensação tão temível como prazenteira, como se estivesse a ponto de estourar em mil pedaços minúsculos. A mão cálida de Rome, os dedos que movia com picardia, estavam destruindo seu controle, seu sentido do eu.

- Deixe ir, deixe ir - persuadiu-a com um sussurro rouco junto ao ouvido, e Sarah se deixou ir emitindo sons ininteligíveis de paixão satisfeita, agarrando-se ao Rome enquanto seu corpo arqueava na glória que a consumia.

Justo quando iniciava o descida à paz e à relaxação, Rome a imobilizou contra o chão com seu peso, acomodou-se entre suas coxas e a penetrou com um único movimento poderoso. Sarah foi incapaz de reprimir o grito que emergiu de sua garganta, e seu corpo sofreu uma sacudida pela comoção; mas elevou os braços para lhe rodear o pescoço e lhe oferecer o consolo de seu amoroso corpo. Rome gemeu com voz rouca junto a seu pescoço e perdeu o controle.

Possuiu-a depressa, com certa aspereza e, mesmo assim, apesar do desconforto que ela sentia, acendeu de novo a pequena faísca de desejo em seu topo interior. Terminou-se antes de que a faísca pudesse prender o fogo que a consumiria porque, lançando um grito com os dentes apertados, Rome alcançou sua própria liberação.

A convulsão dos sentidos aturdiu a Sarah; permaneceu estendida sobre o tapete depois de que Rome se afastou, sentindo o corpo sacudido, comovida e quase irreconhecível. Seu cérebro ainda recebia o bombardeio de sensações desconhecidas, e ela lutou com sua mente intumescida para as entender. Teria ficado ali tombada, inclusive se teria dormido, se a voz furiosa e tensa do Rome não lhe houvesse devolvido a plena consciência.

- Maldita seja, Sarah, poderia haver me advertido isso! Ainda um tanto desorientada, Sarah se incorporou com movimentos não muito coordenados, e franziu o cenho com perplexidade enquanto se cobria de novo com o vestido.

- Como diz? - balbuciou, confusa; depois, suspirou com repentino cansaço e se cobriu os olhos com a mão.

Rome amaldiçoou, uma palavra básica da linguagem que retumbou na pele sensibilizada de Sarah e a assustou um pouco. Não alcançava a compreender por que estava zangado; seria Diane? Dirigiu-lhe um repentino olhar atormentado que o deteve em seco, como se seus olhos verdes tivessem perdido seu véu durante uns instantes e lhe tivessem permitido ver a dor que a rasgava diariamente. Sarah baixou o olhar e tentou dobrar suas trêmulas pernas para levantar-se.

Rome disse algo enérgico entre dentes; depois, atravessou a estadia em duas rápidas pernadas e se inclinou para tomá-la nos braços. Endireitou-se sem esforço aparente.

- O que esperava? - espetou-lhe, enquanto a levava ao quarto e a deixava sobre a cama - foi uma estupidez me ocultar isso apesar de sua irritação, despiu-a com mãos suaves.

Sarah permaneceu calada enquanto ele a despia. Por fim tinha compreendido o motivo de sua fúria. Sua inexperiência o tinha tomado por surpresa. Sarah só queria saber se estava decepcionado, ou se sua irritação se devia a seu desconcerto. Depois de lhe pôr uma camisola e de lhe colocar os travesseiros detrás das costas, sentou-se na cama, junto a ela. O abajur arrojava sombras agrestes sobre o rosto sério de Rome, que inspirou fundo, como se tratasse de recuperar a calma.

Um pingo de humor não muito apropriada arrancou um sorriso dos lábios do Sarah. Tentou reprimi-lo, consciente de que Rome não estava para brincadeiras, mas apareceu em seu rosto de todas as formas. Os lábios suaves de Sarah desenharam um tenro sorriso e brincou com suavidade:

- O sexo não me deixou inválida. Poderia me haver despido sozinha.

Rome lhe lançou um olhar furioso, mas viu a ternura do sorriso com que o convidava a compartilhar o momento com ela. Ao compreender que a tinha tratado como se estivesse ferida, seu mau gênio se suavizou e, de repente, sentiu acanhamento. Combateu o sentimento mantendo a expressão sombria.

- Então, foste mais afortunada do que te merece. Poderia te haver feito mal, muito mal. Maldita seja, devia me dizer que era sua primeira vez!

- Sinto muito - desculpou-se Sarah com gravidade. - Não conhecia o procedimento.

Durante um momento, Rome deu a impressão de estar a ponto de estourar, tal era a fúria que flamejava nas profundidades de seus olhos escuros. Mas era um homem capaz de controlar sua ira, e se absteve inclusive de falar até que não recuperou o domínio de si mesmo. Por fim, enterrou a mão em seus cabelos alvoroçados e se despenteou ainda mais.

- Tem trinta e três anos. Por que diabos segue sendo virgem?

Parecia estupefato, como se a razão escapasse a seu entendimento. Sarah se moveu, envergonhada, consciente de que era um anacronismo. Se tivesse pertencido à geração de seus pais, não pareceria tão antiquada; teria se esperado dela a castidade até o matrimônio. Em troca, era uma mulher um tanto chapada à antiga, encurralada em uma sociedade progressista. Não carecia da curiosidade e os desejos naturais próprios de seu sexo, e tampouco era puritana; mas sua arraigada necessidade de segurança tinha impedido que arriscasse "tudo" em uma relação muito frívola e passageira. Depois, conheceu o Rome, e isso a tinha afastado de outros homens, embora Rome tampouco estivesse a seu alcance. Se Rome não podia ser dela, não queria ser de ninguém mais; era assim de simples, e assim de impossível de explicar.

Nem sequer tentou responder; limitou-se a olhá-lo, e as sombras voltaram a formar redemoinhos - se para diminuir a luz que tinha iluminado seus olhos verdes.

De repente, Rome se estremeceu como se o tivessem golpeado, e a olhou com expressão atormentada. O que diria Diane se soubesse que acabava de seduzir a sua melhor amiga? A dor cravou suas garras nas vísceras do Rome, a dor e a vergonha e, de repente, compreendeu que o ato físico de liberação que tinha procurado com outras mulheres, e que tinha sido um ato de traição física, não tinha sido nada comparado com a infidelidade que tinha cometido com Sarah.

Sarah não era um mero corpo sem rosto. Tinha sido consciente dela em todo momento; a tinha desejado pelas qualidades e as peculiaridades que formavam sua pessoa. Não só isso, o prazer que tinha experimentado com ela tinha sido entristecedor, inclusive tinha espantado as lembranças que

o acoassavam depois do sexo, lembranças de fazer amor com sua esposa ou de permanecer estendidos depois, na escuridão, despindo suas almas. Não tinha pensado em Diane nem sequer um momento; Sarah tinha repleto sua mente e seus sentidos, e essa era a pior infidelidade de todas.

Tinha que afastar-se dela. Ficou em pé e deu voltas com desconsolo pelo dormitório, de novo enterrando os dedos no cabelo. Por que tinha que ficar ali tombada e olhá-lo com aqueles olhos enigmáticos? Não conseguia compreendê-la. Acreditou que, ao possuí-la, reduziria-a à mesma categoria que todas as mulheres que tinha tomado nos últimos dois anos. Sarah perderia seu mistério e ele já não se sentiria tão obcecado com ela, mas não tinha sido assim. Sarah tinha revelado um segredo que acrescentava seu mistério e, de novo, refugiou-se em seu eu distante e inalcançável.

De repente, a situação lhe fez intolerável. Sentia-se asfíxiado e lhe lançou um olhar furioso pelo pânico que o consumia.

- Droga - murmurou com total desagrado. - Ouça, está bem?

Sarah elevou uma magra sobancelha.

- Estou bem - estava serena e proprietária de si mesmo, como de costume.

- Tenho que ir - murmurou Rome. - Sinto muito, sei que me estou comportando como um tolo, mas não posso... - interrompeu-se e moveu a cabeça, perplexo. - Chamarei-te amanhã.

Estava na soleira antes de que Sarah recuperasse a voz.

- Não faz falta. Estou bem, de verdade.

O olhar que lhe lançou Rome foi quase agressivo; depois, desapareceu e, poucos segundos mais tarde, Sarah ouviu uma portada. Em seguida, levantou-se da cama e foi fechar a porta com chave; depois, se encolheu de novo entre os lençóis e gemeu quando seu corpo protestou pelo movimento.

De modo que a frágil camaradagem que tinha ido tomando corpo entre eles já tinha sido destruída por um rápido e abrasador ato de luxúria. Isso era quão único tinha sido para ele, embora ela tinha ido a seus braços com amor. Sabia que sua relação era muito incipiente para suportar a tensão do ato carnal. Rome a havia possuído, e ela tinha visto, a fúria e a vergonha em seus olhos quando não a olhava. Como era tão sensível a ele, intuía que tinha estado pensando em Diane e lamentando os momentos de abandono sobre o tapete.

Sarah não chorou; tinha albergado esperanças, mas o sonho tinha sido tão fugaz que nem sequer tinha tido tempo de acreditar-lhe Rome se tinha ido, mas de todas as formas, nunca tinha sido dela, ao menos, no que realmente importava. Não lhe tinha entregue sua confiança, nem seu amor. Seu desejo por ela não tinha tido muito sentido, de todas as formas.

" E agora o que?", disse-se. Poderia seguir trabalhando na mesma companhia que Rome, vendo-o todos os dias? Ou tinha chegado ao ponto em que já não podia mais, em que teria que atuar com covardia para não perder a prudência? depois de tudo, tinha sido valente durante mais anos dos que queria recordar, e a valentia não lhe tinha dado mais recompensa que uma tristeza constante no coração e um apartamento vazio. Tinha trinta e três anos, já tinha deixado atrás a idade ideal para casar-se e ter filhos, e o amor que sempre tinha desejado a tinha esquivado.

Sua vida se resumia em que era proprietária de um bonito apartamento, de um carro chamativo e em que tinha esbanjado seus anos amando ao marido de sua melhor amiga. O tempo, e a vida transcorriam de forma inexorável, escapando de seus braços abertos sem nem sequer deter-se olhá-la.

A meia-noite era o momento de planejar o futuro, quando o passado tinha demonstrado ser estéril. Permaneceu arremesso, esforçando-se por raciocinar apesar da dor. Para seu próprio bem, teria que procurar outro trabalho. Nunca se esqueceria de Rome se o visse todos os dias. Começaria

a procurar um emprego a sua medida na segunda-feira pela manhã e não temia que lhe custasse muito trabalho; tinha travado muitas amizades durante seus anos no Spencer Nyle, enquanto se entregava à profissão que nunca tinha desejado. Diane tinha sido a ambiciosa, a que urdia magníficos planos que mandou a passeio assim que conheceu Rome. Quão único Sarah tinha ansiado sempre era uma pessoa a quem amar, um homem que a olhasse com devoção, meninos aos que poder querer e criar o melhor possível e um lar que lhes procurasse um remanso de paz e afeto de cara ao resto do mundo. O homem que a amaria não seria Rome, compreendeu de novo, e a dor a assaltou com a mesma força e crueldade que a primeira vez.

Do que lhe serviria deixar Spencer Nyle se seguia suspirando por um homem inalcançável? Já era hora de que se esquecesse do Rome e começasse a procurar a alguém que pudesse corresponder a seu amor. O rosto magro e inteligente de Max surgiu em sua mente, e Sarah conteve o fôlego.

Max?

Não o utilizaria; ele merecia algo melhor. Mas a realidade era que se sentiu atraída por Max mais que qualquer outro homem exceto Rome. Se a convidasse a sair outra vez, aceitaria. Depois de tudo, pensava deixar seu trabalho, e isso eliminaria os perigos existentes em uma relação entre um chefe e sua secretária. Inclusive aprenderia a amá-lo. Possivelmente nunca o amaria com a ferocidade e a entrega com que amava ao Rome, mas havia distintas classes de amor no mundo e todas elas eram muito apreciadas. Não pensava seguir as rechaçando. Seus valentes planos morreram logo que tinham sido concebidos. O timbre estridente da porta a despertou antes das sete da manhã. Sarah se levantou a tropeções da cama e teve que procurar uma bata para poder abrir a porta. Apoiou-se na superfície de madeira com cansaço, estirando músculos doloridos, e perguntou com cautela:

- Quem é?

- Rome.

Sarah ficou rígida, repentinamente alarmada. Como ia esquecer se dele se não deixava de entrar em sua vida? Não queria seguir sofrendo. Não tinha querido pensar na maneira em que a havia possuído porque a superava, porque ainda era incapaz de aceitar que a tinha feito dela e se foi, sem mais. Diane se havia interposto entre eles, sempre o faria.

- Sarah - ordenou-lhe em voz baixa quando ela não abriu a porta. - Temos que falar. Me deixe entrar.

Sarah, consciente de que se dispunha a rematá-la, mordeu-se o lábio, e abriu a porta. Tornou-se a um lado quando Rome entrou no apartamento e lhe lançou um olhar fugaz antes de olhar para outro lado.

- Café?

- Sim, litros de café. Não preguei olho em toda a noite.

Isso parecia. Trocou-se de roupa; levava uns jeans e uma camisa vermelha que faziam maravilhas com sua tez cítrica, mas as rugas de seu rosto estavam mais marcadas que nunca, e tinha sombras escuras em torno dos olhos. Estava sombrio, quase lúgubre. Seguiu-a à cozinha e, enquanto ela preparava o café, sentou-se na borda da alta banquetta da cozinha, apoiando um pé na travessa do assento e estirando a outra perna. Observava-a com atenção, perguntando-se como podia estar tão imperturbável quando era evidente que a tinha tirado da cama. Salvo pelo grosso matagal pálido de seu cabelo, estava tão distante como uma estátua de alabastro, serena e formosa à vista, mas pouco tentadora ao tato.

- Desejo-te - disse de repente, e Sarah se sobressaltou e o olhou com olhos muito abertos. - Tinha planejado te fazer minha - prosseguiu, enquanto calibrava cada matiz de sua expressão, estudando suas reações. - Ontem à noite não perdi o controle, propus-me a te possuir desde o

momento em que te tirei pela força da festa. Ia fazer te minha e, depois, me esquecer de ti. Mas não saiu bem, disse em voz baixa.

Sarah contemplava a cafeteira como se a lenta destilação do café dentro da jarra de cristal a fascinasse.

- Eu diria que tudo saiu conforme o planejado - comentou com forçada despreocupação. - Não tenho nenhuma referência, mas eu diria que, no que diz respeito a sedução, foi tudo um êxito. Nem sequer me ocorreu dizer que não.

- Aí foi quando tudo começou a ir mau. Era virgem e não podia me esquecer de ti. Fiz-te correr um grande risco por minha perda de controle...

Sarah elevou a cabeça quando a idéia de uma gravidez cruzou por sua mente pela primeira vez. Olhou-o fixamente durante um longo momento, fazendo contas na cabeça e, depois, apoiou-se no armário.

- Acredito que estou a salvo - murmurou. - As datas não coincidem.

- Graças a Deus - suspirou Rome, e fechou os olhos. - Não poderia havê-lo suportado. Já tenho bastante carga sobre minha consciência.

- Sou adulta - assinalou Sarah com brutalidade, para despre-zar o alarme de sua própria mente, - Não tem que te sentir responsável por mim.

- Eu sei, mas me sinto responsável de todas as formas. Diane te queria - disse Rome, olhando-a com intensidade. - Teria amassado a qualquer um que te tivesse feito sofrer, e eu tenho feito o possível por te fazer sofrer. Ela quereria... quereria que cuidasse de ti - inspirou fundo, com os olhos cintilantes e o corpo rígido pela tensão. - Sarah, quer te casar comigo?

Capítulo 4

Sarah o olhou fixamente. Como proposta de casamento, resultava bastante ofensiva, tanto assim, durante um longo momento, nem sequer foi capaz de reagir. Amava Rome, mas estava passando dos limites. Acreditava que se casaria com ele para que pudesse tranquilizar sua consciência? Pensava que estava tão desesperada que não perderia a ocasião? Pior ainda, estaria certo? Tremendo por dentro, compreendeu que não sabia se teria forças para rechaçá-lo, embora se tivesse declarado pela pior razão possível.

Para dar-se tempo, deu-se a volta, tirou duas xícaras do armário e seguiu lhe dando as costas enquanto se concentrava em normalizar sua respiração e em serenar-se. Enquanto sustentava uma bonita xícara de cerâmica entre os dedos, conseguiu articular duas palavras com naturalidade:

- Por que?

A pele de Rome tinha um matiz cinzenta sob a tez cítrica, e Sarah soube que não lhe tinha resultado fácil pedir-lhe. Como ia ser quando ainda esperava, em seu coração, a Diane?

Como qualquer homem de negócios competente, começou a esboçar as vantagens da fusão.

- Acredito que faríamos um bom casamento. Nós dois somos profissionais, compreenderíamos a pressão a que estaria submetido o outro, as exigências trabalhistas que minguariam o tempo que, normalmente, disporíamos para estar juntos. Levamo-nos melhor agora que nunca, e as viagens que tenho que nos fazer dariam uma pausa aos dois. Sei que está acostumada a ser independente e a dispor de seu tempo a sua maneira - disse com cautela, enquanto tentava adivinhar a acolhida que tinha tido sua proposta, mas era como procurar expressões no rosto frio e liso de uma boneca de porcelana. - Saberíamos quando seríamos um estorvo um para o outro.

O café parecia. Sarah atirou os ao saco ao lixo e verteu o líquido fumegante de delicioso aroma nas duas xícaras. Passou-lhe uma, recostou-se na mesa e soprou com suavidade seu café para esfriá-lo.

- Se necessitamos tanto tempo a sós, para que tomamos a moléstia de casarmos?

O rosto sombrio de Rome se suavizou ao contemplar a cascata pálida de cabelo que se curvava, como braços viventes, em torno aos ombros de Sarah.

- Sarah, se pudesse aceitar um frívolo namorico, ontem à noite não teria sido virgem.

Tremendo, Sarah recordou que Rome era um bom estrate-gista. Sabia como defender-se e atacar, e como aproveitar um argumento débil. Não, não era uma mulher capaz de ter aventuras aqui e lá, porque nunca tinha podido fixar-se em nenhum outro homem exceto nele. Acaso Rome era incapaz de ver a verdade? Uma mulher que levava sendo virgem tanto tempo, apesar das oportunidades normais para alterar essa condição, só podia ter uma razão para ir a seus braços sem reparos, como ela tinha feito a noite anterior.

- O de ontem à noite esteve bem - prosseguiu Rome com suavidade, e suas palavras se enredaram em torno do coração de Sarah, aproximando-a cada vez mais a ele, submetendo-a a sua vontade. - Senti-me tão bem dentro de ti que perdi um pouco a cabeça e, mesmo assim, senti como te suavizava por dentro. Se tivesse podido esperar, teria perdido um pouco a cabeça por mim? Começava a gostar de mim?

Rome desceu da banqueta e se aproximou dela, enquanto sua voz grave de veludo seguia seduzindo-a. De pé ante ela, bebeu seu café, sem deixar de olhá-la por cima da borda da xícara.

Sarah também tomou sorvos de café, e o manteve na língua para que suas papilas gustativas se deleitassem com o sabor amargo. Podia sentir o rubor que se propagava por seu rosto, e de sua tez pálida que deixava entrever inclusive rubor mais leve.

- Sim, eu gostei - reconheceu por fim com estupidez.

- Seria um bom marido. Fiel, trabalhador, como Milú, o cão do Tintín.

Sarah elevou a vista depressa e viu o regozijo que faiscava nas profundidades de seus olhos dourados à luz de seu bom humor.

- Eu gosto de estar domesticado - continuou, e seu acento marcado-se suavizou enquanto sopesava as palavras. - Eu gosto da estabilidade do casamento, a companhia que oferece; ter a alguém com quem beber café em uma manhã chuvosa nas noites frias de inverno. Agora mesmo está chovendo, não é agradável estar assim? - e pôs a mão no ombro e acariciou com os dedos a delicada articulação; depois, deliberadamente, deslizou a mão dentro do decote da bata, e introduziu os dedos sob a borda da camisola para acariciar as curvas frescas e cheias de seus seios.

Sarah ficou imóvel, enquanto seu corpo tremia por dentro pela quebra de onda de prazer.

Rome não jogava limpo; como ia pensar com clareza quando seu corpo, desenhado pela natureza para responder às carícias do homem a que amava, reclamava toda sua atenção? O raciocínio estava muito bem, mas Rome lhe estava ensinando a marchas forçadas o pouco que sua mente podia controlar o desejo natural de seu corpo.

Rome a observou com atenção e viu como seus olhos se turvavam com a névoa da paixão.

Logo, Sarah fechou as pálpebras e respirou com agitação entre seus suaves lábios entreabertos.

O coração de Rome também pulsava com crescente rapidez ao sentir como seus seios se tornavam quentes pelas carícias, ao perceber o cativante aroma de mulher que subia até seu olfato e lhe dizia, sem que ele se precavesse disso, que Sarah estava ao seu dispor. Antes de que fosse muito tarde, retirou a mão, mas a necessidade de tocá-la o impulsionou a lhe rodear a cintura e aproximá-la a ele. O café do Sarah deu um perigoso vaivém e Rome resgatou as duas xícaras e as deixou com cuidado sobre a pia. Então, estreitou ao Sarah com firmeza, e seu suave corpo se acomodou contra o de Rome, amoldando-se sem pensar aos contornos sólidos de seu corpo musculoso, e aquele acoplamento arrancou uma exclamação dos lábios dos dois.

- Vê? - murmurou Rome com voz trêmula, e enterrou o rosto na lustrosa seda de seu cabelo. - Juntos somos bons. Condenadamente bons.

Sarah o envolveu com seus braços, e sentiu a umidade da camisa ali onde a chuva o tinha molhado. O aroma fresco da chuva e do outono se mesclaram com a fragrância masculina de Rome de forma sedutora, e se esfregou seu ombro sólido com o nariz. Que classe de casamento teria com ele? Seria um céu ou um inferno? conformaria-se com o que ele pudesse lhe dar ou se murcharia devagar por dentro agonizando porque ansiava tudo dele e o coração de Rome sempre seria do Diane? Naquele momento, de pé na cozinha, abraçados como estavam, pensou que não podia lhe pedir nada mais ao céu, mas quando as dificuldades do dia a dia a afligissem, necessitaria mais dele?

Devagar, Rome moveu suas mãos fortes pelas costas do Sarah, procurando e acariciando uma a uma todas suas costelas.

- Diga que sim, neném - enrolou-a com voz rouca.

Era o primeiro apelido carinhoso que utilizava, e Sarah sentiu que lhe derretiam as vísceras. - Desejo-te, sempre te desejei, todos estes anos nos que me dava suas delicadas costas. Jamais teria arriscado meu casamento com Diane indo por ti, queria-a muito. Mas sempre te desejei, e Diane já não se interpõe entre nós. Acredito que... Acredito que lhe teria agradado a idéia de que cuidássemos um do outro.

Com o rosto oculto no ombro do Rome, Sarah fechou os olhos, afligida. Quando Rome falava de Diane, cada palavra era uma adaga que lhe transpassava o coração. Como ia ser o bastante forte para viver sabendo que jamais poderia substituir a Diane no coração de Rome?

Mas enquanto se retorcia por dentro de dor, Rome a apertou um pouco mais contra ele, e o contato semeou o caos em seus pensamentos, por si confusos. Rome intercambiou com suavidade suas posições; recostou-se nos braços e abriu as pernas para suportar o peso de Sarah, enquanto a apertava de forma íntima contra ele.

- Se quiser ser minha, terei que me casar contigo - tomou o queixo de Sarah entre os dedos e a obrigou a levantar a cabeça para poder ver seu rosto. - Não é a classe de mulher capaz de conformar-se com menos. Ofereço-te um compromisso, uma relação legalizada com todos os direitos que isso te outorga. Serei-te fiel; prefiro um compromisso com uma só mulher que um milhar de encontros noturnos com mulheres cujos nomes nem sequer recordo. Conheçemo-nos, sabemos o que podemos esperar um do outro.

E somos amigos; podemos falar sobre o trabalho, sobre centenas de coisas que temos em comum. Nossa associação seria a inveja de muitas pessoas.

Ele tinha tudo calculado, todos os raciocínios lógicos pelos quais seu casamento não podia falhar. Seu lar seria uma prolongação do escritório, com o sexo como a cereja do bolo. Sarah podia imaginá-lo guardando arquivos suas respectivas maletas antes de equilibrar-se um sobre o outro com desejo desenfreado, esquecendo-se da ética trabalhista para sucumbir à feroz necessidade de unir seus corpos segundo o ritual imemorial que garantia a sobrevivência da espécie.

As mãos de Rome se fecharam sobre ela com brutalidade, e Sarah percebeu sua repentina tensão.

- Antes de que lhe ditas, há algo que deve saber - uma nota áspera, logo que revelada, indicava o pouco que desejava lhe dizer o que estava pensando, mas em uma negociação sempre sopesavam os prós e os contra, e Rome estava abordando seu matrimônio como uma fusão de sociedades. - Não quero filhos - disse com aspereza. - Nunca. Desde que perdi ao Justin e ao Shane, não suporto estar com crianças. Se quiser filhos, retiro-me, porque não lhe posso dar isso a dor contraiu seus traços, mas o controlou, e uma expressão de lúgubre resignação ocupou seu lugar. - É que não consigo superar... - lhe atou a voz, e Sarah percebeu como erguia os ombros, como se suportassem uma carga que não tinha reflexos de desaparecer.

Sarah tragou saliva enquanto se perguntava quantas pro-postas matrimoniais foram seguidas de uma declaração sincera, por parte do futuro marido, das razões pelas que a noiva não devia casar-se com ele. Quantas mulheres quereriam casar-se com um homem que oferecia companhia em lugar de amor, um homem que não queria formar uma família e que teria que viajar com assiduidade? E recordou o que havia dito a noite em que embalou as coisas dos meninos: que não tinha podido dormir na mesma cama com uma mulher desde a morte de Diane. Nem sequer poderia compartilhar as noites com ele! Uma mulher tinha que estar louca para aceitar uma proposta assim, pensou Sarah. Loucamente apaixonada.

Deu um passo atrás e contemplou o rosto sombrio e severo do Rome, o rosto que tinha visto em seus sonhos durante anos. Pensou fugazmente em seu sonho de ter filhos, os filhos de Rome, e se despediu dele com suavidade. Depois de tudo, esses filhos não tinham sido mais que quimeras, enquanto que Rome era de carne e osso, e se o rechaçava naqueles momentos, a felicidade podia ficar para sempre fora de seu alcance. De modo que Rome não a amava; sentia afeto por ela, respeitava-a, o bastante para querer legalizar sua relação. Às vezes ocorriam milagres e, enquanto vivessem juntos, sempre caberia a possibilidade de que chegasse a amá-la. Mas, embora nunca lhe entregasse seu coração, estava lhe oferecendo tudo o que podia. Sarah podia rechaçá-lo por orgulho, mas o orgulho não substituiria o calor do homem vivo nem lhe faria o amor com a paixão selvagem de que Rome fizera a noite anterior. Com sua sabedoria instintiva de mulher, Sarah compreendeu que, sempre que a desejasse com tanta intensidade, tinha uma pequena possibilidade de fazer entrar outra vez em calor seu coração invernal.

- Sim - disse com calma. - E agora, o que ocorre?

A breve aceitação prática não o desconcertou... Sua única reação foi uma inspiração profunda que inflamou seu peito e, depois, apertou-a de novo contra ele.

- O que eu gostaria de fazer é te despir e te fazer minha na primeira superfície horizontal que possa encontrar...

Sarah o interrompeu com um gemido.

- O chão outra vez! - protestou com humor.

- Ou a mesa. Ou pia - a poderosa reação do corpo de Rome dizia a Sarah que, embora falasse em brincadeira, seu corpo ia a sério.

Sarah conteve o fôlego e se perguntou se seus músculos doloridos sobreviveriam a um escarcéu amoroso sobre os ladrilhos da cozinha. Abraçada a ele como estava, não podia ver seu rosto, ou teria gritado pela paixão que se marcava em seus traços.

Rome a estreitou com força, ansiando fundi-la com sua pele. O alívio que o tinha alagado ao ouvir sua aceitação era tão imenso que se sentia quase enjoado; depois, o tinha assaltado o desejo primitivo de concluir seu trato da forma mais carnal possível. Queria marcá-la, deixar claro que era dele, sentir de novo seu corpo suave sob o dele. Tinha planejado sua proposta com esmero, enfeitando-a com todos os raciocínios lógicos possíveis para que Sarah soubesse que não alteraria a calculado ordem de seu mundo. A idéia de casar-se com ela o tinha assaltado durante a noite e acreditava sinceramente que Diane a aceitaria. Mais que isso, gostava da idéia de que Sarah levasse seu sobrenome e dormisse em sua cama todas as noites. Seu feroz instinto possessivo ansiava proclamar seu direito sobre ela ante o resto dos homens; sobre tudo, antes de que esse condenado Max Conroy a seduzisse com seu poderoso encanto. Mas, até que Sarah não o tinha aceitado e lhe tinha perguntado com calma "por que?", Rome não tinha sido plenamente consciente do muito que necessitava que se casasse com ele. Sua resposta afirmativa, quando por fim a tinha dado, em um tom prático que denotava o pouco que a entusiasmava a idéia, tinha-lhe tirado um peso dos ombros que nem sequer tinha sabido que levava. Deus, quanto a desejava!

Rome lhe roçou a têmpora com seu queixo áspero pela barba de um dia e se separou a contra gosto dela.

- Podemos esperar - disse-lhe, ansioso por enredá-la em projetos antes de que pudesse voltar-se atrás. - Temos que planejar muitas coisas.

- Temos que preparar o café da manhã - acrescentou Sarah, que imitou sua atitude acalmada e prática. - A não ser que já tenha comido.

- Não, nem sequer me tinha passado pela cabeça. Mas agora que o diz, morro de fome.

Sarah sorriu um pouco. Rome acabava de revelar que tinha estado nervoso, embora não ia a devanar-se os miolos tratando de discernir se tinha temido que ela rechaçasse a proposta ou que a aceitasse.

- Me deixe que me penteie e prepararei o café da manhã mais abundante que tenha visto em sua vida.

- Enquanto te penteia, eu começarei a preparar o café da manhã mais abundante que tenhamos visto na vida - corrigiu-a. - Quer o menu completo?

Sarah assentiu, mais feliz do que podia recordar haver-se sentido nunca, e seu apetite tinha aumentado ante tanta felicidade. Embora estava acostumado a comer rápido, estava o bastante faminta para devorar um copioso café da manhã.

- Eu gosto dos ovos meio feitos - informou-o enquanto saía da cozinha.

- Espero que esteja de volta muito antes. Não demora tanto em te pentear!

- Como sabe? - perguntou Sarah com ar de suficiência. - Nunca me viu.

A risada grave de Rome a seguiu até o dormitório. Quando fechou a porta, sentou-se na cama e entrelaçou as mãos por debaixo dos joelhos, tremendo de deleite. Não podia acreditar. Depois de sofrer o inexprimível por ele ao longo dos anos, Rome tinha batido na porta e lhe tinha pedido que se casasse com ele. Seus raciocínios eram coerentes, mas isso não importava. Para uma mulher faminta, umas migalhas eram melhor que nada. Imaginou as manhãs que compartilhariam, preparando juntos o café da manhã, estirando o tempo com uma última taça de café, e se sentiu tão transbordada de felicidade que lhe custava respirar. Um matri-mônio abria

as portas a um mundo de intimidade completamente novo. Não se tratava só da intimidade sexual, mas sim de pequenas coisas, como compartilhar o espelho do banheiro quando tinham pressa por sair a trabalhar, intercambiar-se seções do jornal aos domingos pela manhã e ter a alguém que lhe massageasse o pescoço e os ombros depois de um dia exaustivo.

De repente, não desejava estar longe dele mais tempo do que o necessário. Lavou-se a cara com água fria, penteou-se, o recolheu o cabelo com um passador a cada lado e vestiu uns jeans e uma camisa branca de talha grande. Estava-se arregaçando enquanto retornava à cozinha. O toucinho se estava fritando, e Sarah cheirou o ar com apreciação. Rome estava pinçando nos armários, e resgatou uma caixa de preparado para tortas.

- Tortinhas e ovos - anunciou. - Tortinhas caseiras.

Sarah se encolheu de ombros e lhe seguiu a corrente, embora não estava segura de que seu apetite desse para tanto. Enquanto Rome preparava a massa, ela pôs a mesa, serviu suco de laranja e tirou os ovos.

- Teremos que procurar outro apartamento - disse Rome com naturalidade. - Nos nossos não há lugar para todas nossas coisas.

- Mmm - pensando em lhe economizar a necessidade de lhe explicar, palavra por palavra, que não pensava dormir com ela, desenvolveu a idéia. - Eu gostaria que tivesse três dormitórios, se o encontrarmos a um preço razoável. Não estaria mal ter um quarto de hóspede se por acaso alguém vem a visitar-nos.

Rome ficou estranhamente imóvel, mas estava de costas a ela e Sarah não podia ver sua expressão. Para lhe fazer saber que não ia estender se mais sobre o tema, disse com a mesma naturalidade:

- Terei que deixar meu trabalho.

Rome voltou a cabeça com aspereza e a olhou com incredulidade.

- Bom, penso fazê-lo - Sarah lhe sorriu. - Não posso trabalhar no Spencer Nyle se for me casar contigo. Não é profissional, e não acredito que funcionasse muito bem, embora o senhor Edwards aceitasse.

Rome contraiu a mandíbula com expressão lúgubre.

- Não tinha pensado nisso. Não, posso te pedir que renuncie a seu trabalho por mim. Sei o muito que significa para ti...

- Não sabe nada - interrompeu-o Sarah. - Estava pensando em deixá-lo, de todas as formas - era hora de que Rome Matthews aprendesse algo sobre a mulher com a que pensava casar-se, e a primeira lição consistia em lhe inculcar, pouco a pouco, que não era uma profissional dinâmica e entregue que encontrava no trabalho as maiores compensações da vida. - Não é mais que um emprego - disse com deliberação. - Eu gosto, e trabalhei em excesso em fazê-lo bem porque eu não gosto de fazer nada pela metade. Além disso, já te hei dito que tinha pensado em deixá-lo. Depois de ontem à noite, sentia-me incapaz de seguir trabalhando contigo.

Rome a olhou com incredulidade.

- Deixaria-o só porque fizemos amor?

- Pensei que não poderia manter a profissionalismo contigo no escritório.

- Ouça, poderia te buscar algo...

- Não - disse Sarah com suavidade, sem lhe dar tempo a terminar. - Não vou ficar de braços cruzados deixando que me mantenha, se for isso o que se preocupa. Trabalhei muito para me sentar a ver televisão, e não teria nada mais com o que ocupar meu tempo. Procurarei outro trabalho.

- Não é isso - grunhiu Rome, mal-humorado. - Sou perfeitamente capaz de te manter embora queria ver televisão durante o resto de sua vida. Mas me incomoda que deixe seu trabalho por mim.

- É o mais razoável. Não estou tão apegada a ele, e você é um executivo, eu não.

- Vais procurar outro trabalho de secretária?
- Não sei - Sarah quebrou um ovo sobre o azeite fervendo com expressão pensativa. - Tenho um pouco de dinheiro economizado, pode ser que abra um negócio próprio. Poderia montar uma boutique, como todas as mulheres ociosas e com dinheiro - sorriu ao pensá-lo.

Rome moveu a cabeça.

- Faz o que te agrada, sempre que for o que de verdade quer. Se prefere ficar no Spencer Nyle, tratarei-te como uma a mais.

- Acredito que seria mais feliz deixando o trabalho de escritório. Levo anos me dedicando a isso e me convém trocar de ares.

Passado um momento, Rome proferiu uma risada perversa.

- Max subirá pelas paredes.

- Rome! - sem poder reprimir a risada, Sarah moveu a cabeça. - Que idéia mais diabólica! Pediste-me que me case contigo só para que Max se busque outra secretária?

- Não, mas o tem merecido.

- Não te cai bem?

Rome elevou as sobrancelhas.

- Cai-me muito bem. É um executivo de primeira. Mas que me agrada como colega e que não me agrada como te olha são duas coisas distintas.

Sarah decidiu que devia ao Max um grande favor se seu interesse tinha desatado a veia possessiva de Rome. Enquanto terminava de preparar os ovos, lançou-lhe olhadas furtivas, e cada vez que o fazia sentia um estremecimento de prazer. Reuniam-se tão bem, que poderia ter sido o centésimo café da manhã que tomavam juntos, em lugar do primeiro. Sarah só esperava que aquele primeiro café da manhã fosse uma indicação de quão fluída seria sua vida matrimonial. Não o pressionaria, mas esperava, com cada átomo de seu ser, poder lhe ensinar a amar de novo.

Dizer a Max na segunda-feira pela manhã não foi tarefa fácil. Ao princípio, mostrou-se incrédulo e, quando soube que ia deixar o trabalho, sentiu-se ultrajado.

- Tem-no feito de propósito, o muito bandido! - exclamou, enquanto dava voltas pelo escritório, tão furioso que seus luminosos olhos cintilavam. A ira irradiava dele como eletricidade. - Sabia que deixaria seu posto e que ficaria na estacada.

- Obrigada - disse Sarah com ironia. - Não sabe quanto me tranqüiliza pensar que Rome me pediu que me case com ele com o único propósito de alterar sua rotina.

Max se deteve em seco, cravou os olhos nela e seu olhar se suavizou.

- Mereço uma boa patada no traseiro - reconheceu por fim com pesar. - Não me faça conta, querida. Estou fora de mim porque ele já ganhou a corrida e eu me fiquei na linha de saída. Resulta tão abafadiço!

Sarah riu, porque imaginar a Max suspirando por ela lhe parecia absurdo. Era sofisticado a mais não poder, e qualquer mulher do edifício daria o que fosse por uma oportunidade com ele... Qualquer mulher menos ela. Max a contemplou enquanto ela ria, com seu formoso rosto iluminado pelo resplendor interior que o encantava cada vez que o via. Como atraído por sua beleza, aproximou-se dela, um pouco triste porque aquele resplendor não era para ele, e porque ela já nunca embelezaria sua vida como freqüentemente tinha imaginado.

- Se alguma vez te faz desgraçada, já sabe onde estou - murmurou, e lhe acariciou a bochecha de cetim com o dedo indicador. - Tome cuidado, querida. Sob essa controlada imagem de executivo se esconde um lobo faminto, e você não é mais que um inocente cordeirinho. Não deixe que te lanche.

Max não declarou o evidente, que Rome não a amava, mas Sarah sabia que o estava pensando.

Era bastante observador para adivinhar que as ações do Rome estavam motivadas por sua libido, não por seus sentimentos.

- Sabe o que faz? - perguntou-lhe, preocupado.

- Sim, é obvio. Faz tempo que o amo.

- Ele sabe?

Sarah negou com a cabeça.

- Então, não o diga. Faça que a mereça, assim a valorizará mais - um olhar sagaz apareceu em seus olhos. - Por que tenho a impressão de que o cordeirinho vai meter se ao lobo no bolso?

- Não sei, mas espero que tenha razão - disse Sarah com voz trêmula.

- Não sabe quanto o desejo.

- Mas recorda: se não sair bem, reduz as perdas. Eu estarei aqui se me necessitar. Tenho um sonho - disse com voz pensativa. - É muito simples. Sonho que te levo de volta a Inglaterra e que me caso contigo na relíquia de pedra que é a igreja de minha família e que te deixo grávida. Proporcionar herdeiros seria minha ocupação favorita.

Sarah voltou a rir e, em parte, desejou que pudesse ter sido Max. Seu amor teria estado a salvo com ele. Mas, em troca, tinha entregue seu coração a um homem pesaroso pelo passado, a um homem que desejava seu corpo e sua companhia, mas não o amor inesgotável que ela albergava em seu peito.

- Posso te beijar? - perguntou Max, e deslizou o dedo da bochecha ao queixo de Sarah, para poder lhe levantar a cara e olhá-la diretamente nos olhos. - Só uma vez, e prometo não voltar a lhe pedir isso sempre que estiver com o Rome.

Ao contemplar aqueles travessos olhos turquesa, Sarah adivinhou que não estava pensando em um beijo casto. Queria beijá-la com paixão, com todo o ardor de seu magnífico corpo masculino. Sabia muito bem que Max não estava apaixonado por ela, mas sabia, tão bem como ele, que se as coisas tivessem sido de outra forma, teria sido ele com quem se teria casado. Saber que poderia havê-lo amado se não tivesse amado primeiro a Rome e se fechou a outros homens a fazia sentir-se um pouco triste e alegre de uma vez.

- Sim, como beijo de despedida - disse, e ficou nas pontas dos pés para lhe oferecer sua boca.

No mesmo momento em que os lábios do Max se uniam aos dela, Sarah ouviu que a porta se abria. Sabia que Max também o tinha ouvido, mas o inglês não se afastou. Com a picardia que o caracterizava, aproximou-se mais a ela ao ver que ficava rígida, e a aprisionou entre seus braços e o calor sólido de seu corpo. Beijou-a em profundidade, entrelaçando sua língua com a dela, tomando-se seu tempo e desfrutando de sua textura e de seu sabor. Todos os nervos do Sarah vibraram, alertando-a da presença de Rome, mas se sentia impotente nos braços de Max. Sob aquele corpo elegante e esbelto havia músculos de aço. Por fim, Max cortou o beijo, e Sarah ofegou, sem fôlego, em seus braços, enquanto ele olhava para a outra ponta do escritório, diretamente aos olhos entreabertos de Rome, com um sorriso radiante no rosto.

- Tem alguma objeção? - perguntou com suavidade.

Rome atravessou o escritório e arrancou Sarah com suavidade dos braços de Max. Rodeou-a com seus sólidos braços e a balançou.

- Desta vez, não - disse com fluidez. - Como despedida, não. Mas foi seu único prêmio, e lhe dei isso só porque perdeste. Se houver uma próxima vez, terá que pagar.

- Parece-me justo - Max sorriu de orelha a orelha e estendeu a mão ao Rome. - Parabéns.

Estreitaram-se a mão, sorrindo como idiotas, e Sarah pôs os olhos em branco. Tinha imaginado um banho de sangue, como mínimo, em troca, eram amigos da alma. Homens! Quem os entendia?

- Vou lhe roubar na hora do almoço - disse Rome. - Temos muitas coisas que fazer: procurar um novo apartamento, temos fazer a análise de sangue, solicitar a licença matrimonial. Tenho um oco às doze e meia. Estará livre a essa hora? - perguntou a Sarah, cravando nela seu olhar.

Sarah tinha outros planos, assim que o negou.

- Não posso. Tenho uma entrevista à uma.

Max se balançou sobre os pés, extremamente agradado de que Sarah comesse tão logo a opor-se aos desejos de Rome. Rome dirigia o escritório com a precisão de um relógio e seu sarcasmo frio e incisivo era conhecido de ponta a ponta do edifício do Spence Nyle. Anson Edwards era o único que superava ao Rome em despotismo, claro que os arrebatamentos de ira e mordacidade do Anson Edwards frente a incompetência eram quase legendários. Max esperou aguardando a presenciar a reação de Rome à negativa de Sarah.

Mas, se tinha esperado ouvir um bramido de ira, levou-se uma decepção. Rome arqueou uma sobrancelha com curiosidade e se limitou a dizer:

- Então, deixaremos para amanhã.

Rome teve que recorrer a sua férrea vontade para não perguntar a Sarah aonde ia, mas recordou os raciocínios que tinha empregado para persuadi-la de que se casasse com ele. Teriam que respeitar a mútua necessidade de estar a sós. Sarah seguia sendo a mulher altiva e solitária que Rome tinha conhecido. Tinha aceitado a casar-se com ele, mas só depois de que lhe tivesse formado todas as vantagens. Tinha que cuidar-se de lhe dar a intimidade mental e física a que estava acostumada, e o faria sempre que ela acudisse desejosa a seus braços e lhe desse o consolo ardente e doce de seu corpo; embora, ao que parecia, nem sequer isso sairia como ele tinha planejado. Sarah tinha deixado bem claro que esperava ter seu próprio quarto, e ele tinha tido que apertar os dentes para não lhe espetar que dormiria com ele, na cama de seu marido.

Rome não tinha desejado dormir com nenhuma mulher desde a morte de Diane, até que estreitou a Sarah entre seus braços. Era tão fugidia... Rome queria, necessitava, passar as horas noturnas com ela, quando o mero feito de jazer abraçados enquanto dormiam criava vínculos que a uniriam a ele. Mas ainda, não; tinha que andar com pés de chumbo com Sarah, para não assustá-la, para que não se voltasse atrás.

Desprezou a possessividade que o caracterizava e saiu com ela do escritório de Max, pensando que o beijo de seu colega não tinha tingido a face do Sarah com o rubor rosáceo que a cobria quando ele a acariciava. Inclinou-se sobre a mesa de Sarah e lhe deu um beijo rápido e forte, tanto para contemplar aquele cativante rubor para deleitar-se com a doçura de sua boca.

- Vemo-nos esta noite? Poderíamos jogar uma olhada aos anúncios do jornal e assinalar os apartamentos que nós mais gostemos.

Agradada, Sarah lhe sorriu.

- Parece-te bem às sete? Assim terei tempo para preparar um pouco de jantar.

- Nada de cozinhar. Levarei comida feita.

Enquanto contemplava como Rome saía de seu escritório, Sarah teve que beliscar-se para certificar-se de que não estava sonhando. Iriam casar-se de verdade. Rome lhe tinha feito amor a noite passada.

O coração lhe subiu à garganta ao recordá-lo. Se a primeira vez a tinha amado com paixão desenfreada, na segunda, tinha-a lecionado nas recompensas da contenção.

Tudo começou com espontaneidade, enquanto viam o telejornal da noite. Durante os anúncios, Rome lhe tinha levantado o rosto para beijá-la e o beijo se prolongou, multiplicou-se. Muito em breve, acabou nua

sobre o sofá, enquanto ele, com soma paciência e cuidado, guiava-a para a plena satisfação, detendo-se em cada fase para saborear as reações de Sarah, até que ela esteve tão ansiosa como ele. Também tomou medidas preventivas, e esse era o motivo de que Sarah tivesse chamado a seu ginecologista a primeira hora da manhã e tivesse uma entrevista à uma.

Eram as duas e meia quando por fim retornou ao escritório, com uma caixa de pílulas anticoncepcionais na bolsa e com os conselhos e advertências da doutora Easterwood ressonando ainda nos ouvidos. Com trinta e três anos, lhe estava passando a idade de tomar a pílula sem correr riscos. A doutora Easterwood lhe tinha receitado a mais suave que havia no mercado, com a condição de que Sarah fosse vê-la a cada seis meses e de que, transcorridos dois anos, procurasse um método alternativo.

Max saiu de seu escritório quando a ouviu entrar, com um leve franzido em sua testa grega.

- Encontra-te bem? demoraste mais do que esperava.

- Estou bem. Fui ao médico, e já sabe o que acontece: nunca lhe recebem à hora a que lhe marcam.

- Rome te chamou já duas vezes - notificou-lhe com ânimo travesso.

Sarah trabalhou com um semblante sorridente uma sorte interior que nascia da atitude que Rome estava mostrando. Amasse-a ou não, seu comportamento indicava que se preocupava com ela e, para Sarah, isso bastava. Não atuava com a impaciência e a possessividade com as que freqüentemente tinha monopolizado a atenção de Diane, mas Sarah não esperava que isso ocorresse embora chegasse a amá-la alguma vez. Diane tinha sido formosa, vibrante, um campo magnético que monopolizava a atenção de todo o mundo assim que aparecia pela porta. Em troca, Sarah se assemelhava mais a um rato branco. Se se maquiava com cores vivas, parecia um palhaço, e se aplicava tons discretos, resultava igual de insípida. Com os anos, tinha encontrado o ponto médio para não passar completamente despercebida; mas tinha uma tez tão branca que jamais poderia utilizar tons vivos com os que atrair todas as olhadas. Gostaria que Rome levantasse a cabeça e se fixasse nela sempre que entrava em uma habitação, mas isso ficava fora de suas possibilidades.

Aquela noite, depois de comer o frango com molho agridoce que Rome tinha levado, desdobraram os jornais sobre a mesa e repassaram os anúncios de apartamentos em aluguel. Rome assinalava com um círculo os que considerava apropriados. Sarah se absteve de olhar as colunas de casas em venda, consciente de que Rome nunca aceitaria comprar uma casa. A vida em um bairro residencial lhe recordaria vividamente a família que tinha perdido, e os jogos dos meninos o tirariam de gonzo.

Rome tamborilou com a caneta sobre um anúncio que considerava atrativo e Sarah se inclinou para frente para lê-lo. Seus cabelos, liberados do coque que os confinava, escorregaram sobre o antebraço bronzeado do Rome, que ficou imóvel. Sem precaver-se de sua reação, Sarah leu o anúncio e franziu os lábios enquanto sopesava os prós e os contra.

- Soa bem. É bastante amplo, mas estou certa que custa uma fortuna... - enquanto falava, voltou a cabeça para olhar ao Rome. Este se moveu com fluidez, e Sarah interrompeu a frase com uma exclamação de surpresa quando Rome a sentou sobre seu colo e baixou os lábios para afogar suas palavras. Enquanto a sustentava com o braço esquerdo, movia a mão direita com atrevimento por todo seu corpo, em busca das zonas eróticas que o recompensariam por sua diligência.

Sarah emitiu um gemido suave e gutural e se recostou nele. O corpo poderoso de Rome a fazia sentir-se amassada, protegida, e pensou que não necessitava um apartamento caseiro e confortável para sentir-se a salvo sempre que Rome a abraçasse. A força que mantinha sob controle quando a estreitava ficava patente nos tendões férreos de suas coxas e em seu

peito sólido como uma rocha. Sarah deslizou as mãos por debaixo do tecido de sua camisa para procurar os contornos sólidos e quentes do corpo de Rome.

Rome lhe mordiscou os lábios; depois, inclinou-lhe a cabeça para trás e deixou um rastro de beijos por seu pescoço.

- E o que se custa uma fortuna? - murmurou. - Amanhã iremos vê-lo.

- Como quiser - aceitou Sarah com voz sonhadora. Os apartamentos tinham deixado de interessá-la.

Rome lhe desabotoou a blusa e beijou a curva superior de seus seios, por cima da borda do encaixe do sutiã.

- Esse uva sem semente do Max! Sabia que eu estava olhando.

- Sim - Sarah abriu os olhos e sorriu, com os olhos turvos de prazer. - É incorrigível.

- Teve sorte de que você não o estivesse beijando - devolveu-lhe o sorriso, mas falava em tom feroz, e tinha os olhos entreabertos. - Se não, não me teria comportado com tanto civismo.

Para falar a verdade, não lhe tinha feito nenhum pinga de graça que Max tivesse deixado um beijo nos lábios de Sarah. Rome queria que ela só conhecesse o sabor de seus beijos, por isso tinha apagado o do Max com um próprio. Beijou-a outra vez, se por acaso as moscas e, a contra gosto, grampeou-lhe a blusa e a acomodou de novo na cadeira que antes tinha ocupado.

- Será melhor que não desafiemos à sorte - grunhiu. - Vim diretamente do escritório, e não levo nada em cima.

Sarah pigarreou.

- Agora que o diz... a entrevista que tinha hoje era com meu ginecologista. Receitou-me uma pílula anticoncepcional.

Rome se recostou na cadeira e deixou cair o braço sobre o respaldo enquanto a olhava com atenção, alertado pela vacilação que Sarah tinha tentado dissimular com todas suas forças.

Franziu suas sobrancelhas toscas e negras.

- Não há perigo se a tomas?

- Deixará que a teste, mas só se não me saltar as revisões - reconheceu com um suspiro - me deu que prazo dois anos, como máximo, para procurar uma alternativa.

- Se for perigoso, não tome - Rome tomou a mão e deslizou o polegar por sua suave pele. - Estive pensando em me operar. É uma solução segura e permanente.

Sarah fugiu aquela solução. Seu caráter definitivo representava um grande inconveniente para ela. No futuro, Rome poderia arrepender-se de sua decisão de não ter mais filhos, embora seu matrimônio com ela não saísse bem. Era tão consciente de que Rome não a amava que devia considerar a possibilidade de que se apaixonasse por outra mulher, e possivelmente essa mulher queria ter filhos com ele. E ele queria ter filhos com ela, Sentindo que se derrubavam todas suas ilusões só de pensá-lo, separou-se dele para não deixar entrever seus sentimentos. Olhou para outro lado e disse com voz afogada:

- Já falaremos disso mais adiante, se a pílula não funcionar.

Perplexo, Rome a olhou fixamente, enquanto reproduzia em sua cabeça a conversa para decidir o que era o que a tinha feito adotar esse semblante frio que ele tanto detestava. Sarah começava a estar relaxada e espontânea em sua companhia, esquecia-se de manter a cautela, Rome se estava acostumando a seus sorrisos, suas brincadeiras suaves. De repente, voltava a ser a Princesa de Gelo. Havia se posto nervosa nada mais mencionar as pílulas. Estava-lhe ocultando algo, e Rome sabia. Acreditou, ao lhe fazer amor pela primeira vez, que tinha descoberto o motivo de sua reserva, mas essa reserva estava ressurgindo, e compreendeu que Sarah escondia outros segredos nas profundidades de seus olhos verdes.

Ao Rome teria gostado de pinçar em sua mente para descobrir seus mecanismos, a razão de que ocultasse aspectos de sua personalidade. Queria conhecê-la, queria tirar a luz todos seus segredos. O distanciamento de Sarah provocou nele uma reação primitiva e violenta de perseguir e submeter, um instinto legado pelos cavernícolas que se vestiam com peles de animais e escolhiam a suas mulheres pela força.

- Um dia destes - disse em voz baixa, com resolução letal, - vou descobrir a verdade sobre você.

Sarah elevou a vista. O pânico fluía livremente sob a imagem serena que oferecia ao Rome. Se o fazia, se averiguava que ela o amava, como reagiria? Aceitaria-o ou voltaria as costas a um matrimônio que era mais profundo do que ele queria?

Capítulo 5

Casaram-se três semanas depois, uma sexta-feira pela tarde, depois do trabalho, ante um juiz que tinha aceitado celebrar a cerimônia em seu escritório. Para completa surpresa do Sarah, Max era uma das testemunhas, e inclusive lhe piscou os olhos quando ela e Rome ocuparam seus postos diante do juiz. Presenciaram a cerimônia uns quinze amigos do trabalho, cujos discretos murmúrios e mudanças de postura proporcionavam um grato ruído de fundo. Sarah tinha concluído os quinze dias de aviso prévio no escritório e tinha passado a última semana deixando-as unhas para ter o piso preparado e guardar ou vender tudo o que não fossem usar.

O apartamento que por fim tinham alugado lhe tinha parecido muito caro, mas Rome tinha rebatido todas suas objeções. Era um piso muito espaçoso, tão grande como uma casa de médias dimensões. Tinha sete habitações e uma ampla terraço onde poderiam fazer andaimes e tomar o sol, e onde Sarah poderia instalar sua infinidade de novelo. Também contava com uma chaminé de gás no salão que, conforme suspeitava Sarah, era o que tinha cativado a Rome. Tinha contemplado a chaminé com uma expressão de prazer quase diabólico, e Sarah mesma reconhecia que havia sentido vários estremecimentos de espera ao pensar no próximo inverno e nas noites que passariam diante do fogo.

A julgamento de Sarah, o melhor do apartamento era a administradora, que vivia no piso de abaixo. Marcia Taliferro era uma divorciada de trinta e dois anos, escritora free lance além de administradora, e tinha o filho de quinze anos mais imponente que Sarah nunca tinha visto. Derek Taliferro media já um e oitenta, pesava setenta e seis quilogramas, todos eles muito bem repartidos, e não só se barbeava a cada dois dias, mas sim o fazia por necessidade, o qual era desconcertante. Tinha uma voz fluída e profunda de barítono, e tinha herdado a beleza clássica italiana de seu pai, dos cachos negros até o nariz romana imperativa. Depois das aulas, trabalhava em uma pequena loja de comestíveis e ajudava a sua mãe com as tarefas da casa; para cúmulo, era o aluno mais avantajado de seu curso. Rome ainda não tinha conhecido a Derek o Magnífico, como inclusive Marcie o chamava, com um ápice de admiração na voz, como se não pudesse acreditar que tivesse dado a luz a um espécime tão perfeito. Derek estava

economizando para ir à universidade, mas por isso Marcie havia dito, quando acabasse o curso ainda lhe faltaria bastante dinheiro e, a não ser que tivesse a sorte de obter uma beca, teria que percorrer um árduo e longo caminho para a licenciatura.

Sarah não sabia se Rome teria contatos em alguma universidade, mas não conhecia nenhum jovem que mais merecesse um pequeno empurrão que Derek Taliferro.

Marcie era uma mulher sensata e amável; um pouco curta de estatura e um pouco entrada em carnes, embora a carne era quase todo músculo. Tinha o cabelo vermelho e sardas no nariz, mas carecia do temperamento que estava acostumado a atribuir-se às ruivas. Abordava todas as tarefas com um sentido em prático que as simplificava enormemente; tinha ajudado a Sarah a colocar os móveis, dado que Rome tinha partida na segunda-feira pela manhã de viagem de negócios e não tinha retornado até na quinta-feira de noite.

Sarah olhou de esguelha a Rome enquanto o juiz dava começo à cerimônia. Usava um traje azul escuro, com uma impecável camisa a raias finas de cor azul clara, uma gravata discreta de seda de tons azul marinho, e um lenço de seda que aparecia pelo bolso do terno. O toque de cor criava um contraste espetacular com sua tez morena.

Sarah ficou momentaneamente sem ar, e o coração começou a lhe palpar com força ao imaginar sua noite de núpcias. Só tinham tido oportunidade de fazer amor em três ocasiões, já que uma inundação de viagens tinha mantido ao Rome fora da cidade e as funções naturais do corpo do Sarah tinham tido o dom da importunidade. Desejava-o; já sentia o corpo débil e quente.

Rome estava tenso; tinha o braço rígido ali onde Sarah apoiava brandamente os dedos da mão. Falou com voz tensa, e a mão lhe tremeu ao colocar a singela aliança de ouro no dedo de Sarah. Assim que teve o anel posto, Sarah fechou a mão, como se pudesse afiançá-lo em sua pele. Depois, Rome lhe roçou os lábios com um leve beijo, e a cerimônia terminou. Rome se girou para ela sem deixar de lhe sustentar a mão e lhe ofereceu um sorriso que logo que curvou as comissuras de seus lábios para, logo, desaparecer.

Todo mundo se aproximou para lhes dar a mão e os parabéns. Max foi o último; estreitou a mão de Rome e, depois, tomou o rosto do Sarah entre as palmas e disse em voz baixa:

- Meu Deus, está preciosa! Então, é feliz?

- Sim, é obvio - sussurrou Sarah, e elevou o rosto para receber o beijo do Max, um leve roçar de lábios.

- Maldito seja, Max - disse Rome com impaciência. - Por que tenho a impressão de que você a beija mais que eu?

- Pode ser que seja mais despachado que você - replicou Max, com um sorriso zombador.

Sarah se agarrou à mão de Rome enquanto se perguntava se seu flamejante marido também pensaria que estava bonita. Max não tinha sido o único que a tinha enchido de elogios, e Sarah sabia que se devia tanto a sua nova maquiagem como a sua felicidade. Tinha ido a um salão de beleza e a maquiadora lhe tinha mostrado uns novos tons translúcidos e delicados, que animavam seu rosto sem endurecê-lo muito. Tinha-lhe pintado os olhos de uma cor apenas mais escura que o habitual, mas graças a esse minúsculo detalhe, apreciava-se uma diferença. Seus olhos egípcios resultavam exóticos, Com pestanas como plumas, enquanto que nas profundidades verdes se escondiam as sombras e os segredos. Tinha os maçãs do rosto empoeirados de cor pêssego, e seus lábios apareciam suaves e exuberantes. Não se devia ao batom, a não ser a como se sentia. Sob o vestido de cor rosa pálido que usava, o corpo do Sarah tremia de ânsia.

Mas ainda não. Fizeram uma reserva em um restaurante de moda e todo mundo se apontou. Lagosta com champanha parecia o festim ideal, mas Sarah estava tão nervosa que não sentiu o sabor da carne da lagosta nem o champanha borbulhante que escorregava por sua garganta.

Não era consciente de que estava um pouco alta, até que voltou a cabeça para dizer algo ao Rome e viu balançar o salão. Piscou, surpreendida.

Pela primeira vez em toda a tarde, Rome sorriu de orelha a orelha, e seu rosto moreno se iluminou com a brancura de seus dentes.

- Duas taças de champanha são muito para ti?

- Deixaste-me beber duas taças? -perguntou Sarah com voz débil, e se agarrou a borda da mesa. - Rome, não brincava sobre minha tolerância ao álcool. Não poderei sair daqui por meu próprio pé!

- Somos um casal de recém casados. A todo mundo parecerá muito romântico se te levar nos braços - repôs com calma.

- Não se agitar a toalha como uma bandeira e canto hinos patrióticos a pleno pulmão - disse Sarah em tom sombrio.

Rome riu entre dentes, mas afastou a taça de champanha do prato do Sarah e fez um gesto ao garçom. Pouco depois, Sarah viu aparecer um copo de leite sobre a mesa, e bebeu dele com gratidão. Todos os convidados gemeram e vaticinaram desastrosos resultados se misturasse o leite com o champanha, mas Sarah se agarrou ao copo como se tratasse de um salva-vidas. Embora o leite amenizasse o ritmo ao que o sangue absorvia o álcool, sabia que sairia com passo vacilante do restaurante.

Assim foi. Rome lhe rodeou a cintura com o braço a modo de gancho para ajudá-la a subir ao Mercedes. Instalou-a no assento e deu a volta ao carro para sentar-se atrás do volante, sem deixar de despedir-se de seus amigos e de agradecer suas felicitações. Depois de fechar a porta do carro, permaneceu imóvel durante um momento, brincando com o chaveiro na mão.

Por fim, colocou a chave no contato e se voltou para olhar a Sarah, que estava recostada no assento, com os olhos entre-cerrados e um sorriso intrigante nos lábios. A luz da luz se refletiu em seus olhos verdes, que cintilaram como pó lunar. Era tão suave e feminina... E seu sutil perfume de rosas fazia cócegas no nariz, tentando-o a seguir seu rastro por sua pele sedosa. Acabava de converter-se em sua esposa, em sua companheira íntima perante a lei... SUA ESPOSA!

Esteve a ponto de gemer em voz alta ao recordar outro casamento: o rosto radiante de Diane enquanto caminhava para o altar, a ânsia com que ele a tinha beijado depois da cerimônia. Sua esposa! Diane tinha sido sua esposa, e Rome jamais pensou que outra mulher ocuparia seu posto ou receberia o mesmo tratamento. Até o começo da cerimônia, não tinha albergado nenhuma dúvida sobre aquele segundo matrimônio; mas quando o padre tinha começado a pronunciar aquelas palavras tão familiares, tão perse-guidoras, havia sentido frio por todo o corpo. Não lamentava haver se casado com Sarah, mas a lembrança de Diane o estava atormen-tando. Tinha perdido de tudo ao Diane, tinha-a perdido de verdade. Já não podia dizer que era sua esposa porque, conforme às leis do Texas e dos Estados Unidos, e a sua própria decisão, a mulher que estava a seu lado era, desde fazia escassas horas, sua esposa.

Sarah Matthews. Pronunciou o nome em sua cabeça para gravá-lo em sua mente. Sarah Matthews, sua esposa. A pálida e elegante Sarah, tão distante, por fim era dele. Sabia que não deveria estar pensando em nenhuma outra mulher aquela noite, mas não podia deixar de evocar a lembrança de Diane, nem de compará-la com Sarah.

Diane tinha sido muito mais decidida que Sarah, capaz de encarar-se com ele e de discutir cara a cara, corpo a corpo, para logo beijá-lo com todo o ardor de sua natureza ardente. Toda ela tinha sido um estalo de

cor: a pele dourada pelo sol, a cabeça cheia de brilhantes cachos de cor mel e os olhos tão azuis como um céu do verão. Diane tinha sido o sol, quente, luminoso, enquanto que Sarah era a lua, pálida, fria e altiva. Sarah... O que era o que a voltava tão misteriosa? Seria seu olhar velado e profundo? Alguma vez tinha desejado a uma mulher como desejava a Sarah? O mistério que a envolvia só servia para intensificar o feitiço, para incitá-lo a resolver o enigma.

Mas quando entrou com o Sarah em seu novo apartamento, na primeira noite que os dois passariam ali, soube que não seria capaz de lhe fazer amor. Levava toda a semana pensando nela, desejando-a, recordando o tato de sua suave pele, mas de repente, compreendeu que não poderia fazê-lo. A dor que tinha ficado relegado a um segundo plano durante as últimas semanas acabava de voltar para a vida, mais intenso e amargo que nunca. Tinha que despedir-se de Diane.

Quando a porta se fechou atrás deles, Sarah se voltou para Rome, apertou seu corpo contra o dele e lhe rodeou o pescoço com os braços. Rome a beijou com suavidade, detestando a rigidez de seu próprio corpo; depois, desenredou-se de seu abraço e a afastou.

- Me deixe que jogue uma olhada - anunciou, para pospor o inevitável. - Não o tinha visto desde que pôs os móveis. Ficou magnífico!

Rome entrou no apartamento, e Sarah o seguiu, confusa pela maneira em que a tinha rechaçado. Ao sentir-se que se balançava, inclinou-se para descalçar-se. Sentia-se muito mais segura cami-nhando com os pés nus que oscilando sobre saltos de sete centímetros.

Rome deu o visto bom ao cenário e, depois, pareceu ficar sem saber o que dizer. Suspirou e se passou as mãos pelo cabelo. Por fim, decidiu-se, aproximou-se dela, e voltou a lhe rodear a cintura com o braço para conduzi-la ao dormitório no que Sarah dormiria. Apesar de sua necessidade de estar sozinho, o fato de que tivesse o acesso proibido a aquela habitação sem um convite ainda o irritava. Abriu a porta, colocou o braço para acender a luz e pôs as mãos nos ombros de Sarah.

- Sinto muito - disse em voz baixa, descarnada. - Me veio tudo em cima e não posso... Esta noite tenho que estar sozinho. Sinto muito - repetiu, e esperou para ver sua reação.

Não a houve. Sarah se limitou a olhá-lo, mais baixa que de costume porque estava descalça, sem refletir nada nos olhos exóticos que tinham estado cintilando apenas fazia uns instantes. Deu-lhe uma boa noite, deu um passo atrás e fechou a porta antes de que Rome tivesse a oportunidade de dizer nada mais, se lhe tivesse ocorrido algo que dizer. Ficou contemplando a madeira lisa, com os ombros afundados pela derrota, enquanto as dolorosas lembranças revoavam por sua mente durante longos minutos antes de que se desse a volta e se retirasse a seu próprio dormitório.

Deitou-se, mas não pôde conciliar o sonho. Os anos vividos com Diane se projetaram em sua mente como se se tratasse da gravação de um aficionado. Recordou cada matiz de seu expressivo rosto, os planos que tinham feito durante as gravidezes, o imenso orgulho e adoração que tinha sentido ao levantar nos braços a seus filhos pela primeira vez. Sentiu a ardência de umas lágrimas ardentes no fundo dos olhos, mas não as derramou. Seus filhos. Justin e Shane. A dor pela morte dos pequenos era tão atroz que tentava não pensar nunca neles; ainda não o tinha superado. Tinham sido parte dele; havia sentido como cresciam dentro de Diane, tinha-os visto nascer, tinha sido o primeiro em tomá-los nos braços. Justin tinha dado seus primeiros passos cambaleantes caminhando para ele. Recor-dava as mamadeiras das duas da madrugada, os sons ávidos que emitiam ao apanhar o bico da mamadeira entre os lábios. Recordou a perplexidade de Justin a seus dois anos quando um novo bebê entrava em

seu mundo e monopolizava o tempo de Diane, mas em seguida se converteu em um irmão abnegado e os dois meninos tinham sido inseparáveis depois.

Recordou suas risadas, sua inocência, sua exploração temerária do mundo e o alvoroço que armavam quando Rome voltava para casa. Enterrá-los tinha sido o mais difícil que tinha feito na vida.

Santo Deus, deveria estar proibido. Um pai jamais deveria ver morrer a seu filho.

Não podia recordar o dia em que o sol tivesse brilhado depois.

Sentia uma intensa e palpitante dor de cabeça, e se levou os dedos às têmporas. Desejava gritar de dor, mas apertou os dentes e, logo, a tortura remeteu. Exausto, fechou os olhos e ficou dormindo.

Em seu quarto, arremesso sobre a ampla cama vazia, Sarah não conseguia conciliar o sono. Estava imóvel, experimentando os efeitos da champanha, que fazia que a habitação girasse devagar em torno dela. Mas não estava quieta pelo champanha. Embargava-a uma dor tão amarga que temia estourar em mil pedaços se se movesse. Deveria ter sabido, ter imaginado, que a cerimônia afetaria ao Rome, mas não soube até que viu o inferno refletido em seu olhar. Em lugar de celebrar seu casamento, tinha estado lamentando-o, porque Sarah não era a mulher a que amava.

Tinha sido uma estúpida ao pensar que poderia conquistar seu coração? Ficaria um pouco de amor que dar ou teria acabado tudo na tumba, com Diane? Não podia sabê-lo, e já tinha tomado uma decisão desde que aceitara a casar-se com ele. O que Rome pudesse lhe dar, aceitaria-o.

A todo custo, tinha que impedir que Rome vislumbrasse a pena que ela sentia, não queria agudizar seu sofrimento fazendo que se sentisse culpado. Comportaria-se com normalidade, como se aquela fora a maneira em que qualquer casamento dava começo a sua vida em casal. Duvidava que Rome a interrogasse muito se ela fingia indiferença; mas bem, aceitaria sua atitude com alívio. Quão único Sarah tinha que fazer era sobreviver ao fim de semana; depois, Rome voltaria para o escritório e ela poderia começar a sério a procurar trabalho, ou a decidir se de verdade queria montar um pequeno negócio.

Sua mente, esgotada, agarrou-se ao novo tema com alívio, ansiando algo, algo, que pudesse afastar os pensamentos sobre Rome. Não podia esperar nada dele; teria que viver o momento. Assim que o desterrou de sua mente e tentou decidir que classe de negócio poderia interessá-la, porque queria algo que não só ocupasse seu tempo, mas sim lhe agradasse. Mentalmente, fez uma lista de todas suas afeições e passatempos, e em sua mente afloraram distintas possibilidades. Deu voltas às idéias na cabeça até que, por fim, o sono a reclamou.

Despertou cedo, porque a novidade do entorno lhe tinha impedido de dormir profundamente. O relógio da mesinha de cabeceira assinalava as seis e meia. Levantou-se, tomou banho, e vestiu outra vez a camisola e uma bata, já que não gostava de vestir-se e a temperatura de princípios de outono tinha caído durante a noite. No dia anterior tinha sido temperado, e Sarah inclusive tinha posto o ar condicionado no carro, mas sem prévio aviso, como era característico do clima do Texas, fazia frio. Foi direito ao termostato e o pôs em "calor", e em seguida o agradável crepitar da caldeira lhe indicou que logo teria a casa quente.

Embora o tinha ordenado tudo, a cozinha seguia sendo uma surpresa para ela. Teve que rebuscar nos armários para encontrar a cafeteira; depois, a colher que utilizava para medir o café não aparecia por nenhuma parte. Abriu todas as gavetas e pinçou neles um a um, mas os fechava com crescente mau gênio quando a busca resultava errada. Não estava de humor para contratempos, e proferiu terríveis ameaça à colher por esconder-se.

Por fim, encontrou-a na vasilha do café. Fechou os olhos ao dar-se conta de sua estupidez, porque recordava havê-la posto ali expressamente

para que não se perdesse... Aborrecia as mudanças! Detestava que tudo estivesse patas acima, e não no lugar acostumado. A geladeira estava à esquerda da cozinha e não à direita, como em seu antigo apartamento, e Sarah se voltava para o lado que não era cada vez que queria tirar algum alimento. Aquela cozinha era mais ampla que a que ela tinha tido, e não fazia mais que dar voltas. Sentia-se pequena e perdida, como se havia sentido de menina em seu quarto impecável e insípido quando, arremesso na cama, escutava as acaloradas discussões de seus pais.

Sabia que Rome gostava de madrugar, assim começou a preparar o café da manhã. Fez um esforço por relaxar-se e realizar aquele trabalho rotineiro embora todos seus utensílios de cozinha tivessem mudado de lugar. Assim que esteve preparado o café, encheu uma xícara e tomou um gole; fechou os olhos e tentou serenar-se. Sabia que, com o tempo, acabaria acostumando-se a seu novo entorno. Não era mais que um problema de adaptação.

Mas e Rome? Ele era a causa de, ao menos, a metade de seu nervosismo, porque não sabia o que ia dizer lhe, e muito em breve teria que enfrentar-se com ele. O que podia lhe dizer uma recém casada a um marido que tinha passado a noite sozinho? Possivelmente não deveria haver se casado com ele, possivelmente Rome não estivesse ainda preparado para manter uma relação permanente com outra mulher. Deveria ter rechaçado sua proposta, com a esperança de que voltasse a declarar-se quando tivesse superado sua tragédia? E se Rome se limitou a encolher-se de ombros e a ir-se e, tempo depois, tivesse conhecido a outra mulher e se casasse com ela? Sarah se estremeceu ao pensá-lo. Já tinha sido terrível que se casou com Diane, não suportava imaginá-lo unido a outra mulher, a uma estranha.

O aroma de toucinho frito era um ímã universal; muito em breve, Rome entrou na cozinha cheirando o ar com agrado. Sarah lhe lançou um olhar furtivo, que desviou antes de que seus olhares se cruzassem. Rome se tinha dado uma ducha, porque tinha o cabelo úmido, e se tinha posto uns jeans e uma camisa de xadrez, que levava sem grampear e sem remeter na calça. Pôs-se meias, mas estava descalço. Estava tão acostumada a vê-lo com roupa formal que aquele traje cômodo e caseiro a comoveu. Estava vestido como qualquer marido em uma ociosa manhã de sábado.

- Estava tentando dismantelar a cozinha? - perguntou Rome. Afogou um bocejo e a observou de relance com certa inquietação, perguntando-se que recebimento lhe daria Sarah aquela manhã. A maioria das mulheres tachariam de imperdoável o que tinha feito a noite anterior, e se sentia como um verme. Ao menos, deveria ter falado com ela.

Sarah estava tensa, a beira das lágrimas.

- Despertei-te? Sinto muito, não era minha intenção.

- Não, já estava acordado.

Sarah se apressou a lhe servir uma xícara de café, e Rome tomou, dirigiu-se à pequena mesa de café da manhã e se deixou cair em uma cadeira antes de esticar as pernas. Estava nervosa, mas não parecia zangada. Bebeu o café sem saber o que dizer. Sarah retirou o toucinho do fogo e se voltou para a geladeira para tirar os ovos, mas uma vez mais, equivocou-se de lado. Proferiu um gemido afogado e se cobriu os olhos com os punhos para conter as lágrimas.

- Maldita seja - disse com voz débil. - Sinto muito, mas não consigo me esclarecer. Não encontro nada! - estourou, com uma nota ríspida na voz por causa da tensão. - Me... Sinto perdida!

Rome se incorporou e franziu as sobancelhas ao perceber o pânico na voz de Sarah. Estava-se vindo abaixo porque tinha que cozinhar em uma cozinha distinta da habitual! O pânico não era fingido, nem se tratava de uma desculpa; era real e ela não conseguia dominá-lo.

Sem pensar, impulsionado sozinho pela certeza de que Sarah necessitava de consolo, levantou-se, estreitou-a entre seus braços e a apertou contra ele.

- Vamos, te acalme - aconselhou-lhe com voz macia, enquanto lhe acariciava a juba chapeada e apertava a delicada cabeça contra seu peito.
- A que vem tudo isto?

Rome devia pensar que era uma estúpida. Sarah seguia tremendo enquanto Rome voltava a tomar assento e a sentava sobre seu colo. Começou a balançá-la como se fosse uma menina pequena que se feito mal jogando. Acariciava-lhe as costas com movimentos lentos de suas fortes mãos.

- Não o tinha guardado todo você? -perguntou com suavidade.

- Sim, por isso é tão absurdo! - procurou o calor do Rome deslizando as mãos por debaixo da camisa aberta para agarrar-se a suas costelas, e enterrou o rosto em seu peito, como um bichano. - É que tudo está tão diferente que não me acostumo. Odeio as mudanças! - murmurou. - Não me surpreenderá trocando os móveis de lugar todos os meses, nem sequer uma vez ao ano. Eu gosto de me sentir segura em minha própria casa, não uma estranha.

Atônito, Rome a balançou com suavidade, enquanto se perguntava como era possível que a conhecesse desde fazia tanto tempo e não se deu conta de sua arraigada necessidade de estabilidade.

Tentou recordar algum comentário sobre a infância do Sarah, mas sua mente ficou em branco. Estava acostumado a ser tão serena e capaz que resultava um pouco surpreendente sentir como se apertava contra ele, mas lhe agradava. Era tão miúda e delicada como um floco de algodão, mas com as curvas cálidas e sedutoras de uma mulher. Sarah suspirou e elevou as mãos pelos músculos fortes das costas do Rome, e este se estremeceu de prazer e de algo mais. Os cabelos de Sarah caíram como uma pálida cascata, morna e sedosa, sobre seu braço moreno, e percebeu o perfume doce de feitiçaria feminina que provinha das curvas aveludadas de seus seios. Tinha um aroma próprio, que não se apoiava em nenhum perfume a não ser na química de sua própria pele tersa e lustrosa, e cada inspiração elevava seus seios como uma oferenda irresistível.

O desejo, intenso e urgente, começou a esticar o corpo do Rome. Retirou-lhe o cabelo do pescoço e inclinou a cabeça para deslizar os lábios sem pressa pela esbelta coluna, rastreando seu aroma de mulher.

- Prometo não mover nada nunca - murmurou Rome quando encontrou o minúsculo pulso traiçoeiro na base da garganta do Sarah. Não o merecia, mas estava abrindo-se a ele sem fazer o menor comentário sobre seu comportamento a noite anterior; não ia rechaçar o nem a passar o dia com a cara larga e expressão doída. Aceitava o que ele pudesse lhe dar, e o aceitava com alegria, inclinando a cabeça para trás para lhe facilitar as carícias.

Rome se aproveitou de sua generosidade, e arrasou com lábios ávidos a pele do Sarah à medida que a despia. Sarah fechou os dedos no cabelo do Rome e proferiu uma exclamação quando lhe abriu a bata e se desfez dela. Depois, apressou-se a baixar as alças da camisola até que a seda escorregou de seus seios. Inclinou a cabeça para fechar sua boca ardente sobre um mamilo sensível, e um grito de prazer brotou dos lábios de Sarah.

- Você gosta? - murmurou com ferocidade, enquanto se enchia as mãos e a boca com as curvas aveludadas e os mamilos firmes e insolentes.

- Sim... Sim... - era uma resposta débil e distante, e Sarah tentou rodeá-lo com os braços, mas as alças da camisola lhe impediram de levantá-los. Lutou com silenciosa frustração com as ataduras de seda, tentando tirar os braços, mas Rome a deixava muito segura, e as carícias que lhe estava prodigalizando eram muito deliciosas para permitir que as interrompesse.

Rome voltou sobre seus beijos para tomar posse da boca de Sarah com profundas investidas de sua língua. O café da manhã ficou relegado ao esquecimento, e Sarah teria sido incapaz de prepará-lo embora se acordou. Não se cansava de tocá-lo, não conseguia satisfazer sua necessidade de apertar seu corpo por completo contra o dele, e se retorceu no colo de Rome para que seus seios, nus e sensíveis, pudessem enroscar-se nos cachos espessos e morenos do peito de Rome. Ele ajudou sentando-a escarranchado sobre seu colo, para depois atirar da seda para cima e sentir as nádegas do Sarah sobre ele.

- Me... Deixa... Louco! - grunhiu de maneira entrecortada, e se agarrou dos jeans até que se abriram e pôde desfazer-se deles. Sarah voltou a unir sua boca a dele, e manteve o beijo enquanto ele a penetrava com suavidade, deixando-a sem fôlego.

Sarah gemeu seu nome e se moveu contra ele, com a pele ardendo como se fosse muito fogo. Ela era fogo, seu corpo miúdo se movia, abrasador, e tomava até que os únicos sons que Rome foi capaz de proferir eram palavras incoerentes de ânsia e paixão, de crescente desespero sexual que o mantinham tenso na cadeira, a beira da loucura. Sarah obteve, por fim, liberar-se da camisola e levantou os braços para os ombros bronzeados do Rome, para agarrar-se a ele. Rome se conteve, agonizando pelo esforço, mas queria sentir o delicado estremecimento interior de Sarah, a quebra de onda de satisfação. Quando ela se cansou, relevou-a segurando-a com força pelos quadris. Sarah proferia pequenas choramingações, sons que Rome apanhava com os lábios enquanto a incitava a seguir. Quebras de onda de puro êxtase começaram a sacudi-la, e caiu, exausta, sobre o peito do Rome, soluçando de gozo e alívio, enquanto Rome a sustentava com firmeza e alcançava seu próprio prazer.

Quando o sangue deixou de lhe bulir com frenesi, Sarah permaneceu reclinada sobre ele, sem forças a mover-se. Jamais pensou que seu matrimônio se consumaria na cadeira de uma cozinha, mas o desejo impaciente com que Rome a havia possuído resultava tão tranquilizador que não lhe importava.

Murmurando com satisfação, fechou os olhos e lhe acariciou o peito com os lábios.

- Rome - disse com urgente ternura, e Rome ficou em pé e a levou para cama.

O café da manhã acabou sendo o almoço, e comeram o toucinho em sanduíches. Sarah resplandecia pelas horas de paixão que tinham passado juntos, como um matagal de braços e pernas, na cama. Sem adivinhar a satisfação que Rome sentia quando ela se abandonava ao desejo, quando seu rosto revelava sua ânsia nua, limitava-se a entregar-se a ele e a receber em troca uma satisfação física que nem sequer lhe parecia real. Rome se continha tanto e dedicava tanto tempo a lhe procurar agradar que Sarah não era consciente de quão insólito era para uma mulher desfrutar tanto sendo tão inexperiente. Rome trabalhava em excesso em acariciá-la, para marcar os sentidos e a pele de Sarah com os seus, utilizando sua experiência para assegurar-se de que, sempre que pensasse em fazer amor, pensasse nele.

O dia transcorreu em uma bruma de sensualidade. A mente de Sarah não saía de seu atordoamento enquanto seu corpo se saciava com avidez. Voltou para a realidade aquela noite, depois de que Rome lhe fizesse amor com enlouquecedora intensidade. Beijou-a com suavidade nos lábios, saiu da cama e do dormitório e fechou a porta sem fazer ruído para ir dormir sozinho porque, como Sarah bem sabia, em seu coração, não tinha mais esposa que Diane.

Permaneceu tombada, desejando que retornasse, suplicando em silêncio que não fora uma segunda edição da noite anterior. Mas a porta não voltou a abrir-se, e Sarah se fez um novelo com tristeza, morrendo um pouco por

dentro. Rome lhe havia dito em uma ocasião que, quando chegava a noite, dormia sozinho. Ela nunca o tinha jogado na cara, inclusive tinha escolhido o apartamento com a intenção de agradá-lo; mas cega pela magia daquele dia, que tinham passado juntos, quase todo o tempo, naquela mesma cama, tinha-o esquecido. Sarah chorou em silêncio, para que ele não a ouvisse.

Capítulo 6

Rome colocou a chave na fechadura e abriu a porta para entrar no piso com um profundo alívio e espera. A viagem lhe tinha feito interminável e estava até o cocuruto de habitações e comidas de hotel. Nada mais entrar no saguão, percebeu o ambiente cômodo e sereno que Sarah tinha criado, uma sensação de estar em casa, algo que Rome sentia falta fazia tempo. Não sabia explicar como o conseguia, mas tudo resultava mais confortável.

Embora só estavam casados há duas semanas, Rome tinha esperado com ilusão a viagem, sentindo uma inquietante necessidade de liberar-se das ataduras suaves e invisíveis que o oprimiam. Não se devia às exigências do Sarah porque, na verdade, não exigia nada. E, mesmo assim, Rome se surpreendia pensando nela em distintos momentos durante o dia, bem porque queria comentar com ela algum pequeno detalhe sobre seu trabalho, ou porque queria lhe fazer amor, uma necessidade premente suscetível de provocar uma situação embaraçosa no escritório. Custava-lhe muito pouco pensar em lhe fazer amor: bastava ouvindo seu nome, ou passar junto ao escritório do Max. Qualquer pequeno detalhe o sumia na lembrança do sabor de Sarah, do tato de sua pele, de suas reações. Era tão incrivelmente sensual, que Rome ainda estava assombrado do con-traste entre sua imagem serena e calada e a mulher ofegante e trêmula que estreitava entre seus braços.

Tinha querido distanciar-se dela, mas a viagem se prolongou muito; o que em um princípio pensou resolver em três dias tinha demorado oito em completar, e Sarah não se mostrou contrariada quando ele a tinha chamado para lhe dizer que retornaria mais tarde que o previsto. Limitou-se a dizer:

- Não importa. Mas me avise assim que saiba quando retorna.

Ato seguido, tinha passado a outro assunto.

Rome se havia sentido um pouco frustrado por aquela falta de interesse e, de repente, a viagem e a multidão de detalhes que devia concretizar se converteram em um chateio. Desejou voltar para casa. A necessidade de relaxar-se e estar com Sarah se tornou tão imperiosa que tinha apertado as porcas a todo mundo até roçar o limite, mas tinha resolvido todos os assuntos um dia antes do que Sarah o esperava. Passeou o olhar pelo silencioso piso, banhado na luz do sol que se filtrava pelas janelas, e percebeu o leve e tentador aroma de bolo de maçã caseira. Cheirou o ar e sorriu, porque o bolo de maçã era seu preferido.

- Sarah? - chamou-a, e soltou a maleta e o casaco, repentinamente ansioso de tê-la outra vez em seus braços. O que pensaria se a tirava da cama? Mas tinham sido oito dias longos e frustrantes, e não estava acostumado ao celibato. Além disso, não tinha desejado a nenhuma outra mulher. Desejava a Sarah, com sua fria reserva e cômodos silêncios, e o cabelo loiro platino enroscado em torno dos braços de Rome como amarras de seda.

Mas Sarah não saiu correndo a recebê-lo, e Rome franziu o cenho. Com impaciência, registrou o piso, embora já sabia que estava vazio. Onde se teria metido? Teria saído às compras? Possivelmente estivesse procurando trabalho; tinha mencionado que tinha vários projetos interessantes. Consultou seu relógio. Eram quase as quatro, assim devia estar a ponto de voltar.

Desfez a mala e se sentou para ler o jornal. Gostava de ver o telejornal da tarde. Ao pôr do sol, a temperatura desceu ostensivamente, assim acendeu a calefação e permaneceu sentado durante um longo momento contemplando o balanço das chamas azuis. O entardecer de outubro foi breve e, muito em breve, a luz do dia se apagou por completo. Mantendo sua irritação sob controle, Rome preparou o jantar e comeu sozinho, incluída uma grande porção de bolo de maçã. Enquanto recolhia a cozinha, foi possuído de uma súbita raiva funesta, nascida, em parte, de um medo indescritível que não queria nomear, nem sequer para si. Diane tinha saído e não havia retornado; nem sequer queria conceber que pudesse haver ocorrido algo a Sarah. Mas, maldição, onde estava?

Eram quase as dez quando por fim ouviu que colocava a chave na fechadura; Rome ficou em pé, detento de uma mescla de alívio e pura fúria. Ouviu que Sarah dizia:

- Obrigada, Derek. Não sei o que teria feito sem ti. Até amanhã.

Uma voz profunda e serena disse:

- Quando necessitar de ajuda, senhora Matthews, não duvide em me chamar. Boa noite.

- Boa noite - repetiu Sarah e, um momento mais tarde, entrou na cozinha e se voltou para a esquerda e não para a direita, ao salão, onde estava Rome. Naquele instante, advertiu com estranheza que as luzes estavam acesas, quando a casa inteira deveria estar sumida na escuridão, e se deteve em seco.

De onde estava, Rome viu como esticava suas esbeltas costas; então, ela girou sobre seus pés e seu rosto se iluminou como um céu noturno com o estalo de uns foguetes.

- Rome! - exclamou, e se equilibrou para ele. O aberto entusiasmo de Sarah o desarmou, e se esqueceu de seu aborre-cimento; alegrava-se, simplesmente, de vê-la. Abriu-lhe os braços, mas no último momento, agarrou-a pelos ombros e a reteve.

- Vá! - disse, e riu um pouco. - Não sei... Quem é? A voz me resulta familiar, mas a capa de imundície é nova.

Sarah riu com pesar, tão feliz de vê-lo outra vez em casa que queria dançar nas pontas dos pés como uma menina. Desejava beijá-lo, mas estava suja e sabia disso. Olhou-se os jeans, enegrecidos pela graxa, a porcaria e manchas várias, incluído uma mancha de ketchup do cachorro quente que tinha comprado para almoçar. Por desgracia, a imundície a cobria dos pés a cabeça. Protegeu-se o cabelo com um lenço vermelho; desenredou-o com cuidado e o imaculado recolhido de cabelo apareceu, resplandecente, em claro contraste com o resto de sua figura.

- Pareço um cromo - reconheceu. - Deixa que me dê uma ducha rápida e lhe contarei isso tudo.

- Não posso esperar - repôs Rome com ironia, enquanto se perguntava que catástrofe poderia ter transformado a sua imacu-lada esposa. Tinha um rasgão na manga da camisa. Teria brigado com alguém? Impossível e não havia cortes nem contusões, o qual desprezava a possibilidade de um acidente.

Seguiu-a por volta do banheiro.

- Me diga uma coisa: estiveste fazendo algo ilegal ou te ocorreu algo que requeira a intervenção da polícia?

Sarah riu, uma risada grave e rouca que sempre prendia uma fogueira no ventre do Rome.

- Não, nada disso. São boas notícias!

Rome contemplou como se despojava da roupa suja, enrugando o delicado nariz com desagrado à medida que deixava cair os objetos no chão do banheiro. Com ânsia, percorreu com o olhar suas curvas esbeltas e fluídas, aquele corpo que era todo dele, dos mamilos doces como o mel até os cachos de ouro pálido. Viu que flexionava os ombros, como se os

deixasse doloridos, e que um suspiro involuntário de cansaço brotava de seus lábios.

- Comeste algo? - perguntou Rome.

- Nada desde o almoço.

- Prepararei-te algo enquanto toma banho.

Quando saiu da ducha, sentindo-se limpa outra vez, Sarah teve a impressão de que a água quente tinha lavado a sujeira, mas também as poucas forças que ficavam. Estava tão cansada que poderia ter caído de bruços sobre a cama e ter dormido de um puxão até a noite seguinte, mas Rome a estava esperando e ela precisava vê-lo. Nem sequer a tinha beijado ainda, e tinha a sensação de que fazia séculos que não o tocava. Vestiu uma bata, o único objeto com a que se tomou a moléstia de cobrir-se, e se dirigiu à cozinha.

Rome tinha aberto uma lata de sopa e lhe tinha preparado um sanduíche quente de queijo. A Sarah parecia ambrósia. Sentou-se torpemente na cadeira e jogou mão do sanduíche enquanto Rome lhe servia um copo de leite.

- Bom, me conte as boas notícias - a apressou Rome. Deu a volta a uma cadeira, sentou-se escarranchado sobre ela e apoiou os braços no respaldo.

Durante um longo momento, Sarah se limitou a contemplá-lo, incapaz de acreditar quão atrativo estava. Tinha o cabelo, com suas grossas mechas negras, alvoroçado, e o cansaço se refletia em suas feições, mas era o homem mais formoso que tinha visto.

- Comprei um pequeno comércio - anunciou.

Rome se esfregou a maçã do rosto com um dedo, um pouco surpreso por sua própria reação à notícia. Havia dito a Sarah que suas respectivas profissões lhes permitiriam conservar a independência que necessitavam, mas na hora da verdade, queria que Sarah lhe dedicasse toda sua atenção. Ao recordar pela enésima vez que não devia pressioná-la, que Sarah esperava, e merecia o direito de tomar essa decisão por si mesmo, camuflou sua reação e perguntou:

- Que tipo de comércio?

- Uma loja de artesanato, embora também seja uma oficina. Era uma ganga, porque o edifício está em muito mal estado - explicou-lhe com alegria. - Está em um lugar ideal, e a só um quilômetro e meio daqui. Além disso, o preço inclui os estoques, e quase tudo está feito a mão. Já verá a cerâmica! Há um forno no depósito, igual provo a usá-lo; fiz um curso de olaria no instituto. Estive-me deixando as unhas para que estivesse pronta antes de que a visse - continuou. - Limpamos o local, pintamos e instalamos estantes novas, e Derek trocou as luzes...

- Quem é Derek? - interrompeu-a Rome, ao recordar ao homem que a tinha acompanhado.

Sarah suspirou com exasperação.

- Derek Taliferro, o filho de Marcie. Já te falei dele. Acompanhou-me até a porta.

- Esse era Derek? Acreditava que tinha quatorze ou quinze anos.

- Assim é. Quinze anos. Já verá quando o conhecer! Parece que tem vinte. É um menino estupendo, não sei o que teria feito sem ele. Deveria haver-se ido para casa a fazer os deveres, mas não quis me deixar só na loja.

- Menino preparado - disse Rome, e arqueou as sobrancelhas para indicar que não lhe agradava a idéia de que Sarah ficasse sozinha na loja até tão tarde.

Sarah passou por cima do comentário e se concentrou na comida, que devorou com refinada avidez. Justo quando terminava, elevou a vista e o surpreendeu observando-a com intensidade, com uma expressão inescrutável nos olhos.

- Retornaste um dia antes - disse Sarah por fim.

- Atei os últimos cabos esta manhã e tomei o primeiro avião de volta para casa. Cheguei a isso do meio-dia, estive um momento no escritório e vim a casa um pouco antes das quatro.

- Sinto não ter estado aqui - disse Sarah com suavidade. - Oxalá tivesse sabido que vinha.

Rome se encolheu de ombros, e aquele gesto de indiferença fez que Sarah se retraíra. Tinha estado a ponto de alongar o braço para ele, mas manteve as mãos fortemente entrelaçadas no colo.

- Comi a metade do bolo -disse Rome, trocando de tema. - Quer uma parte?

- Não. Não, é que... - interrompeu-se, afligida pelo esgotamento. Tentou dominá-lo, mas estava sem forças. - Estou tão cansada... - suspirou, e fechou os olhos durante um momento.

Ouviu o ruído da baixela enquanto Rome recolhia a mesa e, com um esforço sobre-humano, abriu os olhos para lhe oferecer um pequeno sorriso, um sorriso que produziu uma descarga elétrica em Rome.

- Vamos à cama - convidou-o Sarah.

Sem esperar um segundo convite, Rome se inclinou para levantá-la nos braços, e seus lábios encontraram, por fim, os dela para fundir-se em um beijo longo e penetrante. Sabia que estava cansada, e tinha tido intenção de esperar, mas ao ouvir seu convite, esqueceu-se de suas boas intenções. Depois de transladar a passo rápido à habitação, retirou o edredom e a colocou sobre a cama; inclinou-se para frente, soltou-lhe o nó da bata e a despiu para a dar de presente vista com sua beleza.

Sarah suspirou e fechou as pálpebras, e Rome se despiu depressa, arrojando os objetos ao chão. Só demorou um momento, e se deslizou, nu, entre os lençóis para atraí-la a seus braços.

Sarah se encolheu junto a ele com um leve murmúrio e apertou seus seios nus contra o peito de Rome. Com dedos firmes e destros, ele tomou um de seus seios e acariciou com o polegar o mamilo tenso e pequeno. Agonizante de desejo, baixou a cabeça para beijá-la e, naquele momento, advertiu que estava adormecida.

Um grunhido suave de frustração emergiu de sua garganta, mas reclinou a cabeça no travesseiro e a envolveu com os braços porque precisava sentir sua pele sedosa; tinha que abraçá-la, embora só fosse durante uns minutos. Sarah estava esgotada, e ele podia esperar, mas todas as células de seu corpo, todo o instinto masculino que possuía, apressavam-no a afundar-se nela. Haveria momentos nos que seu trabalho no Spencer Nyle lhe exigiria uma plena dedicação e ele mesmo estaria muito extenuado para lhe fazer amor, pensou, tentando não sentir rechaço para a loja, ainda desconhecida, que já a tinha afastado dele. Não era mais que... Maldição, era tão grato por tê-la a seu lado!

Tudo estava onde devia estar, e organizado à perfeição. Teve a caprichosa ocorrência de que, se encomendasse um punhado de jarros a Sarah, esta os teria arrastando-se em fila a Índia em menos de uma hora. Aquele pensamento cômico lhe levantou o ânimo, e permaneceu jogado durante um longo momento, abraçando-a enquanto ela dormia. Mas começou a sucumbir ao sono e se disse que, se não se levantava em seguida, já não poderia, e Sarah tinha expresso com total clareza o que opinava sobre dormir juntos. Fazer amor com ele estava bem, e era evidente que gostava, mas depois, desejava dormir sozinha. Rome se desenredou e se retirou a sua habitação.

Sarah despertou várias horas depois, um tanto molesta pelo copo de leite que tinha bebido a uma hora tão tardia. Automaticamente mediu os lençóis em busca do Rome; mas seus dedos só encontraram um travesseiro, vazia e os deixou cair com apatia. Rome não estava e Sarah jamais se

acostumaria a que a deixasse sozinha durante a noite. Nem seu corpo nem sua mente aceitavam que não estivesse onde devia estar.

Levantou-se com ânimo lúgubre, perguntando-se se alguma vez poderia receber dele algo mais que um tênue afeto. E luxúria, recordou Sarah. Mas isso não era uma emoção, a não ser uma reação física.

O leite lhe tinha deixado um gosto desagradável, assim que se escovou os dentes. Bocejou e se olhou no espelho do banheiro. Tinha o cabelo emaranhado. Estava muito cansada para remediá-lo, assim que o separou da cara e voltou a tropeções à cama, onde não demorou para ficar adormecida outra vez.

À luz cinzenta do amanhecer, despertou devagar, estirando-se ao sentir as carícias lentas e cálidas que erravam por todo seu corpo com familiaridade. Percebia um calor magnético a seu lado e se voltou para ele; sua cabeça não demorou para encontrar o travesseiro sólido que era o peito de Rome, e o rodeou com os braços inconscientemente.

- Acorda - sussurrou Rome com voz lhe sugiram ao ouvido do Sarah, e começou a lhe morder o lóbulo com dentes afiados; para logo lhe deixar um rastro de beijos pela mandíbula, até a boca.

- Estou acordada - respondeu Sarah, enquanto deslizava as mãos pelas costas nua de Rome, e sentiu a ondulação de seus férreos músculos sob a cálida pele.

Rome a possuiu imediatamente. Ela estava morna e dócil pelo sono, com a pele rosada, e ofegou com prazer enquanto ele se movia lento dentro dela.

- Não posso esperar; tenho que te fazer minha - murmurou.

A habitação estava banhada em uma luz muito mais intensa quando Rome elevou a cabeça dos seios do Sarah e disse com uma nota de perplexidade:

- Maldita seja, vou chegar tarde ao trabalho.

- Estiveste fora oito dias - murmurou Sarah, ao mesmo tempo que apertava seu corpo contra o dele. - Merece-te dormir um pouco mais.

- A questão é que não estive dormindo - observou irônica o Rome desenhando um sorriso sonolento nos lábios de Sarah, um sorriso de satisfação física completa. Durante o dia, Rome a tratava como se fosse uma pantufa velha e confortável: resultava cômodo tê-la, mas não era nada do outro mundo. Não era afetuoso, não estava acostumado a lhe dirigir apelidos carinhosos e, de fato, parecia resistente a criar laços emocionais com ela. Mas na cama, não havia barreiras nem distâncias respeitadas. Na cama, com o Rome, podia esquecer-se de tudo e saborear aquela proximidade. O mundo inteiro ficava sepultado sob a pressão daqueles braços fortes e fibrosos e o peso de seu corpo.

Rome acariciou devagar o peito de Sarah e posou a mão na curva de seu quadril; com os dedos acariciou a pele tersa de seu traseiro. A desconcertante paixão de Sarah ao fazer amor não era tão única tinha sentido falta, como prendeu com assombro; também tinha tido saudades os silêncios que freqüentemente se criavam entre eles, silêncios cômodos desprovidos de tensão. Podia falar com ela e, também, guardar silêncio em sua presença. Sempre que estava com o Sarah, sentia-se em paz, como se fosse uma velha amiga que não esperasse nada dele exceto a companhia.

- Se não me levantar - anunciou cinco minutos depois, quando a mão com que a acariciava tinha começado a fazer incursões ousadas que o excitavam, - será Max quem vem a me tirar de sua cama.

- Então, ajudarei-te afastando a tentação - ofereceu-se Sarah, e se afastou da mão de Rome para sentar-se com cuidado na borda da cama.

Nada lhe teria agradado mais que passar o dia entre os lençóis com ele, mas Rome se teria levantado em qualquer momento e, de repente, a idéia de que a deixasse sozinha na cama uma vez mais lhe tinha feito intolerável. Ficou em pé com certa rigidez; seus músculos protestavam

pelo árduo trabalho do dia anterior e as duas horas de exercício vigoroso com o Rome. Enquanto ela atravessava o dormitório, Rome franziu o cenho ao ver a estupidez de seus movimentos, pelo geral, fluídos. Levantou-se da cama, aproximou-se dela e lhe pôs a mão no ombro enquanto ela escolhia um conjunto da roupa íntima que guardava na cômoda.

- Está bem? - perguntou, com certa brutalidade, e Sarah compreendeu o significado da pergunta. Era um homem alto, forte e muito passional, e a diminuía na cama, em todos os sentidos. Estava acostumado a tratar o corpo esbelto e frágil do Sarah com infinito esmero e paciência, mas havia ocasiões em que a paixão o dominava e a possuía com um brio perturbador. Aquela manhã tinha sido uma dessas ocasiões.

- Sim, estou bem - respondeu Sarah, mas ampliou sua resposta ao ver que Rome seguia com o cenho franzido. - Tenho dores de ter estado trabalhando na loja, que é onde teria que estar agora mesmo. Não é o único que chega tarde.

Rome baixou a mão. Não lhe agradava que Sarah fizesse esforços físicos. Algumas mulheres eram capazes de agüentá-lo, mas Sarah era muito delicada, como uma peça de porcelana frágil e translúcida. Queria tomar as rédeas da loja, decidir o que devia fazer-se e contratar a profissionais para que o fizessem. Se Sarah queria fiscalizar as tarefas, perfeito, mas não queria que se machucasse. A certeza de que não tinha direito a interferir foi quão único impediu que ditasse suas normas; se utilizava com ela o despotismo do que fazia ornamento no Spencer Nyle, Sarah se limitaria a lhe lançar um dos olhares gélidos que eram seu selo distintivo e a lhe recordar os termos de seu acordo.

- Eu gostaria de ver a loja - começou a dizer com cautela, enquanto a seguia para o banheiro. Sarah o olhou com surpresa.

- É obvio. Ainda estarei ali esta tarde, quando sair do escritório. Por que não passa lá? chama-se Fios e Ferramentas.

- Vi-a - disse Rome, com ânimo pensativo. - Pensava que era uma sucataria. Deus, se for um chiqueiro!

- Era um chiqueiro - corrigiu-o Sarah com alegria, enquanto abria o grifo da ducha. Quando começou a sair a água quente, entrou e fechou o biombo, que se abriu imediatamente. Rome entrou na ducha com ela; seu forte corpo ocupava quase todo o espaço e a fazia sentir-se mais miúda que o habitual. Olhou-o com expressão inquisitiva em seus olhos verdes ao ver que tomava o sabonete e o esfregava até criar abundante espuma.

- Dê a volta - ordenou-lhe, e ela assim o fez.

Rome começou a deslizar as mãos pelas costas e os ombros do Sarah, massageando os músculos doloridos e duros, e ela gemeu de prazer e dor ao mesmo tempo, e baixou a cabeça para lhe facilitar o acesso a pescoço e ombros. Quando acreditou que já não poderia seguir suportando-o, Rome se ajoelhou e lhe massageou as pernas com a mesma meticulosidade.

Sarah sentia como seus músculos se relaxavam à medida que a dor diminuía e suspirou de puro gozo. Era uma delícia que a tratasse com tão mimo, e não havia dia em que Sarah não se beliscasse para certificar-se de que não estava sonhando.

Desejava que Rome lhe fizesse amor outra vez, mas não o fez. Já chegava tarde e, embora Sarah sabia que poderia enrolá-lo para voltar para a cama, também sabia que não lhe agradeceria que entorpecesse seu trabalho.

Rome já tinha saído quando Sarah desceu e caminhou para seu carro; ele tinha tomado o café da manhã a toda pressa e se partiu sem nem sequer lhe dar um beijo de despedida, um esquecimento que destruiu por completo a alegria que a paixão matutina tinha deixado a seu passo. Sarah se repetia sem cessar que devia aceitar os limites de sua relação; estavam casados, mas Rome não a amava, assim não devia esperar que se comportasse como um marido apaixonado.

Marcie a chamou quando estava abrindo a porta do carro, e Sarah se deteve e entreabriu os olhos sob o sol brilhante da manhã enquanto sua amiga atravessava a pequena franja de grama entre a rua e o bloco de moradias. O tempo seguia rude, mas Marcie estava em mangas de camisa, com uma expressão ausente no rosto.

- Bom dia - disse Marcie, e foi sua única concessão a um bate-papo convencional. Foi diretamente ao grão. - Sarah, pensa procurar um ajudante para sua loja?

- É obvio - respondeu Sarah em seguida. Seria preciso, embora só fora para dispor de tempo para o almoço. Uma pessoa só não poderia ocupar-se de tudo, e inclusive em seu estado ruinoso, a loja tinha contado com uma afluência constante de clientes.

- Consideraria a possibilidade de contratar ao Derek? Só poderá te ajudar depois da aula e em fins de semana, mas lhe agradecerá isso muito. Eu não gosto dessa loja de comestíveis em que trabalha - explicou-lhe Marcie com preocupação. - Uma das chefes o está acossando.

- Eu adoraria contar com o Derek - disse Sarah de coração. Era um menino tão forte e competente que embora só trabalhasse pelas tardes seria mais que suficiente. Olhou a Marcie e viu que seu amiga estava realmente preocupada com seu filho. - Quantos anos tem a chefe?

Marcie grunhiu com desagrado.

- Está mais perto de ter minha idade que a do Derek.

- Sabe que só tem quinze anos? Parece maior.

- Sei, sei. Sarah, suas companheiras de classe o seguem até casa. Não lhe dá importância, mas me custa trabalho aceitá-lo. Era meu pequeno! - gemeu. - Segue sendo-o! Não estou feita para ser a mãe de um... De um deus grego. Romano! - corrigiu-se, atendo-se escrupulosamente aos fatos.

- Se Derek quer trabalhar na loja, darei obrigado todos os dias por poder contar com ele.

- Adoraria. Gosta de estar contigo, e gosta dessa classe de trabalho. Não sabe quanto lhe agradeço isso!

Sarah sorriu e desprezou sua gratidão com um gesto. Poderia descarregar no Derek grande parte das responsabilidades, e ela também desfrutava com sua companhia. Apesar de seu físico espetacular, irradiava serenidade e eficiência. A única pessoa com a que se sentia ainda mais protegida era Rome.

- Por que não passa para ver como vai a loja? - convidou a Marcie.

- Obrigada, farei-o. Se tiver um momento livre, que tal se levar o almoço?

- Nunca rechaço uma boa comida.

Estava orgulhosa da loja, pensou, enquanto entrava no estacionamento da parte traseira do edifício. Recém pintada de um branco imaculado, resplandecia, e os adornos azuis ao redor das cristaleiras e na porta lhe davam um toque de cor. Tinha limpo os cristais com uma mescla de vinagre e suco de limão, e cintilavam literalmente sob o sol da manhã. Os painéis em forma de rombo lhe conferiam um ar caseiro; o chão estava talher de pranchas de madeira sem envernizar e havia arcas antigas para a mercadoria.

Havia estantes novas alinhadas nas paredes, e a cerâmica ocupava uma parede inteira.

Matizes luminosos de vermelho e azul, tons terrosos e uma inimitável cor salmão salpicavam a parede como um desenho abstrato, porque toda a cerâmica estava vidrada. Havia edredons feitos à mão dispostos sobre o respaldo de um par de cadeiras, enquanto que outros estavam dobrados com muito cuidado e empilhados sobre os assentos da palha das cadeiras. Havia pregos, martelos, chaves de fenda, porcas e parafusos, tesouras, alfinetes e agulhas, e montões de outros pequenos utensílios, mas Sarah

já tinha planos de ampliar a seleção. Compraria materiais para fazer bordados, ponto cruz e trabalhos de ponto. Fazer bonecas também era um passatempo popular, e poderia abrir outra seção; havia duas habitações pequenas nos fundos, além da olaria e o minúsculo escritório, e poderia transformar uma em uma oficina de bonecas. Os animais de pelúcia eram outra possibilidade. Tinha tantas idéias que temia não ter espaço para todas elas.

O pequeno estabelecimento lhe procurava muita mais satisfação que trabalhar em uma grande empresa. Tinha-lhe agradado o ritmo frenético do escritório no Spencer Nyle, mas a organização empresarial não estava feita para ela; era muito impessoal. Aquela loja pequena, acolhedora e familiar levava seu selo. As cores suaves, a colocação ordenada dos artigos, eram seus toques pessoais. Não tinha vacilado nem um momento quando chegou a seus ouvidos, por azar, que a loja estava à venda; sua intuição tinha reconhecido que era o que estava procurando. Jogou uma olhada ao edifício e à mercadoria e nem sequer regateou. O preço tinha sido muito razoável, sem dúvida, pela deterioração do edifício. A compra tinha comido uma boa parte de suas economias, e as reformas os tinham diminuído ainda mais, mas tinha merecido a pena. Aquela era sua loja, um fiel reflexo de sua personalidade.

Havia correntes de ar no ruinoso edifício, assim acendeu a velha calefação, pensando que era outra coisa que devia substituir. Era outubro, nada mais, que frio não faria em janeiro e fevereiro?

A loja se manteve fechada ao público enquanto limpavam, pintavam e Derek trocava as luzes. Sarah se tinha assombrado de que um menino de sua idade tivesse conhecimentos de instalações elétricas, mas Derek lhe tinha explicado no que consistia e parecia relativamente simples. Depois, Sarah tinha averiguado, através do Marcie, que era a primeira vez que o fazia; simplesmente, tinha lido sobre isso e tinha decidido tentá-lo. Ao acender as luzes, compro-vou como os focos, melhor situados e mais potentes, melhoravam o aspecto da mercadoria.

O que teria feito sem o Derek? A loja ainda não estaria pronta para sua reabertura.

Mas como o estava... Inspirou fundo e deu a volta ao pôster da porta pela primeira vez. A loja do Sarah ficava oficialmente inaugurada.

O pequeno estabelecimento tinha seus clientes habituais, que estavam acostumados a deixar-se ver sempre que necessitavam uma caixa de pregos de acabamento ou uma meada. Nunca estava transbordada de trabalho, mas poucas vezes ficava o local vazio. O ritmo era pausado, e os clientes contemplavam os artigos com tranqüilidade enquanto comentavam as mudanças.

Sarah tinha uma jarra de café quente no mostrador, e animava às pessoas a aproximar-se e a falar com ela enquanto tomavam uma xícara. Em particular, adorava falar com os anciões, que contavam fascinantes anedotas sobre os tempos em que se fazia tudo à mão.

A manhã transcorreu tão depressa que, quando elevou a vista e viu o Marcie entrando pela porta, surpreendeu-se de que fosse a hora do almoço. Pior ainda, era quase a uma.

- Perdoa pelo atraso - disse Marcie, quase sem fôlego. - Estava saindo quando soou o telefone. Chamavam-me de uma revista, queriam falar sobre uma proposta que lhes tinha feito.

Os olhos do Sarah brilharam com afeto.

- E gostou?

- Sim - respondeu Marcie em seguida. - Agora, quão único tenho que fazer é pensar no que vou escrever.

Marcie era tão eficiente, que certamente reuniria centenas de páginas de informação, assim Sarah não se tomou a sério seu último comentário.

- Que classe de artigo é?

- É para uma revista de mulheres. Estive lhe dando muitas voltas na cabeça - Marcie começou a esvaziar a bolsa de papel que tinha levado. Colocou um prato de papel diante de Sarah e o encheu de frango frito e salada de couve, e o coroou com pãozinhos quentes. "Matrimônios de conveniência: passado e presente". Acredito que o titularéi assim. Imagino que terá lido algo sobre o tema; em outras épocas eram a norma mais que a exceção. São uma espécie de matrimônios acordados. A questão é que as pessoas se casam por muitos motivos, além do amor. A conveniência é um deles, e é possível que por isso se chamem assim. Duas pessoas se casam para juntar seus bens e apoiar-se mutuamente, como se estivessem associando, só que são casal e dormem juntos.

Os olhos do Sarah brilharam com leve regozijo.

- Não acredita nos matrimônios não consumados?

Marcie lhe lançou um olhar de incredulidade.

- De verdade crie que um homem se contentaria com uma relação platônica? Refiro a um homem são e normal.

- Pelo geral, não, embora sim acredito que há certas situações...

- Situações peculiares - interveio Marcie.

- Está bem, situações peculiares...

- Mesmo assim, não acredito - interrompeu-a Marcie de novo com jubilosa despreocupação. - E você tampouco, porque sei que só quer me levar a contrária.

Sarah riu, porque era verdade: só tinha estado pondo objeções porque sabia que ao Marcie adorava discutir.

- Desisto. Segue falando de seu artigo.

- Tive a idéia um dia que me reuni com seis velhas amigas do instituto. Estávamos nos divertindo, e os Martini tinham circulado livremente pela mesa. Não te estou falando de mulheres peculiares, mas sim de pessoas normais e comuns. Das sete, duas se tinham casado de pênalti; uma porque não tinha tido muitos noivos e acreditou que nenhum outro homem o pediria; outra porque levava anos saindo com ele e todo mundo dava por feito que acabariam casando-se; e outra confessou que se casou com seu marido por seu dinheiro. Gostava, mas a massa era o atrativo principal. Com essa, já temos cinco das sete.

- E as outras duas?

- Alguém se casou porque estavam apaixonados, e ainda o estão. Seguem como namorados inclusive depois de tantos anos. A outra... Bom, a outra sou eu. Casei-me porque acreditei estar apaixonada. Se visse o pai do Derek, compreenderia por que. Mas, em lugar de amor, resultou ser sexo. Foi muito satisfatório enquanto durou, mas não bastou para mantemos unidos - durante um insólito momento de reflexão, Marcie apoiou o queixo na mão enquanto pensava em seu ex-marido. - Dominic e eu passamos bons momentos, mas ao final, descobrimos que não estávamos o bastante afeiçoados um com o outro. Claro que repetiria a experiência com tal de ter ao Derek, embora soubesse que acabariamos nos divorciando.

- Assim, das sete, só uma se casou por amor?

- Mmm... Ainda não investiguei a fundo, mas eu diria que há inclusive mais homens que mulheres que se casam por conveniência. Os homens não se andam com rodeios quando se trata de satisfazer suas necessidades, e seguem tendo instintos trogloditas.

- Eu Tarzan, você Jane?

- Mais ou menos. Ainda querem um fogo e uma mulher que cozinhe a carne que levam a casa, que cure suas feridas e faça a penetrada, ou o que antes seria curar as peles dos animais e tecer. E, como não, um corpo quente quando necessitam um. Necessidades básicas que, em essência, seguem sendo as mesmas; só muda o ritual. Casam-se para satisfazer essas necessidades.

- Não pinta um quadro muito romântico - comentou Sarah, que começava a deprimir-se com as descrições precisas de Marcie. A conversa a fazia pensar, embora lhe doesse, em seu próprio matrimônio. Rome se tinha casado por todas essas razões, e tinha sido franco com ela. Queria um lar, uma relação estável, sexo quando gostasse. Em troca, seria um marido fiel e um apoio para ela. Um matrimônio de conveniência, para ele. Para o Sarah, um matrimônio por amor.

- Claro que há romantismo - prosseguiu Marcie em tom pensativo, enquanto mordiscava uma coxa de frango- Algumas pessoas aprendem a amar-se quando já estão casadas. A maioria se preocupa com o outro até certo ponto, embora não chegue a ser amor. Outros matrimônios não duram. Mas estou convencida de que a conveniência é a base de mais matrimônios dos que quereríamos reconhecer.

- Eu gostaria de saber quantas pessoas se apaixonam depois de casar-se - confessou Sarah em voz alta, sem precaver-se da nota de melancolia de sua voz.

Marcie lhe dirigiu um olhar sagaz impregnado de compaixão. Sarah interceptou o olhar e compreendeu imediatamente que Marcie tinha adivinhado quão apagados eram os sentimentos do Rome para sua esposa. Empalideceu e abaixou a vista, e Marcie lhe cobriu a mão com os dedos.

- Estou-me pondo pessimista - disse sua amiga com forçada alegria. - Certamente, os homens se apaixonam com a mesma facilidade que as mulheres, embora lhes custe reconhecê-lo. Não, Rome reconhecia estar apaixonado. O problema era que estava apaixonado pela Diane.

Sarah recordou de novo que aceitaria o que ele pudesse lhe dar. Não podia permitir o luxo de ser orgulhosa e rechaçá-lo porque preferisse a solidão a uma relação a meias tintas. Os anos lhe tinham ensinado que não existia outro amor para ela, nem o homem que deslocasse o Rome em seu coração.

Marcie tentou suavizar a tensão olhando ao redor e elogiando as mudanças que Sarah tinha introduzido na loja da última vez que a tinha visto.

- Tiveste muitos clientes?

- Mais dos que esperava - disse Sarah, que aceitou agradecida a mudança de tema. Passeou o olhar pela acolhedora loja e pensou, com desolação, que nos anos vindouros, a loja poderia ser o único que ficasse. A idade e a familiaridade diluiria a atração que ela exercia sobre o Rome, e quase podia predizer que seus viagens de negócios se fariam mais freqüentes e prolongados. Desfrutavam de uma cômoda intimidade física e conversavam tranqüilamente sobre uma infinidade de temas nos que jamais aprofundavam muito. Rome tinha erguido um muro em torno de seu coração, e nunca lhe permitia franqueá-lo; mantinha-a emocionalmente a distância. Sarah se estremeceu, sentindo-se novamente destemperada.

A campainha da porta da loja soou às cinco e dez, anunciando a chegada de outra pessoa. Não tinha deixado de tilintar em todo o dia, para grande surpresa de Sarah, que elevou a vista maquinalmente. Quando seu olhar se cruzou com o de Rome de maneira igualmente maquinal, ruborizou-se e o coração lhe deu um tombo.

Estava atendendo a uma cliente, de modo que ele não se aproximou. Arqueou uma de suas sobrancelhas negras e começou a vagar pelos corredores, examinando a mercadoria com as mãos metidas nos bolsos da calça e a jaqueta do traje aberta. Afrouxou-se o nó da gravata, e seu pescoço desfrutava de alguns centímetros de liberdade.

Sarah tentou ajudar a seu cliente, mas ao mesmo tempo, queria observar a Rome. Sentia-se nervosa, ansiosa por receber sua aprovação, como uma mãe cujo filho estivesse atuando na peça de teatro do colégio. E

se fizesse algum comentário adulator desprovido de entusiasmo? Sarah não sabia como tomaria.

A mulher de meia idade terminou comprando várias meadas e um livro com motivos para colchas de ponto. Quando se ia, Derek saiu do depósito e se aproximou de Sarah.

- Pus o ferrolho na porta de trás e limpei as habitações. Vai fechar às cinco e meia? Porque, então, esperarei até amanhã para pintar a outra habitação.

Rome se aproximava a passo lento, sem deixar de contemplar a mercadoria, e Sarah o olhou por cima do homem do Derek.

- Sim, fechamos às cinco e meia.

- Seguirei-a em meu carro quando acabar, senhora Matthews - ofereceu-se Derek, mas parecia mais uma condição que um oferecimento.

- Não se preocupe - disse Rome com fluidez, que se aproximava por detrás. - Eu ficarei com ela até a hora de fechamento, assim pode ir já a casa, se quiser.

Derek se deu a volta e seus olhos castanhos com nervuras douradas se cruzaram com os do Rome, mais escuros. Tinha visto Rome de longe, assim em seguida soube quem era, mas nunca os tinham apresentado. Sarah se encarregou de fazê-lo.

- Rome, este é Derek Taliferro. Derek, meu marido, Rome.

Rome lhe estendeu a mão, uma saudação de homem a homem, e Derek a estreitou com fluidez, como se não tivesse esperado nada menos.

- Senhor - disse, com suas inquebráveis boas maneiras.

- Me alegro de te conhecer, por fim - disse Rome. - Sarah fala maravilhas de ti. Conforme acredito, não poderia ter aberto a loja sem sua ajuda.

- Obrigado, senhor. Foi um prazer ajudá-la, e eu gosto de trabalhar com as mãos.

Como se pensasse que havia dito tudo o que era preciso dizer, Derek se voltou para Sarah. - Então, vou para casa. Chamei mamãe quando saí do colégio e me disse que estava trabalhando em um artigo, assim que se esqueceu de comer. Será melhor que a obrigue a comer um sanduíche antes de que adoeça e não possa escrever. Até amanhã, senhora Matthews.

- Bem. Tome cuidado - advertiu-lhe Sarah.

Derek desdobrou um sorriso brilhante, tão brilhante que resultava cegador.

- Eu sempre tomo cuidado. Não penso deixar que me parem.

Quando Derek se partiu, Rome disse com receio:

- Como vai a sua casa?

- Conduzindo - disse Sarah, com um pícaro sorriso.

- E só tem quinze anos?

- Sim. Mas a polícia nunca o para, porque parece ter a idade para ter carteira de motorista. Além disso, é um excelente condutor - depois, não pôde conter-se mais. - Bom, o que te parece?

De novo, arqueou uma sobancelha com sarcasmo enquanto se apoiava no mostrador.

- A loja ou Derek?

- Bom... Tudo.

- Estou impressionado - disse com franqueza - Tanto pelo Derek como pela loja. Esperava me encontrar um lugar desarrumado e, em troca, percebe-se uma sensação de permanência, como se a loja levasse aqui séculos. Os artigos de arte são excepcionais, como os consegue?

- Trazem-me isso os próprios artesãos. A cerâmica e os edredons feitos à mão estão muito cotizados.

- Já me dei conta ao olhar as etiquetas - murmurou. - Derek parece um menino incrível. Está segura de que só tem quinze anos?

- Marcie afirma que os tem, e ela deve sabê-lo. Completará um a mais no mês que vem.

- Dezesseis não muda muito as coisas. Esse menino é um molho.

- Contratei-o para que me ajude pelas tardes e nos fins de semana. Estava trabalhando em uma loja de comestíveis, mas uma das chefes o estava acoassando, assim Marcie me perguntou se queria o ter de ajudante. Aproveitei a ocasião.

- É muito jovem para trabalhar.

- Está economizando para ir à universidade. Se não traba-lhasse comigo, faria-o em qualquer outra parte, tanto se ao Marcie parecesse bem como se não. Tenho a impressão de que, uma vez que se propõe um objetivo, nem sequer uma carga de dinamite o separaria de seu caminho.

O tinido da campainha interrompeu a conversa, e uma jovem mãe entrou com um menino pequeno nos braços e outro de uns cinco anos pego as pernas. Rome a olhou; depois, viu os meninos e algo se extinguiu em seu olhar. Ficou imóvel, e uma máscara inexpressiva dissipou todo rastro de vida de seu rosto.

Retrocedeu, e Sarah lhe dirigiu um olhar de impotência antes de aproximar-se de oferecer sua ajuda a recém chegada. A jovem sorriu e expressou seu interesse pela coleção de palhaços de porcelana; sua mãe os colecionava e logo seria seu aniversário. Enquanto a mulher examinava os bonecos, deixou ao menino no chão. O maior rondava o mostrador, contemplando boquiaberto os palhaços.

Passou um momento antes de que tanto Sarah como a mãe advertissem que o mais pequeno se afastou.

- Justin, volta aqui!

O menino proferiu uma risada enquanto caminhava, com passo vacilante, para um extremo do mostrador, em linha reta para o Rome. Sarah havia sentido uma pontada de dor ao ouvir o nome do pequeno, e esteve a ponto de gritar ao ver que Rome estava amarelo como a cera. Tornou-se a um lado para esquivar ao menino sem nem sequer olhá-lo.

- Esperarei no carro - disse com uma voz áspera e tensa que não parecia a sua, e saiu da loja com as costas rígida. A mulher não se deu conta da reação do Rome; levantou nos braços a seu filho errante e lhe fez cócegas no estômago.

- Não vou poder te soltar nem um minuto, querido.

Comprou dois palhaços e, assim que se foi, Sarah deu a volta ao letreiro para indicar que tinha fechado e começou a recolher. O coração lhe pulsava com força, e queria estar com o Rome. Jogou uma olhada pelos cristais e o viu sentado em seu carro, a poucos metros da loja, olhando à frente. Pensando que queria estar sozinho uns minutos, Sarah fechou a porta com chave e se dirigiu ao estacionamento. Quando saiu em seu Datsun do beco, o Mercedes do Rome avançou com cuidado atrás dela.

Manteve-se calado enquanto subiam ao piso no elevador. Tinha a mandíbula contraída, o olhar lúgubre.

- Rome? - disse Sarah com vacilação, mas ele não a olhou nem deu amostras de havê-la ouvido. Sarah esperou que a porta do piso se fechasse atrás deles. Então, pôs-lhe a mão no braço. - Sinto muito. Imagino como se sente...

- Que diabos sabe você sobre como me sinto? - espetou-lhe com aspereza, e retirou o braço. - Me avise quando estiver preparado o jantar.

Sarah permaneceu imóvel durante uns instantes, depois de que Rome se afastou, sentindo-se como se a tivesse esbofeteado. Movendo-se como um autômato, tirou-se o casaco, pendurou-o e se dirigiu a seu quarto para vestir roupa de casa antes de preparar o jantar. O rosto que a olhava do espelho estava pálido e tenso, e os olhos sombrios pela dor.

Apertou os lábios e adotou um semblante inexpressivo. Tinha saltado o muro e tinha recebido uma severa repreensão. Rome queria manter uma distância emocional entre eles e Sarah devia recordá-lo.

Não se permitiu esconder-se em seu dormitório, embora sentia a necessidade de lamber as feridas. Dirigiu-se à cozinha e se dispôs a preparar o jantar com a maior calma possível. Depois, chamou-o à mesa com voz isenta de recriminação ou de rancor. Rome não puxou nenhuma conversação, assim que ela também se absteve de falar.

Quando terminaram, Rome se atrasou uns instantes junto à mesa, como se tentasse dizer algo. Como não queria incomodá-lo, Sarah se entreteve recolhendo a cozinha, inclusive cantarolando em voz baixa enquanto trabalhava, embora teria sido incapaz de identificar a melodia. Depois, disse com naturalidade:

- Vou me dar uma ducha e a me deitar cedo, para recuperar o sono perdido.

Rome não respondeu, mas a observou com olhos entreabertos enquanto ela se afastava para seu quarto.

Não lhe deu boa noite depois de tomar banho e vestir a camisola; seu domínio de si também tinha limites. Limitou-se a apagar a luz e a meter-se na cama, e permaneceu encolhida de lado, com a vista fixa na parede, incapaz de encher o vazio que sentia.

Duas horas depois, seguia acordada, ouvindo os ruídos na habitação do Rome, que se estava dando uma ducha. A ducha terminou e não ouviu nenhum outro ruído. Quando se abriu a porta, Sarah se sobressaltou e se deu a volta.

Rome era uma silhueta escura recortada sobre a penumbra. Retirou os lençóis e se inclinou sobre ela; tirou-lhe a camisola pela cabeça e a jogou no chão. Sarah sentiu suas mãos fortes nos seios e nas coxas; depois, esmagou-a com seu peso e fechou os lábios com ferocidade sobre os dela. Sarah sentiu um estremecimento de alívio e lhe rodeou o pescoço com as mãos, deixando que lhe separasse as pernas e a fizesse dela.

- Até o fundo - exigiu-lhe com aspereza, enquanto ela elevava os quadris para ele. - Me deixe entrar até o fundo. Mais. Mais! Sim, assim. Assim!

Depois, guardou silêncio, enquanto a possuía com violência logo que controlada. Sarah se entregou sem resistência às respostas tumultuosas que exigia dela, consciente de que o consolo de seu corpo seria o único que Rome aceitaria. Alcançou depressa a cúspide do prazer e Rome diminuiu seus movimentos, obrigando-se a penetrá-la com mais suavidade. Quando Sarah começou a mover-se outra vez debaixo dele, lhe dizendo sem palavras que o prazer crescia outra vez em seu interior, Rome deu rédea livre a seu desejo e a penetrou com um poder que a deixou sem fôlego, nublou seus sentidos e a catapultou de novo ao êxtase.

Nunca a tinha tomado assim, com um ânsia nua e desenfreada, segurando-a com tanta força que se sentia esmagada. Mas quando terminou, começou a afastar-se dela, e o pânico a dominou. Antes de poder arrepender-se, reteve-o com a mão.

- Por favor - sussurrou com voz tensa. - Me abrace um pouco.

Rome vacilou. Depois, estirou-se sobre a cama e a atraiu para ele para que apoiasse a cabeça em seu ombro. Sarah fechou os dedos em torno ao pêlo de seu peito, como se assim pudesse retê-lo durante toda a noite. Amoldou seu corpo aos contornos firmes de Rome e, relaxada, adormeceu-se com um suspiro de felicidade.

Vários minutos depois, os movimentos do Rome, enquanto se largava com cuidado, a despertaram. Rome se levantou sem fazer ruído da cama e Sarah fez um esforço por permanecer imóvel, com os olhos fechados, até que o ouviu sair da habitação e fechar a porta atrás dele. Então, abriu os olhos de par em par, ardentes e brilhantes, alagados de lágrimas. Fez-

se um novelo e se tampou os lábios com a mão para afogar os soluços que era incapaz de reprimir.

À manhã seguinte, durante o café da manhã, Rome disse com brutalidade:

- Se ontem à noite feri seus sentimentos, sinto muito.

Dizendo-se que não devia ficar sentimental nem franquear de novo suas barreiras, Sarah lhe dirigiu um sorriso amável, mas ligeiramente altiva.

- Não se preocupe - disse sem mais, e se encolheu de ombros. Depois, trocou de tema lhe perguntando se tinha algum traje que levar a tinturaria.

Rome a olhou pensativamente, com a mandíbula contraída com férrea determinação. Sarah se protegeu contra um dos interro-gatórios que eram o selo distintivo do Rome e o terror no Spencer Nyle, mas se disse que já não era uma empregada da companhia e que não tinha por que permitir que ele pinçasse em suas emoções. Possivelmente Rome reparasse em seu distanciamento porque, passado um momento, aceitou a mudança de tema.

Quando saía pela porta, disse:

- Esta noite, tenho um jantar de negócios, assim virei tarde.

- Muito bem - repôs Sarah com calma, sem lhe perguntar onde estaria ou a que hora, mais ou menos, voltaria.

Um leve ruga aflorou na testa do Rome, que se deteve.

- Você gostaria de vir? Conhece-o, é Leland Vascoe, do Aames e Vascoe. Posso chamá-lo e lhe dizer que traga a sua esposa.

- Obrigado, mas é melhor um outro dia. Derek e eu temos que pintar, assim acabaremos tarde de todas as formas - o sorriso que Sarah desdobrou foi natural, como o beijo com o que Rome se despediu. Sarah intuiu que teria querido prolongar e aprofundar o beijo, mas ela se retirou, ainda sorridente. - Até esta noite.

O aço de seu semblante se intensificou enquanto saía.

Decidida a não deixar-se abater, Sarah o manteve afastado de sua mente durante o dia. Esteve muito atarefada porque, quando a loja ficava vazia, ia aos quartos dos fundos para remoçá-los. Derek se apresentou nada mais sair do colégio, com um hambúrguer na mão e um refresco na outra.

Quando não havia ninguém mais na loja, Derek se mostrava mais aberto e afetuoso. Sorriu a Sarah e levantou o hambúrguer.

- Mamãe se tomou a peito o artigo. Terei que viver destas coisas até que termine.

Sarah lhe devolveu o sorriso.

- Tenho uma idéia. Rome trabalha esta noite até muito tarde, assim quando terminarmos na loja, poderíamos encomendar uma pizza gigante e levá-la a casa para jantar. Igual até podemos separar a sua mãe da máquina de escrever.

- Se a pizza levar salame, lhe garanto - disse isso Derek com placidez.

Pintou ele sozinho até que Sarah fechou a loja e vestiu um macaco para lhe dar uma mão. Entre os dois, terminaram antes das sete, e Derek se foi a sua casa enquanto Sarah se aproximava de uma pizzaria e encarregava a pizza maior da carta. Quando chegou ao bloco de apartamentos, Derek saiu a ajudá-la com a pizza, e Sarah soube que tinha estado esperando no portão. Quando entraram no piso da planta baixa no que viviam Derek e Marcie, o jovem sussurrou:

- Já verá como não demora nem dez segundos em cheirá-la - aproximou-se de uma porta fechada, através da qual se ouvia a tecla entrecortado da máquina de escrever, e moveu a caixa da pizza para diante e para trás. Em questão de segundos, o repico se foi debilitando até que cessou por completo.

- Derek, vagabundo! - chiou Marcie, e a porta se abriu de par em par. - Me dê essa pizza!

Rindo, Derek a manteve fora de seu alcance.

- Vamos, sente-se à mesa e a comeremos como é devido. Logo, poderá voltar para seu artigo e te prometo não abrir a boca para pedir comida até amanhã.

- Quando dirá: "O café da manhã, mamãe?" - imitou-o Marcie de forma engraçada e, então, viu a Sarah. - Você também participaste deste complô?

Sarah assentiu e confessou.

- Trata-se da Operação Salame.

- O pior é que funciona! - suspirou Marcie. - Venha, vamos comer.

O calor daquela família, o profundo carinho que se tinham mãe e filho, atraíram a Sarah como um ímã, e se entretteve em seu apartamento até bem avançada a noite. Seu próprio piso, apesar do empenho que tinha posto em convertê-lo em um lar quente e seguro, estava dolorosamente vazio porque lhe faltava o elemento crucial para a estabilidade: o amor. Marcie a pôs à corrente de seus progressos com o artigo e, depois, desculpou-se e se encerrou de novo em seu estudo. Derek a convidou a jogar à bisca, mas em metade da partida ficaram a falar sobre o jogo do vinte e um e o deixaram pela metade. Derek começou a lhe ensinar como contar as cartas utilizando o sistema mais indicado para acabar expulso de qualquer cassino, e Sarah concluiu que Derek era um jogador profissional, além de um menino prodígio. Também sabia impregnar às pessoas, porque devia intuir que ela se sentia perdida e estava fazendo o possível para distraí-la até que se sentisse capaz de voltar para seu apartamento. Era um bom menino, e muito sábio.

Às dez deu boa noite ao Derek e subiu a sua casa. As habitações estavam frias e sombrias. Apressou-se a acender as luzes e, ato seguido, a calefação. Logo que tinham transcorrido cinco minutos, quando ouviu uma portada que anunciava a chegada do Rome. Sarah estava em seu dormitório, se preparando para dar uma ducha, e se aproximou da soleira a saudá-lo. Estiveram a ponto de chocar, mas Sarah retrocedeu em seguida.

- Onde diabos estava? - rugiu Rome, que entrou no dormitório e se abateu sobre ela como um anjo vingador. - Estive te chamando sem parar desde as sete e meia. E não me diga que estava nessa condenada loja porque também provei a te chamar ali.

Sarah o olhou, estupefata, incapaz de compreender por que estava tão furioso. E estava furioso, encolerizado. Tinha os olhos negros de ira, e havia dito "condenada loja". Significaria algo? Sarah acreditava que a idéia de ter outro trabalho lhe tinha parecido bem, mas suas palavras estavam impregnadas de desprezo. A ela não lhe dava bem discutir, nem plantar cara ao arrebatamento do Rome com um acesso de fúria similar, como Diane teria feito; se refugiou em si mesmo e levantou um escudo mental contra seus possíveis ataques.

- Derek e eu ficamos pintando até as sete; depois, comprei uma pizza e a compartilhei com o Marcie e com o Derek, para não jantar sozinha. Derek e eu estivemos jogando cartas até agora. Para que me estiveste chamando?

O tom sereno, frio e remoto de sua voz pareceu encolerizá-lo ainda mais.

- Porque - resmungou - Leland Vascoe se apresentou com sua esposa e ela queria te conhecer. Não tinha por que jantar com os Taliferro, se o problema era que não gostava de jantar sozinha. Já te tinha convidado a vir, mas você tinha que pintar um quarto. Agora me diz que terminou antes das sete, ou seja, que poderia ter jantado comigo de todas as formas. Seu apoio resulta entristecedor - disse com furioso sarcasmo.

Sarah estava imóvel, com os ombros crispados.

- Não sabia a que hora terminaríamos de pintar - disse em voz baixa.

- Maldita seja, Sarah, trabalhaste durante anos na companhia, já sabe como funciona. É normal que queira que me acompanhe a estas reuniões sociais e de trabalho, em lugar de andar transportando nessa...

- Barraca - terminou Sarah por ele, sem arredar-se nem baixar os olhos. Uma sensação fria começava a propagar-se por seu peito. - Antes de nos casarmos, disse que respeitáramos nossas respectivas responsabilidades trabalhistas. Estou disposta a assistir a todos os jantares de negócios que queira e, assim que terminar as reformas da loja, não será necessário que fique até muito tarde. Mas não se trata disso, não é verdade? Não quer que sua esposa trabalhe fora de casa, não?

- Não é preciso que trabalhe - espetou-lhe.

- Não vou ficar aqui de braços cruzados todo o dia. O que outra coisa poderia fazer? Só posso tirar o pó um número limitado de vezes ao dia, se não quer que essa fascinante ocupação me resulte aborrecida.

- Diane não se aborrecia.

O sarcasmo letal deu no branco, e Sarah abriu os olhos de par em par, embora essa foi a única pista que lhe deu sobre sua dor. Olhou-o com expressão lúgubre e disse:

- Eu não sou Diane.

E essa era a essência da questão, pensou, enquanto se afastava dele. Não podia ficar quieta, permitindo que a deixasse feita picadinho. Diane lhe teria plantado cara, e a discussão fazia tempo que se teria afastado do problema original. Em um par de minutos, estariam-se beijando e caindo, abraçados, sobre a cama, exatamente como Diane lhe tinha contado que punham fim a suas discussões. Sarah não podia fazer isso.

Não era Diane, não tinha nem seu temperamento nem sua fortaleza. Isso era o que Rome jamais poderia lhe perdoar: não ser Diane.

Na soleira do banheiro, voltou-se de novo para ele com semblante pálido e inexpressivo.

- Vou me dar uma ducha e a me colocar na cama - disse sem rastro de inflexão na voz. - Boa noite.

Rome entreabriu os olhos e, de repente, com um calafrio, Sarah compreendeu que tinha cometido um erro ao fugir. A natureza agressiva do Rome, seu instinto de caçador, impulsionava-o a perseguir a sua presa. Sarah ficou gelada, à espera de que ele atravessasse a estadia como uma exalação e a capturasse; via-o em seus olhos, na tensão de sua postura. Então, Rome controlou visivelmente o impulso, sufocou-o, mas seguiu olhando-a com olhos duros e frios como mármore negro.

- Virei depois - disse por fim, em um sussurro grave e ameaçador.

Sarah inspirou fundo.

- Não. Esta noite, não.

Seu instinto animal ressurgiu, e atravessou como um enorme felino o dormitório antes de aprisionar o queixo de Sarah com a mão.

- Nega-te a te deitar comigo? Tome cuidado, neném - advertiu-lhe, com o mesmo sussurro intimidatório. - Não comece uma guerra que não possa ganhar. Nós dois sabemos que posso fazer que me suplique.

Sarah empalideceu, e os dedos fortes de Rome deixavam manchas vermelhas em sua mandíbula.

- Sim - reconheceu com voz afogada. - Pode conseguir que faça algo, se isso for o que quer.

Rome contemplou a face pálida do Sarah, sua expressão hermética, e um brilho selvagem cintilou em seus olhos negros.

- Você ganha - espetou-lhe. Saiu a grandes pernadas do dormitório e fechou a porta.

Entristecida, Sarah se deu uma ducha e se meteu na cama. Permaneceu acordada, à espera de que Rome irrompesse em seu quarto bem entrada a noite, como tinha feito no dia anterior, mas ouviu como se recolhia e,

naquela ocasião, a porta seguiu fechada. Sentia a ardência nos olhos enquanto contemplava a escuridão.

Que ironia que tivesse que defender seu trabalho fora de casa, quando sempre tinha sonhado levando uma vida familiar tradicional! Deveria ter sido Diane quem defendesse com ardor o direito da mulher a exercer uma profissão: sempre tinha estado sobrada de argumentos e opiniões. Deveria ter sido Diane a mulher trabalhadora, e Sarah a dona-de-casa. Mas a maior ironia de todas era que, tendo a oportunidade de dedicar-se por inteiro a seu marido, via-se obrigada a agarrar-se a seu trabalho para manter certa estabilidade em sua vida. Rome só lhe oferecia conveniência e sexo, e ela necessitava muito mais. Precisava sentir-se parte de um lugar, de um lugar que fosse dela, onde se sentisse a salvo.

Se contasse com o amor do Rome, sentiria-se segura em qualquer parte, mas esse não era o caso. Sarah seguia fora, contemplando com melancolia a janela.

Rome também estava acordado, com um nó de fúria e frustração nas vísceras. Ficava feito uma fúria quando a via retrair-se daquela maneira! Pela manhã, tinha tentado desculpar-se por sua estupidez da noite anterior, quando tinha rechaçado seu consolo, mas ela se resguardou depois de um muro de indiferença e não lhe tinha deixado redimir-se. Inclusive se tinha posto a cantarolar, como se não lhe importasse o que ele fizesse. E, certamente, assim era, pensou com ferocidade. Mas, a noite anterior, quando tinha ido a sua habitação para lhe fazer amor, Sarah tinha baixado a barreira e o tinha abraçado com o mesmo ardor e ternura de sempre. Rome tinha querido fundir sua carne com a dela, lhe fazer esquecer as distâncias, e acreditava havê-lo obtido. Mas, aquela manhã, mostrou-se tão fria e distante como sempre, como se não tivesse perdido o controle em seus braços.

Aquela condenada loja era o que mais lhe importava, incluído ele. Tinha-lhe pedido que o acompanhasse a um jantar de negócios, mas a loja estava primeiro. Rome lhe tinha pedido que se casasse com ele consciente da prioridade que ela dava a seu trabalho; tinha aceitado a lhe dar a liberdade que necessitava, mas se estava voltando louco. Sempre que Sarah levantava aquele muro gélido a seu redor, queria derrubá-lo e possuí-la da forma mais primitiva, até que já não pudesse reconstruí-lo. Nem sequer a motivava o bastante para discutir; Sarah se limitava a explicar sua postura e a dar meia volta. O desdém com que tinha levantado seu miúdo queixo tinha estado a ponto de pô-lo fora de si; mas ela tinha deixado muito claro que, se a levava a cama, seria uma violação, assim Rome tinha optado por retirar-se para não cair tão baixo. Não pretendia lhe fazer dano, só queria possuí-la de forma total e irrevogável. Não queria voltar a ver aquela expressão reservada e distante em seu rosto. E desejava que o entusiasmo com que trabalhava na maldita loja o dedicasse só a ele.

A provocação que representava Sarah começava a ser uma obsessão, e inclusive no escritório, surpreendia-se ideando maneiras de minar suas defesas. No momento, só o tinha conseguido com o sexo, mas era um remédio passageiro. Desejava-a naquele instante. Estava febril de desejo, e se moveu com desassossego na cama. Esperou, consciente de que se fosse a seu encontro, ela resistiria, e não a queria tensa. Desejava vê-la suave e dócil em seus braços, obstinada a ele com a força sedosa de seus membros, com o semblante frio destruído pela carnalidade de sua união. Com tal de ver isso, esperaria.

À manhã seguinte, quando Sarah despertou à hora acostuada, surpreendeu-se ao ver que Rome já se levantou e estava terminando de preparar o café da manhã. Olhou-o com receio, mas sua fúria se dissipou, embora ainda percebia nele uma tensão indescritível que a dissuadiu de saudá-lo com muita efusão.

- Sente-se - disse Rome; era uma ordem, não uma sugestão.

Sarah se sentou à pequena mesa; Rome serviu a comida e ocupou seu lugar frente a ela.

Quase tinham terminado de tomar o café da manhã, quando Rome falou.

- Vais abrir a loja todo o dia?

Com cautela, Sarah deixou a xícara de café sobre a mesa.

- Sim. O senhor Marsh, o antigo dono, disse-me que no sábado sempre é o dia mais produtivo. Fechava as quartas-feiras pela tarde, e acredito que eu também o farei. As pessoas já estão familiarizada com o horário.

Sarah tinha imaginado que poria alguma objeção, mas Rome se limitou a assentir com brutalidade.

- Hoje irei contigo. Eu gostaria de ver tudo com mais atenção.

Organizaste já a contabilidade?

- Não de tudo - agradecida porque não queria provocar outra discussão, Sarah relaxou a guarda e inconscientemente se inclinou um pouco para ele. O insólito verde intenso de seus olhos se tomou quente. - Tomei nota de todos os gastos, e do que já vendi, mas não tive tempo de pô-lo em ordem.

- Se não for inconveniente, porei-te os livros de contas em dia - ofereceu-se Rome. - Pensaste em comprar um computador para fazer o inventário? E seria muito mais cômodo que usasse um programa de contabilidade

- Já pensei nisso, mas o computador terá que esperar. A loja necessita um telhado novo, e tenho várias idéias para ampliar o suporte de mercadoria. Além disso, quero instalar um alarme anti-roubo. Já quase me gastei todas as economias, assim primeiro tenho que recolher algum benefício.

- Gastaste as economias? - espetou-lhe, com o cenho franzido, e Sarah se fechou automaticamente em si mesmo, detrás de sua barreira. Rome apertou os dentes ao ver a mudança em sua expressão, e uma lúgubre determinação se apoderou dele. Não ia consentir que o excluísse naquela ocasião. Ia transpassar esse maldito muro como se nem sequer existisse. Alongou o braço e capturou sua mão; seus dedos robustos se fecharam em torno aos ossos frágeis de Sarah.

- Tem-no feito ao reverso - disse-lhe, liberando toda a irritação que sentia. - Não se gasta o capital, usa-se como garantia. Pede um empréstimo e deixa que seu dinheiro produza juros enquanto utiliza o que não é teu. Poderá-te deduzir dos juros que paga pelo empréstimo e me acredite, neném, necessitará todas as deduções possíveis na hora de pagar os impostos. Não espere a obter um benefício para fazer essas melhoras; pede o crédito e faça-o já. Se tivesse estado contigo quando comprou a loja, eu mesmo te teria acompanhado ao banco.

Sarah se relaxou, abriu muito os olhos. Podia tolerar as críticas e os conselhos do Rome sobre o alarme o negócio; inclusive os recebia com os braços abertos. Seria uma insensatez não con-fiar em seu instinto para os negócios.

- Também necessitará uma boa gerência - continuou. - Ofereceria-me para fazer suas declarações, mas tenho que passar muito tempo fora de casa. Se for seguir adiante com isto, faça-o bem.

- De acordo - aceitou Sarah com suavidade. - Não tinha nem idéia. Eu gosto de pagar tudo à vista, para que seja legalmente meu e não me possam arrebatá-lo. Nunca me interessaram os pormenores da gestão de empresas, mas se disser que é assim como deve fazer-se, acredito-te.

O olhar de Rome se afiou, e como um falcão se precipitou sobre o detalhe mais insignificante da explicação de Sarah. O dia depois do casamento, quando se tinha vindo abaixo porque se sentia estranha na cozinha, ele tinha compreendido que gostava de ter tudo em seu lugar. De fato, era quase uma fanática da ordem. Mas aquela segunda confissão tinha

deixado ao descoberto uma insegurança muito arraigada em que não tinha reparado antes.

- Arrebatá-lo - perguntou com espontaneidade, embora seu olhar distasse de sê-lo. Tinha a sensação de que estava a ponto de ultrapassar a barreira com a que ela se protegia, de descobrir os mistérios daquela mente reservada. - De verdade acha que deixaria que te arruinasse se você gosta tanto de ter a loja? Não tem que preocupar-se por ficar na bancarrota. Jamais.

Sarah se estremeceu, um movimento que Rome advertiu imediatamente, já que seguia lhe sustentando a mão. Sarah o olhou ao mesmo tempo que evocava sua infância fria, estéril e vazia; depois, baixou o olhar e tentou desprezar o vazio.

- Não é isso - explicou com suavidade. - Só precisava me sentir parte... Quero dizer, sentir que a loja era minha.

- Dá-te conta de que não sei nada sobre sua família? - perguntou em tom coloquial, e ela fez uma careta de dor, revelando sem palavras que tinha dado no alvo. - Onde estão seus pais? Passou muitas privações quando pequena?

De improviso, Sarah lhe lançou um olhar sagaz.

- Tenta me fazer uma psicanálise? - perguntou, fazendo um intento por brincar. - Não se incomode. Posso-lhe tirar da dúvida em seguida; não é um grande mistério, embora eu não gosto de falar disso. Não, não passei privações quando era pequena, ao menos, não material. Meu pai é um próspero advogado, assim fomos de classe média alta. Mas meus pais não eram felizes e seguiram casados só por mim. Quando fui à universidade e comecei a me valer por mim mesma, não demoraram para divorciar-se. Nunca estive unida a meus pais. Em casa tudo era tão... Tão frio, tão educado... Suponho que cresci sabendo quão débil era tudo e esperando que se viesse abaixo em qualquer momento. Decidi me fazer meu próprio ninho, onde posso me sentir segura - confessou.

- E segue fazendo-o.

- Sim, sigo fazendo-o. Rodeio-me de coisas e faço como se nada fosse mudar - lançou-lhe um olhar e se moveu com desconforto, consciente de que acabava de despir grande parte de sua alma. Rome a estava olhando com uma expressão que parecia lástima, e não lhe agradava. Fez um esforço por encolher-se de ombros e falar com despreocupação. - Não é fácil perder os maus costumes. Custa-me aceitar as mudanças; tenho que meditar muito em algo antes de me familiarizar com isso e, depois, cobrar desprezo. Salvo pela loja - acrescentou com ânimo pensativo. - Quis a loja nada mais ao vê-la. Tem um ar caseiro e permanente.

De modo que nisso consistiam as barreiras, pensou Rome. O estranho era que se casou com ele se tanto lhe desagradavam as mudanças. Certamente, tinha dado o passo só porque lhe tinha assegurado que não interferiria em sua vida e, desde o dia do casamento, Rome tinha tentado com todas suas forças transpassar essa reserva, enquanto que ela lutava com o mesmo afincamento para mantê-la em seu lugar. Se relaxasse, Sarah se abriria pouco a pouco a ele e aceitaria o lugar que ocupava em sua vida. Não era absolutamente fria e altiva, coisa que deveria ter deduzido pela paixão que exibía na cama. Mas bem, tratava-se de um cervo tímido e receoso, e teria que confiar em Rome e aceitar sua presença antes de que ele pudesse aproximar-se mais a ela. A aproximação física e mental eram duas coisas distintas para a Sarah; devia o ter presente.

Não era Diane. A personalidade de Diane se forjou dentro de uma família amorosa e compenetrada; tinha gozado de sobrada confiança em si mesmo para enfrentar-se com o gênio e a personalidade dominante do Rome, enquanto que Sarah se sentia ameaçada por ele. Era muito mais branda, muito mais vulnerável, do que tinha imaginado.

Sarah mudou de postura, largou-se e ficou em pé com um brilhante sorriso que não o enganou nem sequer um momento.

- Tenho que me dar pressa ou abrirei tarde a loja.

- Vá se vestir, eu recolho os pratos - Rome também ficou em pé, mas deteve o avanço de Sarah lhe pondo a mão na cintura. - Sarah, quero que compreenda uma coisa: uma discussão não significa que sua vida se esteja vindo abaixo. Ontem à noite me preocupei ao ver que não estava por nenhuma parte e estourei. Isso foi tudo.

Os olhos de Sarah eram poços insondáveis de fria água verde, e permaneceu imóvel um momento, sentindo o tato da mão de Rome. Se ele queria pensar que isso era o que a tinha aborrecido, perfeito. Algo era preferível a que soubesse que podia lhe partir o coração só porque o amava.

Capítulo 8

Sua vida em comum se amoldou à rotina, definida pelos detalhes mundanos que contribuíam uma sensação de continuidade; ocorresse o que ocorresse, sempre terei que lavar roupa, cozinhar e limpar. Rome trabalhava na casa tanto como ela, mas viajava freqüentemente e, em sua ausência, Sarah se entregava a loja para encher o vazio que deixava sua saída. Não a chamava todas as noites quando estava fora; sempre lhe dava o número em que poderia localizá-lo se o necessitava, e a chamava invariavelmente se se atrasava ou para lhe dizer quando chegaria em casa mas, a parte disso, não dava sinais de vida. Sarah o compreendia, embora tinha saudades de ouvir sua voz. Claro que o que poderiam dizer-se pelas noites? Ela não poderia confessar o muito que o sentia falta dele, o eterno que se fazia a espera, o muito que o amava, porque ele não queria sabê-lo. Era muito menos arriscado não falar com ele mais do estritamente necessário; limitava-se a esperar sua volta e a que seu ímpeto sexual lhe desse a oportunidade de abraçá-lo, de lhe dar em silêncio o amor que tinha ido crescendo em seu peito. Sempre sabia o que podia esperar de Rome quando retornava de uma viagem: entrava pela porta disposto a devorá-la como um homem faminto.

Quando se atrevia a pensar nisso, reconhecia que, embora se sentia atraído para ela e lhe tinha tomado carinho, Sarah ainda não tinha desbancado a Diane de seu coração. Sua vida sexual era fantástica: Rome era um amante viril e experiente, e ela nunca podia queixar-se de que o sexo resultasse rotineiro. Freqüentemente, possuía-a em qualquer lugar que se encontrassem nesse momento, sem incomodar-se em transladá-la ao dormitório, e esse detalhe, mais que nenhum outro, demonstrava que ainda tinha saudades de Diane. Quando as exigências de seu trabalho o obrigavam a retornar tarde para casa, quando ela já estava deitada, ia a seu encontro, mas uma vez consumado o ato, sempre se retirava a seu quarto. Abraçava-a e a acariciava, esperando a que ficasse adormecida antes de levantar-se, mas ela sempre percebia seu desgosto e tinha começado a fingir que dormia para que ele pudesse ir-se quando quisesse. Quando a porta se fechava atrás dele, Sarah abria os olhos e jazia na cama, dominada pelo desconsolo de não ser amada.

Às vezes não conseguia reprimir as lágrimas, mas procurava não chorar; não serviria de nada; além disso, pensar que Rome podia ouvir seu pranto lhe dava pesadelos.

Mesmo assim, havia muitas satisfações em sua vida de casal. O fresco outono deu passo ao inverno, e passavam as noites abraçados diante do fogo, vendo a televisão; outras vezes, Sarah lia enquanto ele trabalhava. Também havia cafés da manhã pausados, e domingos frios e ensolarados nos que viam os jogos de futebol da equipe de Dallas. Se Rome não estava de viagem, acompanhava-a à loja todos os sábados, e ele e Derek se tinham feito bons amigos.

Quando faltavam poucos dias para o Natal, Sarah tirou colação o tema da educação do Derek. Era um menino muito inteligente; seria uma lástima que não aproveitasse ao máximo seu potencial por falta de dinheiro. Rome não demorou para adivinhar suas intenções.

- Quer que lhe pague a universidade?

- Isso te honraria - reconheceu Sarah, com um sorriso deslumbrante.

- Mas duvido que Derek o aceitasse, tem muito amor próprio - disse com ânimo pensativo. - Mas se pudesse conseguir que alguma fundação lhe concedesse uma bolsa completa, acredito que não deixaria escapar a oportunidade.

- Não pede muito, não é verdade? - observou Rome com ironia. - Verei o que posso fazer. Acredito que terei que recorrer ao Max; tem alguns contatos através de sua família que poderiam ser muito úteis.

Max os visitava com bastante frequência e, embora não dei-xava de provocar ao Rome ameaçando-o lhe roubar a Sarah, o matrimônio tinha trocado de forma drástica a maneira de reagir do Rome. Tinha ganho e sabia.

Max não tinha o coração quebrado; tampouco se atreveria a prejudicar a seu amigo. Admirava sinceramente a Sarah e não via mal algum em fazer o notar a seu marido; a isso se reduzia tudo.

Quando Rome se propunha algo, não perdia o tempo. Ao dia seguinte, Rome e Max se deixaram cair pela loja; Sarah viu a perplexidade nos luminosos olhos do Max quando apresentou ao Derek. Derek produzia esse efeito nas pessoas.

Momentos depois, Max se aproximou discretamente ao Sarah e sussurrou:

- Rome está mentindo, verdade? Jogo-me o pescoço a que esse menino tem, pelo menos, vinte e cinco anos.

- Completou dezesseis no mês passado - respondeu Sarah, também em um murmúrio, sorrindo com regozijo. - Acha que é um céu? - É pura dinamite, isso é o que é. Com asas e uma espada, pareceria o arcanjo San Miguel. Lhe diga que escolha em que universidade quer estudar e, quando se aproximar o momento, Rome e eu nos encarregaremos de que lhe concedam uma bolsa completa.

Sarah contou a Marcie o que Rome e Max andavam tramando e, para grande surpresa dela, seu amiga prorrompeu em soluços.

- Não imagina o muito que isso significa para mim - chora-mingou. - É um menino muito especial; partia-me o coração ver que tinha que trabalhar para economizar dinheiro para a universidade, em lugar de passar-lhe bem, como seus companheiros. É o melhor presente de Natal que podia me fazer!

Com a chegada das datas festivas, o negócio do Sarah estava prosperando... Tanto, que teve que contratar a uma ajudante a jornada completa para que a ajudasse a atender aos clientes. Ao Rome adorou a idéia; não lhe agradava que Sarah estivesse sozinha na loja todo o dia até que Derek saía do colégio. Contratou a uma jovem mãe que vivia na vizinhança, cujo filho menor tinha começado a ir ao colégio e que estava ansiosa por sair de casa. A idéia resultou. Erica se ia pouco antes de que seus filhos retornassem do colégio e Derek estava acostumado a apresentar-se meia hora depois. Ter a Erica durante o dia também dava ao

Sarah a oportunidade de almoçar, já que tinha tido que conformar-se dando dentadas a um sanduíche entre cliente e cliente quando estava sozinha.

Três dias antes do Natal, Sarah voltou para casa e se surpreendeu ao ver que Rome já tinha chegado. Dirigiu-se a sua habitação, mas se deteve na soleira ao ver a mala aberta sobre a cama. Rome se voltou para ela; acabava de tirar da cômoda várias camisas e roupa interior. Olhou-a e torceu o gesto.

- Uma emergência. Em Chicago. A situação é caótica.

Sarah queria protestar, proferir o lamento tradicional de uma, esposa: "É que não pode ir outro?" Mas se mordeu a língua, consciente de que ao Rome não agradaria.

- Quando voltará? - perguntou, enquanto entrava no quarto e se sentava, resignada, sobre a cama.

- Não vou ficar me mais tempo que o necessário; já reservei o bilhete de volta. Deveria estar aqui às quatro da madrugada do dia vinte e quatro.

- Bom, vale - grunhiu e, pela primeira vez em seu matrimônio fez panelas. Rome deixou cair um montão de camisas na mala e contemplou seu semblante mal-humorado. O lábio inferior, mais proeminente, conferia a seu rosto uma sensualidade inesperada, como se estivesse suplicando que a beijasse... E mais. De repente, sorriu e jogou a mala a um lado.

Sarah estava despreparada, e proferiu uma exclamação de surpresa quando a tombou sobre a cama. Rome desdobrou seu sorriso lento e pícaro enquanto lhe subia a saia até a cintura e, sem perder a calma, despojava-a de sua roupa íntima.

Sarah voltou a surpreender-se, naquela ocasião pela excitação instantânea que Rome lhe produzia com só tocá-la.

- O que é isto? Uma lembrança para suas noites em solidão? - murmurou em tom zombador, com os olhos brilhantes.

- Algo assim - baixou-se o zíper e as calças e, depois, ajoelhou-se sobre a cama, entre as coxas relaxadas do Sarah. - É meu cartão de crédito; nunca saio de casa sem isto.

Sarah riu e entrelaçou os braços em torno a seu pescoço enquanto ele se inclinava devagar sobre ela. A risada morreu em sua garganta ao sentir que a penetrava com deliciosa lentidão, e Rome ouviu a inspiração áspera com a que ela sempre o recebia. Era música para seus ouvidos; enterrou o rosto em seu esbelto pescoço com repentina ânsia, ao mesmo tempo que acomodava as pernas do Sarah em torno de sua cintura.

- Jogo muito de menos quando estou fora - disse com voz áspera e, com aquela confissão, começou a investi-la em profundidade, revalidando sua associação com o vínculo da carne.

Sarah não o levou a aeroporto; Rome preferia deixar ali o carro para poder mover-se com liberdade a sua volta. Muito a seu pesar, as lágrimas lhe brilharam em seus olhos verdes enquanto lhe dava um beijo de despedida na porta, e Rome amaldiçoou com suavidade, soltou a mala e voltou a abraçá-la.

- Estarei de volta para o Natal, prometo-lhe isso - disse-lhe, e selou a promessa com um beijo brusco. - Não terá que passar as festas sozinha.

Como se lhe importassem as festas! Detestava que partisse em qualquer época do ano. Reprimiu as lágrimas e obteve a desdobrar um trêmulo sorriso.

- Não me faça conta. Pus-me um pouco boba.

Tinha que acontecer: telefonou a meia-noite do vinte e três.

- Há uma tempestade de neve em Chicago - disse com lúgubre sarcasmo.

- Suspenderam todos os vôos até que o tempo esclareça.

Sarah se incorporou na cama; agarrava o telefone com tanta força que tinha brancos os nódulos

- Qual é o prognóstico? - perguntou com toda a calma que pôde reunir, embora tinha estado contando as horas que faltavam para sua volta.

- Até manhã pela tarde, nada. Chamarei-te quando souber a hora do voo.

Sarah passou o dia de véspera de Natal dando voltas pelo piso, ajustando os adornos do pequeno abeto fragrante que fazia de árvore de Natal, sacudindo almofadas e movendo móveis que estavam uns milímetros fora de seu lugar. Tinha-lhe preocupado o que Rome sentiria ao celebrar o Natal, já que devia despertar lembranças dolorosas sobre seus filhos, sobre o caos que teriam criado no dia de Natal levados pelo êxtase dos presentes. Até o momento, não tinha dado amostras de temer a celebração, assim Sarah mantinha os dedos cruzados, confiando em que desfrutasse com ela da festividade.

Morria de vontades de tê-lo outra vez em casa; estava mais nervosa que nunca durante sua ausência, e sabia que se devia ao que havia dito enquanto o fazia amor por última vez. "Jogo muito de menos quando estou fora..." Era o único indício que tinha dado de que o contrariasse separar-se dela. Sarah sempre tinha dado por feito que Rome esperava impaciente a oportunidade de respirar longe dela. Mas, sentia a falta dele...

Tratou de não fazer-se vãs ilusões. Rome era muito viril; possivelmente só sentisse falta de lhe fazer amor. Mas e se o que sentia saudades era ela, sua companhia, as coisas que tinham em comum? O coração lhe pulsava com frenesi só de pensá-lo. Depois de tudo, o Natal era a época dos milagres.

A espera a encheu de desgosto, e lhe ocorreu fazer uma visita ao Marcie, mas não queria interromper sua celebração. Além disso, tinha medo de perder a chamada de Rome. Preparou-lhe um bolo de maçã e trocou os lençóis das duas camas.

Soou o telefone, e a ponto esteve de romper o pescoço em seu afã por chegar quanto antes.

Desprendeu e respondeu quase sem fôlego.

- Sim?

- Anunciaram meu voo para dentro de uma hora - disse Rome, e sua voz grave a seduzia inclusive por telefone. - Mas há muitos outros em espera, assim que se atrasará. Calculo que estarei em casa a meia-noite. Não me espere levantada, neném. Te deite.

- Não... Não sei - gaguejou, consciente de que seguiria levantada embora não retornasse até a meia-noite do dia seguinte.

Rome riu, um som suave e prometedor que lhe fez tragar saliva.

- Está bem, então, espere acordada. Chegarei o mais cedo possível.

Acabavam de dar as onze quando ouviu a chave na fechadura. Sarah se levantou dando um coice da mesa, onde tinha estado sentada com uma xícara de chocolate quente entre as mãos, e correu a seu encontro. Rome soltou a mala e a abraçou ao mesmo tempo que ela se jogava em seus braços; depois a beijou, um beijo longo, forte e exaustivo que a fez tremer e apertar seu corpo contra o dele.

Com os olhos cintilantes, Rome a soltou e se esfregou a mandíbula áspera com a mão.

- Preciso tomar banho e me barbear, nessa ordem. Passei a noite no aeroporto, assim pareço um asco. Vá te à cama; irei dentro de quinze minutos, se não antes.

Sarah esvaziou o resto de chocolate quente na pia e, depois, dirigiu-se ao dormitório. Sentou-se na cama e entrelaçou as mãos com força ao ver que lhe tremiam. Rome estava em casa. Em poucos minutos, meteria-se com ela na cama e lhe faria amor como se fosse devorá-la. E logo... Logo, o que? Faria outra sedutora confissão, daria outra pequena

indicação de que seus sentimentos para ela eram cada vez mais profundos? Ou a abraçaria em silêncio até que ela fingisse ficar adormecida e se retiraria a sua solitária cama?

Sarah inspirou dolorosamente ao pensá-lo e, de repente, compreendeu que não suportava a idéia de que a deixasse depois de fazer amor.

Ficou em pé antes inclusive de dar-se conta do que fazia; se alguém se ia, seria ela. Assim não teria que contemplar as costas do Rome enquanto se afastava. Se, quando terminassem de fazer o amor, Rome não dava amostras de querer nada mais, daria-lhe um beijo de boa noite e se levantaria com calma da cama sem nem sequer olhar atrás.

Rome saía de seu banheiro justo quando ela abria a porta para entrar, e Sarah viu como arqueava uma sobrançelha negra com perplexidade.

- Tem pressa? - disse com voz surpresa, e deixou cair ao chão a toalha que sustentava.

Sarah o olhou, contemplou seu corpo alto e forte e sentiu ressecada a garganta.

- Sim sussurrou; tirou-se a camisola pela cabeça e também a atirou ao chão.

Rome retirou os lençóis até o pé da cama e lhe estendeu a mão a modo de tácito convite. Sarah caminhou para seus braços.

Rome lhe disse muitas coisas: o muito que a desejava, o que queria lhe fazer, o que gostaria que lhe fizesse... Seus sussurros estavam carregados de ânsia. Disse-lhe o suave e bonito que era seu corpo, o muito que desejava enterrar-se nela, e, o que sentia, quando a possuía. Mas não lhe disse o que Sarah mais desejava ouvir.

Quando saciaram sua tumultuosa paixão, Rome permaneceu jogado sobre a cama, acariciando as costas de Sarah com preguiçosa possessividade. Tremendo por dentro, Sarah compreendeu que devia partir já, enquanto ele seguisse satisfeito e sonolento, antes de que começasse a impacientar-se. Incorporou-se sobre um cotovelo, deu-lhe um beijo rápido e sussurrou:

- Boa noite. - e se levantou da cama antes de que Rome pudesse reagir.

Rome abriu os olhos de par em par e contemplou como ela recolhia a camisola e, virtualmente, saía correndo pela porta. Umas rugas sombrias de tensão se marcaram em torno de sua boca. Apesar do muito que a desejava, do frenético que ficava quando o fazia amor, sempre temia o final porque sabia que ela se distanciaria dele, faria-se um novelo e fingiria dormir para que ele partisse. Ao menos, estava acostumado a encostar-se junto a ele, e Rome desfrutava abraçando-a um pouco mais; aquela noite, a pesar do desenfreio com que o tinha amado, nem sequer se tinha demorado para receber uma suave carícia. Às vezes, quando os olhos do Sarah se iluminavam ao vê-lo, quando se agarrava a ele com desespero no ardor da paixão, Rome se atrevia a acreditar que estava fazendo progressos, que estava minando pouco a pouco suas defesas e alcançando à mulher suave e cálida que se resguardava atrás. Mas então, ela voltava para refugiar-se em si mesmo, como se tivesse que recuperar o terreno que Rome tinha ganho.

O sexo com ela era fantástico... Muito mais que fantástico. A atração física, a paixão, eram tão intensas que escureciam qualquer outra experiência sensual que tivesse vivido... Mas não bastava. Não. Queria tudo, tudo o que ela pudesse lhe dar: seu corpo, sua mente e, sim, também seu coração.

No Natal, Sarah deu de presente uma luxuosa maleta de desenho. Tinha ultrajado ao dependente da loja igualmente luxuosa ao encarregar que trocassem a insígnia do desenhista pelas iniciais do Rome. Rome riu quando lhe contou a anedota e, depois, entregou com naturalidade uma pequena caixa envolta em papel dourado. Sarah ficou boquiaberta ao ver os brincos de diamantes; tentou lhe agradecer, mas foi incapaz de articular

palavra. Os diamantes cintilavam com fogo gélido; deviam ser de um quilate cada um, e estava estupefata pela magnitude do presente.

Sorrindo por aquela reação, Rome retirou o pesado véu de cabelo loiro platino, desprendeu os brincos que usava e lhe pôs os diamantes ele mesmo. Sarah levantou uma mão para tocá-los.

- Que tal estou? - perguntou com nervosismo.

Por fim tinha recuperado a voz.

- Magnífica - disse com voz grave. - Quero ver-te nua, com o cabelo solto e os diamantes brilhando em suas orelhas.

Sarah contemplou seu rosto, viu como seus olhos se entre-cerravam de desejo e sentiu as primeiras chispadas da paixão. Um delicado rubor rosado cobriu suas bochechas. Sabia, inclusive antes de que se aproximasse dela, que estava a ponto de conseguir o que queria.

Surpreendeu-a levantando-a nos braços.

- Aonde vamos? - perguntou Sarah, quase sem fôlego, porque tinha acreditado que lhe faria amor no sofá, como outras vezes.

- A minha cama - foi a resposta lacônica de Rome, e Sarah abriu os olhos com surpresa.

Quando terminaram, Rome permaneceu sobre ela, mantendo unidos seus corpos. Era impossível que Sarah se levantasse e se fosse. Inclinou a cabeça para a cálida fragrância de seu pescoço enquanto saboreava a satisfação física alcançada. Cochilou, e despertou um pouco mais tarde, ao sentir que Sarah se movia para encontrar uma posição mais cômoda.

- Peso muito? - murmurou, com os lábios sobre a cálida pele de debaixo de seu ouvido.

- Não - respondeu Sarah com voz impregnada de prazer, e o estreitou com mais força. A estava esmagando, quase não podia respirar, mas não importava. Quão único importava era sentir seu corpo quente e pesado sobre ela, a satisfação quase tangível que Rome irradiava. Assim era como sempre tinha querido estar.

Na rua, o breve entardecer invernal estava tocando a seu fim, e no dormitório começava a fazer frio, porque Rome sempre tinha os radiadores de seu quarto ao mínimo. Alongou o braço para agarrar o lençol e os cobriu aos dois; voltou a acomodar-se em cima de Sarah e apoiou a cabeça sobre seus seios.

Prazerosamente, beijou-lhe os mamilos e as curvas inferiores dos seios antes de procurar uma posição cômoda para a cabeça. Cobriu um seio com a mão, suspirou com suavidade e adormeceu. Sarah lhe pôs a mão nas mechas escuras e a moveu devagar para seu pescoço forte e seus amplos e poderosos ombros, para sentir a pele cálida e sedosa. Sentindo-se segura e protegida no calor de seus braços, Sarah também dormiu.

Rome despertou a tempo para um jantar tardio, com o olhar sonolento e satisfeito ao ver como Sarah tentava desenredar o matagal que ele tinha feito com seus objetos ao tirar-lhe.

Com o cabelo pálido alvoroçado pelas costas e o brilho dos diamantes, parecia uma antiga rainha em toda a glória de sua nudez. Em tempos de barbárie, a teriam adorado pela cor de seu cabelo, aquele incrível ouro pálido com nervuras de um branco quase puro. Frequentemente, tinha suspeitado que se tingia, até que a havia visto nua pela primeira vez. Sua esposa. O pensamento o embargou de possessividade, e de satisfação.

Em meados de fevereiro, Sarah pegou um resfriado que se prolongou durante mais dias do normal; a congestão lhe impedia de dormir e a punha de mau humor. Rome tentou convencê-la de que ficasse em casa para recuperar-se por completo, mas Erica tinha a dois de seus filhos com a gripe e Sarah não tinha a ninguém que abrisse a loja, assim não tinha mais remédio que trabalhar, embora se sentisse decaída e molesta. Rome tinha que fazer outra viagem, uma viagem que poderia prolongar-se por

espaço de duas semanas, e franziu o cenho ao ver a palidez do rosto do Sarah enquanto lhe dava um beijo de despedida.

- Te cuide e não fique fria. Chamarei-te esta noite para ver como te encontra.

- Estarei bem - tranqüilizou-o, embora aborrecida com o tom nasal de sua voz, efeito da congestão. - Não me beije! Passarei-te os germes!

- Sou imune a seus gemes - disse Rome, e a beijou de todas as formas. Rodeou-a com os braços e lhe esfregou as costas com suavidade. - Pobrezinha. Eu gostaria de ficar aqui contigo.

- Oxalá pudesse - grunhiu Sarah, coisa que não teria ousado dizer de não estar resfriada. - A verdade é que hoje me sinto um pouco melhor. Não estou tão cansada.

- Pode ser que já te esteja passando - observou-a com olho crítico. - Já vai sendo hora. Se amanhã não se sentir melhor, vá ao médico. É uma ordem.

- Sim, senhor - disse Sarah com insolência, e ganhou um pequeno açoite.

Rome a chamou de noite, como tinha prometido. Sarah tinha fechado a loja antes da hora por temor a que a neve que tinha começado a aumentar a deixasse incomunicada, assim que se passou uma hora vadiando na banheira, deixando que o vapor lhe limpasse o nariz, e já se sentia muito melhor. Quando falou com ele, tinha a voz quase normal.

Entretanto, à manhã seguinte despertou com uma penetrante enxaqueca e as articulações doloridas, como se alguém a estivesse golpeando com um martelo. Tinha a garganta em chamas, e sentia náuseas só de pensar na comida.

- Genial - disse a seu impreciso reflexo do espelho do banheiro. - Tenho a gripe.

Era um inferno. Doía-lhe todo o corpo por causa da febre, mas cada vez que tentava tomar um medicamento para controlá-la, seu estômago se rebelava. Tentou tomar chá quente, mas não resultou. Tentou beber um refresco frio, mas tampouco resultou. Provou a beber leite, e foi pior ainda. Preparou uma gelatina de frutas e tentou tomá-la; mas lhe deram arcadas ao segundo bocado. Desistiu, preparou-se uma bolsa de gelo para a cabeça e se deu um banho de água morna; permaneceu com o corpo febril submerso na água fresca e com a bolsa de gelo na cabeça.

Quando um repentino calafrio a fez tremer com tanta intensidade que logo que pôde sair da banheira, deixou de procurar remédios e optou por deitar-se; cobria-se com as mantas quando tinha frio e as retirava quando estava febril. Doía-lhe tanto a cabeça que dormir parecia impossível, mas ficou profundamente adormecida e só despertou quando soou o telefone.

- Sarah? - perguntou Marcie com voz angustiada. - Menos mal! Derek acaba de me chamar de uma cabine porque a loja estava fechada. Pensou que te teria ocorrido algo.

- E assim é - gemeu Sarah, contrariada. - Tenho a gripe. Sinto muito; devia chamar o Derek esta manhã antes de que fosse ao colégio.

- Não se preocupe por isso. Espera a que chame o Derek à cabine para que saiba que está bem e subirei a te atender.

- Posso me arrumar sozinha. Além disso, não quero conta... - mas Marcie já tinha desligado. -

Não vou morrer - grunhiu, enquanto arrastava seu corpo débil e maltratado fora da cama para deixar a porta da rua aberta para o Marcie. - Por que tem que me atender hoje? Não poderia esperar até amanhã? Pode ser que amanhã esteja pronta para morrer.

Caminhou como se tivesse ressaca, sustentando-a cabeça com as duas mãos, como se temesse que lhe caísse. Na realidade, era justo o contrário. Tal e como a estava brocando a dor, desejava que lhe caísse. Até os olhos lhe doíam.

Abriu o fecho e caminhou com muita dificuldade à cozinha com a intenção de tomar outra colherada de gelatina. Abriu a porta da geladeira, contemplou a massa verde tremente e voltou a fechá-la. Impossível tomar nada que se estivesse movendo.

A porta da rua se abriu, e Marcie gritou:

- Onde está?

- Aqui - gemeu Sarah. - Sério, Marcie, não lhe desejo isto a ninguém. Por seu próprio bem, vá te daqui.

- Este ano fui a que me pusessem a vacina - replicou Marcie, enquanto se aproximava da cozinha. - Meu Deus, está horrível!

- Então, estou exatamente igual a como me sinto. Morro de fome!

Quero comer algo, mas só de olhar a comida me dão arcadas.

- Bolachas salgadas - disse Marcie. - Tem?

- Não sei - gemeu Sarah.

- Onde podem estar?

- Aí acima - respondeu, e lhe indicou com a mão o armário mais alto.

- Aí tinham que estar - resmungou Marcie, e arrastou uma cadeira para poder subir a ela. Tirou a caixa de bolachas salgadas, extraiu um dos pacotes e a guardou outra vez. - Vamos provar o remédio que dão os médicos às grávidas; chá suave e bolachas salgadas. Crie que poderá digeri-lo?

- Duvido-o, mas o tentarei.

Marcie levou ao Sarah a rastros à cama, umedeceu um pano com água fria, o colocou na testa e lhe colocou o termômetro na boca. Retornou vários minutos depois com uma xícara de chá na mão e uma única bolacha salgada sobre um guardanapo de papel. Depois de extrair o termômetro, olhou-o e arqueou uma sobrancelha.

- Não há dúvida de que tem febre.

Sarah se incorporou e mordiscou a bolacha, com medo quase de tragar um só miolo. O chá sabia bem e lhe aliviava a aspereza da garganta e, durante uns instantes, sentiu-se melhor. Mas seu estômago começou a retorcer-se e se levantou como pôde da cama.

- Não funciona - informou a sua amiga. E saiu disparada por volta ao banheiro.

Derek subiu a vê-la, e Sarah gemeu em voz alta:

- Pode-se saber o que acontece com todos? É que querem ter a gripe?

LHES VOU CONTAGIAR!

Derek a olhou com serenidade.

- Eu nunca estou doente.

É obvio que não. Que germe ou vírus ousaria posar-se naquele corpo perfeito?

Ao dia seguinte, Marcie quis chamar o Rome, mas Sarah se negou em redondo. Como poderia ajudá-la de milhares de quilômetros de distância? Quão único conseguiria chamando-o seria distrai-lo. Marcie estava preocupada porque a febre lhe tinha subido ainda mais e tinha ataques de tosse. O segundo dia, tampouco pôde comer um bocado. Marcie não deixava de refrescá-la com água fria para baixar a febre, mas Sarah estava cada vez mais pálida e débil. Marcie passou a noite no chão, junto à cama do Sarah, escutando a tosse bronca, disposta a levar ao Sarah ao hospital em qualquer momento.

Ao terceiro dia de noite, Rome telefonou.

Marcie atendeu ao primeiro toque, porque o estridente som aumentava a dor de cabeça de Sarah.

- Já era hora de que chamasse, Rome Matthews! - estourou, feita uma fúria. - Sua esposa está quase morta e faz três dias que não dá sinais de vida!

Rome ficou em silencio durante três segundos completos; logo, rugiu:

- Como? O que acontece com Sarah?

- Diz que não é mais que gripe, mas me parece que começa a ser pneumonia. Tem muita febre, faz três dias que não come nada e quando tosse, parece um tambor. Não consigo convencê-la de que vá ao médico, diz que é questão de esperar. Maldita seja, Rome, volta aqui!

- Irei no primeiro voo que saia para lá.

- Ouvi-o - disse Sarah com voz débil quando Marcie entrou no dormitório. - Não tenho pneumonia, só ataques de tosse.

- Protesto tudo o que queira; quando Rome te vê, fará o que está mandado, em lugar de ficar na cama, te pondo pior.

- Vai voltar? - perguntou Sarah, e apesar do mal que se sentia, lhe iluminou a cara.

- É obvio que vai voltar. Disse que tomaria o primeiro voo que saísse para Dallas.

Ao Sarah entrou a culpabilidade.

- Oh, não! Seguro que não tem feito nem a metade do que tinha programado.

- Tudo isso pode esperar - disse Marcie com voz lúgubre.

Ao Rome não ia fazer graça deixar pela metade sua viagem de negócios, pensou Sarah com ânimo sombrio. Estava doente, mas nem tanto.

Mesmo assim, correspondia ao Rome e não ao Marcie atendê-la, e sabia que sua amiga tinha outras obrigações, além de seu trabalho como free-lance.

- Marcie, se tiver coisas que fazer, me poderei arrumar isso sozinha - sugeriu.

Marcie a olhou com incredulidade.

- Se nem sequer pode ir ao banheiro por seu próprio pé! Quer deixar de preocupar-se por minhas obrigações e te deixar cuidar? Está muito doente. Ninguém vai pensar menos de ti porque tenha a gripe.

A Sarah não gostava de escutar raciocínios. A febre lhe estava subindo outra vez, os ossos e os músculos lhe doíam, e se moveu com desgosto entre os lençóis. Ao reconhecer os sintomas, Marcie começou a lhe umedecer a testa.

A febre desorientava a Sarah. O tempo se voltou elástico, fazendo que uns poucos minutos parecessem eternos ou que várias horas transcorressem em um abrir e fechar de olhos. Em uma ocasião, despertou e viu o Derek lendo junto a sua cama.

- O que faz que não está no colégio?

Derek elevou a vista.

- São as três da manhã do sábado. Fiz um pouco de chá, quer beber um pouco?

Sarah gemeu, porque fazia três dias que tentava tomar chá e não conseguia digeri-lo. Mas estava tão sedenta que disse:

- Por favor.

Derek lhe levou um dedo de chá em uma xícara e Sarah tomou.

- Isto é tudo o que posso beber?

- No momento. Se o mantiver no estômago durante meia hora, darei-te outro gole. Estive lendo sobre a gripe - disse.

Bom, isso o explicava. E funcionou, apesar de que Marcie levava três dias lhe dando chá de beber infrutuosamente. Sentiu náuseas mas não vomitou, e ficou adormecida outra vez antes de que Derek pudesse lhe dar o segundo dedo de chá. Despertou várias horas depois e viu Rome sentado na borda da cama, com a mão na testa dela e o rosto moreno tenso de preocupação.

- Te vou contagiar - disse, sentindo-se obrigada a fazer a acostumada advertência, embora ninguém lhe tinha feito caso e duvidava que Rome o fizesse.

- Eu nunca estou doente - murmurou com expressão distraída, e Sarah emitiu um som de contrariedade.

- O que faltava! As pessoas sã me tira de gonzo. Derek tampouco nunca fica doente. Marcie está vacinada contra a gripe. Devo ser a única pessoa em toda Dallas que está na cama.

- Na realidade, há uma epidemia de gripe - disse Rome, ao ver o quão doente que estava. Tinha a pele seca e quente, o cabelo opaco e sem vida, e sombras escuras sob seus apagados olhos. Levou-lhe uma xícara aos lábios. - Bebe.

Bebeu, e o sabor fresco lhe resultou delicioso.

- O que é?

- Chá de menta. Tem-no feito Derek.

Doía-lhe tanto as costas que se tombou de lado, e fez uma careta de dor ao procurar uma posição mais cômoda.

- Sinto muito que Marcie te dissesse que voltasse para casa. Não é mais que gripe, não pneumonia como ela te disse, e acredito que já estou melhor.

- Ainda está muito doente, e prefiro estar aqui contigo - esfregou-lhe as costas sabendo, sem necessidade de que ela o dissesse, que lhe doía.

Sarah dormiu em seguida.

Dormiu durante horas, e estava abatida e irritável quando despertava. A febre subia e baixava como um ioiô, e no momento mais gélido, ficou aturdida. Rome a despiu e a banhou com água fresca e, quando se sentiu mais limpa, arriscou-se a lhe dar uma aspirina para lhe baixar a febre. Durante um par de horas, Sarah afirmou sentir-se melhor, e se sentou em uma cadeira enquanto ele trocava os lençóis. Deu-lhe uma bolacha salgada e mais chá de menta e, depois, ficou dormindo.

Rome a velou até que começaram a fechar-se o seus olhos. Não se atrevia a deixá-la só, mas se dormia no chão, temia não despertar quando Sarah comesse a agitar-se pela febre. Sem vacilar, tirou-se a roupa e se meteu na cama com ela; tombou-se de lado e apoiou uma mão sobre seu corpo doente, para saber quando começava a dar voltas.

Despertou em duas ocasiões durante a noite; retorcia-se, tentando procurar a postura menos dolorosa. Uma das vezes, deu-lhe um ataque de tosse, e Rome torceu os lábios para ouvir o som áspero e grave. Não era de se surpreender que Marcie se alarmou!

- Estou bem! - disse Sarah com agressividade, com expressão rebelde em seu rosto magro e pálido. Rome lhe pôs a mão na bochecha, acreditando que lhe estava subindo a febre outra vez, porque não havia dito nada para zangá-la.

Lhe lançou um olhar furioso. - Odeio estar doente.

- Eu sei - tranqüilizou-a.

- Está dormindo em minha cama - acusou-o. - Mentiu-me. Disse que não podia dormir com nenhuma mulher. Sempre quis que dormisse comigo, mas não queria dar meu braço a torcer. O que faz aqui agora, quando não tenho vontades de brincadeiras?

Rome não pôde conter-se, sorriu de orelha a orelha. Aproximou-lhe a xícara aos lábios e a sustentou enquanto ela bebia com fruição.

- Já vejo que escolhi um mau momento. Mas não sabe como vais lamentar o que há dito quando te recuperar.

- Eu sei - concordou Sarah, e fez panelas. - Mas é a verdade. Rome, quando me vou pôr bem? Estou tão farta de estar dolorida! Doem-me as pernas, as costas, o pescoço, a cabeça, a garganta, o estômago, os olhos... até a pele! Não posso mais!

- Não sei, querida. Pode ser amanhã. Quer que te esfregue as costas?

- Sim - aceitou em seguida. - E as pernas. Alivia-me muito.

Rome lhe tirou a camisola e a ajudou a tombar-se de barriga para baixo. Massageou-lhe o corpo com suavidade e, embora tinha perdido um peso que não lhe sobrava, surpreendeu-se admirando os contornos limpos e

delicados de sua figura. Tinha umas pernas fantásticas, longas, magras e torneadas. Seu traseiro era uma obra de arte feminina, com a forma ideal para voltar louco a qualquer homem. Posou uma mão sobre uma nádega de cetim e, apesar de seu estado, Sarah sorriu um pouco.

- Eu gosto. Eu gosto que me toque. Quando estiver melhor, fará-me o amor outra vez?

- Pode apostar o que quiser - disse Rome em um sussurro. Inclinou-se para frente para lhe massagear as costas e sentiu suas frágeis costelas sob a pele.

- Desejei-te durante anos - disse Sarah, com a voz um pouco amortecida pelo travesseiro, e Rome interrompeu a massagem durante uns instantes. - Tinha que ser um pouco antipática contigo para que Diane não o adivinhasse.

- Fez-o ainda melhor - comentou Rome com pesar. - Conseguiu que eu tampouco o adivinhasse. Desde quando me deseja?

- Desde que te conheci - Sarah bocejou e lhe fecharam as pálpebras.

- Então, estamos empatados.

Sarah sorriu e ficou dormindo. Em lugar de despertá-la para voltar a lhe pôr a camisola, Rome os cobriu aos dois com as mantas, apagou a luz e se acomodou junto a ela. Sorriu na escuridão. Detestaria que Sarah adoecesse muito frequentemente, mas travava umas conversações muito interessantes quando estava gripada. Fazia confissões que não poderia lhe haver tirado nem com tenazes de ter estado mais lúcida. Rome sabia que não poderia as esquecer, e esperava que ela tampouco o fizesse.

Ao dia seguinte, encontrava-se muito melhor, sem um ápice de náuseas e só um pouco de febre. Dormiu durante quase todo o dia e, quando despertou, Rome lhe deu de comer um caldo de frango. Sarah enrugou o nariz.

- Isto é comida de inválidos. Quando poderei tomar algo mais consistente, como gelatina? Ou um prato de banana amassado?

Rome se estremeceu só de pensá-lo.

- Por aí não passo. Sou incapaz de amassar uma banana.

- Está bem - aceitou Sarah em seguida, e um sorriso iluminou seu rosto gasto. - Esquecerei-me das bananas se deixar que me dê um banho e me lave o cabelo.

Rome começou a negar-se, mas ela já tinha adivinhado a resposta e a luz tinha desaparecido de seu rosto. Rome suspirou e se tornou atrás. Estava muito fraca para lavar-se sozinha, mas compreendia como devia sentir-se.

- Ajudarei-te depois de que tome este caldo - aceitou, e ela voltou a sorrir imediatamente.

Se tinha esperado vê-la incômoda pelas confissões que tinha feito, Rome se levou uma decepção. Pensou que possivelmente não recordaria sua conversação com muita clareza, porque tinha estado febril e desorientada, mas queria que a recordasse. Para dissipar a dúvida, murmurou:

- Lembra-te de ter estado falando comigo ontem à noite?

Pela primeira vez em vários dias, suas bochechas se cobriram de rubor, mas não baixou os olhos. Recostou-se no travesseiro e sustentou seu olhar.

- Sim, lembro-me.

- Bom - foi tudo o que disse.

Encheu a banheira de água morna, levou-a nos braços até a banheira e a deixou com cuidado na água. Apoiou-se na parede e contemplou como Sarah se ensaboava e se lavava ela sozinha; ao menor indício de desmaio, a tiraria num abrir e fechar de olhos da banheira. Mas Sarah terminou de banhar-se sem incidentes e levantou os braços para ele.

- Já está.

A naturalidade com a que lhe pediu ajuda o deixou sem fôlego... Isso, e o que seus seios, altos e redondos, elevassem-se com o movimento. Tirou-a da banheira, deixou-a de pé diante dele e a envolveu com uma toalha grande e esponjosa.

- Agora, o cabelo - disse Sarah com determinação.

Inclinou-se sobre o lavabo e Rome lhe lavou o cabelo, mas era tão longo que custava lavá-lo, assim resolveu o problema despindo-se e metendo-se na ducha com ela.

- Deveríamos te haver lavado primeiro o cabelo - grunhiu.

- Sinto muito, não me ocorreu - desculpou-se Sarah. Parecia tão frágil de pé na ducha que a atraiu com suavidade para ele e a envolveu com os braços. Lhe pôs as mãos na cintura e suspirou de felicidade.

- Me alegro de que tenha vindo.

- Mmm. Deveria te dar uns bons açoites por não me haver chamado no primeiro dia que teve a gripe - murmurou. - Por que não o fez?

- Pensei que não te faria graça que te interrompesse enquanto trabalhava. Sabia que não estava morrendo, embora Marcie resis-tisse em acreditar.

Rome vacilou; depois, a fez ficar nas pontas dos pés para poder tomar posse de sua boca com avidez, enquanto a água caía em jorros por seus rostos.

- Você me importa mais que o trabalho - grunhiu. - É minha esposa e não quero que adoça. Da próxima vez que não me chame quando me necessitar, levará-te uma boa palmada.

- Que medo - brincou Sarah.

Rome fechou o grifo da ducha e a secou depressa, para que não se esfriasse. Depois, secou-lhe pacientemente o cabelo com uma escova e um secador, até que brilhou como seda pura.

Mas quando tentou lhe pôr a camisola para colocá-la de novo na cama, Sarah se rebelou.

- Quero me pôr roupa normal e me sentar no salão como qualquer pessoa, e quero ler o jornal!

Logo que podia sustentar-se em pé e parecia um fantasma, mas era inegável a careta de obstinação com a que o olhava. Rome suspirou, perguntando-se por que uma mulher pelo geral, aprazível e inclusive dócil podia voltar-se tão rebelde só porque tinha a gripe. Queria obrigá-la a permanecer na cama, mas também queria fazê-la feliz.

- Faremos um trato - sugeriu, tratando de manter a voz tranqüilizadora. - Poderá estar no salão se puser a camisola e a bata, porque não acredito que agüente muito tempo sentada, de acordo?

Sarah estava até o cocuruto das camisolas, mas sabia que se não aceitava o trato, acabaria outra vez na cama, assim cedeu. Rome tinha os lábios apertados enquanto a ajudava a vestir uma camisola limpa e uma bata. Procurou as pantufas e as pôs.

- Posso andar - protestou Sarah quando a levantou nos braços. Rome lhe lançou um olhar intenso com a que lhe advertia que não devia tentar à sorte.

- Poderá andar da próxima vez.

Sarah se rendeu, rodeou-lhe o pescoço com o braço e apoiou o rosto em seu ombro quente. Sorriu um pouco; estar nos braços de Rome não era nenhum sacrifício.

Descobriu que não podia concentrar-se na leitura; exigia-lhe muito esforço, e as mãos não deixavam de lhe tremer, assim desistiu.

Mas resultava agradável estar em outra habitação, e estar sentada. Rome acendeu a chaminé, e o alegre tilintar das chamas a fazia sentir-se muito melhor. Depois, Rome se acomodou junto a ela no sofá e se dispôs a ler em silêncio o jornal.

Passados quinze minutos, começou a sentir-se cansada e sonolenta, mas não queria voltar para a cama. Tombou-se de lado e apoiou a bochecha no colo do Rome. Ele lhe pôs a mão na cabeça e a penteou com os dedos.

- Quer te deitar?

- Não, ainda não. Estou a gosto.

Ele estava mais que a gosto, pensou, tragando saliva. Contemplou a brilhante cabeça que tinha no colo e pensou no que gostaria que Sarah estivesse fazendo. Tentou controlar seus pensamentos, mas com a bochecha apoiada como a tinha, era uma batalha perdida.

Ela também sabia, a muito pícara. Deslizou uma mão por debaixo da bochecha e Rome se estremeceu ao sentir o roçar delicado de seus dedos. Surpreendeu o diminuto sorriso que lhe escapou, embora em seguida voltou a ficar séria, e sorriu de orelha a orelha. Deixou o jornal a um lado e a sentou sobre seu colo.

- Sarah Matthews, é uma provocadora. Sabe muito bem que não vou fazer nada até que não esteja muito melhor, assim pare já.

- É que te senti falta de - repôs Sarah, como se isso o explicasse tudo. Abraçada a ele, sabia que tudo ia sair bem. Não tinha nenhuma preocupação quando Rome a abraçava. Procurou um oco em seu ombro para a cabeça e adormeceu.

Rome a abraçou durante um momento, reconhecendo o muito que tinha sentido falta de estreitá-la contra seu peito. Casar-se tinha sido uma genial idéia. Voltar para casa, ao calor de Sarah, era uma perspectiva irresistível.

Apenas se moveu quando por fim a meteu na cama, mas despertou com fome quando Marcie e Derek foram vê-la duas horas depois. Sentaram-se todos na cozinha, ao redor da minúscula mesa de café da manhã, enquanto Sarah tomava uma xícara de caldo. Queixou-se e lhe prepararam uma torrada, sem manteiga, e seu estômago acolheu com júbilo o primeiro alimento consistente que tinha comido em quase toda a semana. Elevou a vista do prato e surpreendeu a todos olhando-a; envergonhada, soltou a torrada.

- Por que me olham assim?

- Alegra-me te ver comer - disse Marcie com sinceridade. - Acreditava que te estava morrendo!

- Só tinha a gripe - arreganhou-a Sarah. - Não viu alguma vez alguém gripado?

Marcie ficou pensativa; por fim, encolheu-se de ombros.

- Não. Derek nunca está doente.

Sarah lançou um olhar de irritação ao Derek, que sorriu com amabilidade. Derek sempre era amável, como se se sentisse obrigado a tratar com bondade aos simples mortais. Não, não era uma obrigação... Simplesmente, tinha bom coração.

A visita não durou muito, porque Sarah se cansava facilmente. Quando se foram, resistiu a voltar para a cama. Dirigiu-se ao salão e, naquela ocasião, conseguiu ler o jornal. Ficou levantada, por pura força de vontade, até a hora em que acostumava a deitar-se; depois, deixou que Rome a ajudasse a ir a sua habitação.

Rome saiu para apagar as luzes e comprovar que a porta estava fechada com chave; Sarah estava adormecida quando retornou a seu quarto e começou a espir-se, mas abriu os olhos quando Rome apagou a luz e se meteu na cama com ela. De repente, estava completamente acordada e tinha o coração desbocado. Estava muito melhor; não necessitava que ninguém cuidasse dela durante a noite, e era impossível que Rome não soubesse. Atraiu-a a seus braços e deixou que apoiasse a cabeça em seu ombro. Roçou-lhe a testa com um leve beijo.

- Boa noite - murmurou.

Ia dormir com ela! Tinha medo inclusive de pensar. Tinha havido indícios de que começava a afeiçoar-se com ela; pensando bem, fazia tempo que não via a expressão lúgubre que indicava que estava pensando em Diane e nos meninos. Estaria o tempo fazendo o milagre? Se por fim Rome estava superando sua dor, seria capaz de voltar a amar, e ela gozava de uma grande vantagem sobre as demais mulheres.

- O que te passa? - perguntou Rome com voz sonolenta, enquanto lhe acariciava o braço. - O coração te pulsa como uma locomotiva. Noto-o.

- Esgotei-me - alcançou a dizer Sarah, e apertou o peito ainda mais contra ele. A segurança que achava em seu corpo quente e forte começou a serená-la, e ficou adormecida.

À manhã seguinte, embora tentou convencê-lo de que se encontrava muito melhor e podia ficar só em casa, Rome chamou a sua secretária e lhe disse que não iria ao escritório aquele dia.

- Vou ficar - disse a Sarah com firmeza depois de desligar o telefone. - Deixa ver, o que gosta de tomar no café da manhã?

- O que seja! Morro de fome!

Tomou um café da manhã quase normal, e decidiu que a comida era a resposta a todos os problemas. Sentia-se muito mais forte, capaz de andar sem cambalear-se e, além de uma ligeira dor de cabeça e tosses pontuais, encontrava-se bem.

Rome trabalhou no salão, dispersando papéis a seu redor, em lugar de no pequeno escritório, como tinha por costume. Sarah sabia que não queria perdê-la de vista, e a idéia lhe agradou muito. Receber mimos tinha suas vantagens.

Por volta das doze do meio-dia, entrou-lhe sono e cochilou na poltrona no que tinha estado lendo. Rome elevou a vista, viu que tinha os olhos fechados e se levantou para levá-la à cama. Sarah despertou quando começou a despi-la, mas não protestou quando a obrigou a vestir uma camisola. Ficou dormindo antes de que Rome a cobrisse com as mantas.

Dormiu durante quase quatro horas. Despertou para ir ao banheiro, e bebeu vários copos de água; tinha a impressão de que não poderia saciar sua sede. Ainda sonolenta, retornou à cama, e acabava de cobrir-se com o lençol quando a porta se abriu e Rome entrou no dormitório.

- Tinha-me parecido te ouvir andar - disse, ao ver que estava acordada. Aproximou-se, sentou-se na borda da cama e lhe tocou o rosto com suavidade. Não havia rastro de febre. Estava quente, mas era o rubor quente do sono.

Sarah se estirou com preguiça; depois se incorporou e lhe pôs as mãos nos ombros para abraçá-lo. Ao esticar-se, o magro tecido da camisola se aderiu a seus seios e, naqueles momentos, Rome sentia as suaves curvas apertadas contra ele. Estreitou-a entre seus braços e lhe levantou o queixo para beijá-la. Sarah se entregou ao beijo; abriu os lábios para aceitar a intrusão de sua língua. Rome seguiu beijando-a, cada vez com mais força, com mais paixão. Com suavidade, tombou-a outra vez na cama e se inclinou ao mesmo tempo que ela, sem cortar o contato de seus lábios. Sarah sentiu como fechava uma mão cálida em torno a seu seio, e arqueou as costas.

Fazia séculos que Rome não fazia amor; o resfriado que tinha precedido à gripe também a tinha incomodado bastante e Rome a tinha deixado tranqüila.

- Sim - disse junto a seus lábios, ao mesmo tempo que agarrava a sua camisa. - Por favor, não pare.

- Não pensava fazê-lo - comentou Rome com voz rouca; incorporou-se e se despojou da inoportuna camisa. Atirou-a ao chão; levantou-se para desabotoar as calças e as tirou. Sarah o contem-plou com olhos sonhadores, sentindo um formigamento de excitação por todo o corpo.

Rome se inclinou sobre ela e lhe tirou a camisola para a dar de presente vista com o corpo esbelto e suave que era só dele. Acariciou-lhe a pele sedosa; por fim, encheu-se as mãos com seus seios e se inclinou para beijá-los antes de lhe lambe os mamilos. Afogando-se em um torvelinho de prazer, Sarah o atraiu para ela, procurando a união de seus corpos.

Quando se levantaram, sentia-se satisfeita em todos os poros da pele, e a satisfação era evidente em seu rosto. Estava radiante, com a pele resplandecente pelas carícias de Rome.

Enquanto jantavam, Rome não podia deixar de olhá-la. Ele era o responsável por aquele semblante e sabia. Quando Sarah o olhava daquela maneira, algo se agitava em seu peito. Tinha querido transpassar as barreiras de sua reserva para encontrar o ardor de sua paixão, mas tinha encontrado muito mais. A princesa de gelo tinha desaparecido e uma mulher que resplandecia com suas carícias tinha ocupado seu lugar. Estaria apaixonando-se por ele? A idéia gostava. A abnegação de uma mulher como ela não se podia tomar à ligeira. Seu amor encheria de calor seus dias, proporcionaria-lhe um remanso de ternura e segurança, um bálsamo para as amargas lembranças do passado.

Enquanto tomava banho e se preparava para deitar-se, Sarah se perguntou se Rome dormiria com ela também aquela noite. Estava tremendo, dominada pelo desejo. Se Rome retornasse a seu próprio quarto aquela noite, não suportaria, não depois de ter passado as duas melhores noites de sua vida. Comportou-se como se de verdade se preocupasse com ela, e Sarah tinha vislumbrado o paraíso. Se as comportas se fechavam de novo e ficava fora, não sabia se poderia se recuperar do golpe.

Um toque de nódulos na porta a sobressaltou.

- Vais passar te a noite aí dentro? - perguntou Rome, com impaciência na voz.

Sarah abriu a porta e inspirou com aspereza ao vê-lo apoiado na parede, completamente nu. Era assombroso, alto e forte, com uma espessura viril de cachos negros no peito. Respirando com dificuldade, soltou a toalha com a que estava envolto e desprendeu a camisola, mas também o soltou.

- Não acredito que o necessite - disse com voz trêmula.

- Eu tampouco - o regozijo brilhou nos olhos de Rome durante um momento, enquanto lhe estendia a mão, mas foi absorvido por uma emoção muito mais intensa quando ela entrou no círculo de seus braços.

Fizeram amor, ficaram adormecidos, e Rome não fez nenhum intento por ir-se a sua habitação. Despertou a meia-noite e voltou a possuí-la, afundando-se nela antes de que estivesse de tudo lúcida, desfrutando de sua entrega espontânea. Prolongou o ato naquela ocasião, utilizando sua destreza para levá-la pouco a pouco à cúpula do prazer. Sarah estava rodeada de uma nebulosa de gozo enquanto Rome lhe acariciava os seios e os lambia da forma que lhe gostava, enquanto a acariciava e a tocava até fazê-la gritar. Suas investidas lentas e regulares a estavam matando; levava-a a beira mesmo da satisfação, mas sem ir mais.

Agarrou-se a ele com mãos úmidas e frenéticas, suplicando a liberação. Rome a segurou pelos quadris, para não deixar que acelerasse o ritmo, e a beijou em profundidade. Depois, separou os lábios o espaço justo para lhe ordenar com voz grave.

- Diga que me ama.

A resposta do Sarah foi automática; surgiu de uma funda reserva de ânsia primitiva que não podia controlar. Sem pensá-lo, sem nem sequer dar-se conta da importância da pergunta do Rome e de sua própria resposta, gemeu:

- Sim, amo-te.

Rome se estremeceu, e as suaves palavras desencadearam pequenas explosões que anunciavam a proximidade de sua própria satisfação.

Deslizou as mãos por debaixo dela e a levantou para que recebesse suas profundas investidas.

- Repete-o!

- Amo-te... Te... Amo... - ficou sem voz, e um grito afogado emergiu de sua garganta. Ao sentir as sensuais convulsões internas que assinalavam o êxtase de Sarah, Rome gemeu, apertou os dentes e se entregou a seu próprio prazer.

Estendida sob o corpo pesado do Rome, Sarah começou a tomar plena consciência do que havia dito, e um gélido pânico a dominou.

- Rome...O que hei dito...

Rome levantou a cabeça de seus seios com o rosto marcado pela satisfação.

- Queria sabê-lo. Pensei que me queria, mas queria ouvir lhe dizer isso.

Sarah conteve o fôlego para ouvir o tom possessivo de sua voz.

- Não te importa? - sussurrou.

Rome lhe retirou uma luminosa mecha de cabelo do rosto e se entreteve percorrendo o contorno de seus suaves lábios com o dedo.

- É mais do que esperava quando te pedi que te casasse comigo - reconheceu. - Mas seria um estúpido se eu não gostasse. É uma mulher cálida, carinhosa e incrível, senhora Matthews, e quero tudo o que me possa dar.

Lágrimas ardentes e cegadoras afloraram a seus olhos e escorregaram por suas bochechas. Rome as secou com suavidade, um pouco comovido pela confiança e a devoção que Sarah lhe oferecia. Detento de uma nova quebra de onda de paixão, e em um intento de consolá-la, voltou a lhe fazer amor.

Rome já tinha ido ao escritório e Sarah se estava dando pressa para poder abrir a loja a sua hora, mas as lembranças da noite anterior seguiam distraíndo-a. Ficava de pé em meio de uma habitação, com o olhar perdido e sonhadora, em lugar de dar-se pressa por maquiar-se ou vestir-se, como deveria estar fazendo. Rome não havia dito que a amasse, mas sua intuição de mulher lhe dizia que o desejo que tinha pedido nos cantos mais profundos de seu coração, na escuridão de incontáveis noites, estava fazendo-se realidade. Rome começava a querê-la. Um homem não tratava a uma mulher com a ternura e a paciência que ele tinha deixado entrever se não sentia algo mais que certo respeito e agrado. A intimidade de sua vida de casados tinha estendido uma rede que o tinha aproximado dela e os tinha unido. Sentia-se tão feliz, quase cega de puro gozo.

Voltando outra vez à realidade, dirigiu-se à cômoda para tirar um sutiã e acertou a ver a pequena caixa de pílulas.

- Meu Deus! Quase me esquece! - exclamou, e tirou a caixa.

De repente, caiu na conta e a caixa escorregou de sua mão repentinamente frouxa. Tinha tomado a pílula pela última vez no primeiro dia da gripe, embora duvidava que a tivesse assimilado.

Pulou seis pílulas. Angustiadada, remexeu na gaveta em busca da bula e a encontrou ao fundo de tudo.

Se saltava mais de três pílulas, devia deixar de tomar, esperar até o quarto dia do seguinte ciclo e começar a tomar outra vez com normalidade. A concepção era improvável, mas não impossível, assim terei que tomar outras precauções para prevenir uma gravidez. Sarah leu as instruções uma e outra vez, tratando de serenar-se. Improvável, mas não impossível. Tentou esquecer as três últimas palavras e se concentrou no tranquilizador "improvável".

Pensou na cara que poria Rome quando o dissesse e em seguida soube que, estivesse bem ou mau, não podia fazê-lo. Era incapaz de lhe dar essa preocupação. A expressão que tinha visto em seu rosto quando a jovem mãe pronunciou o nome do Justin lhe tinha esmigalhado o coração, e ainda recordava o muito que lhe tinha doído que Rome rechaçasse seu consolo.

Mas teria que dizer-lhe. A alma caiu aos pés ao compreender que, se teria que tomar outro tipo de precauções, a explicação era necessária. Quando pensou em sua recente compenetração e na possibilidade de que se estragasse, fechou os punhos com dor. "Agora, não. Por favor, agora, não".

Recompôs-se, vestiu-se e conseguiu chegar à loja ao mesmo tempo que Erica, à hora exata de abertura. Não teve tempo para preocupar-se com nada, porque em seguida a loja se encheu de pessoas, algumas, clientes habituais que tinham chegado a conhecê-la e que se passavam para interessar-se por sua saúde. Compraram novos, botões antigos, material para bonecas, pregos de acabamento. Dava a impressão de que todos seus clientes tinham esperado a que Fios e Ferramentas estivesse outra vez aberta em lugar de ir a outra loja, e a idéia comoveu Sarah. Uma mulher miúda e energética de pelo menos oitenta anos lhe levou uma colcha de ponto feita com a lã mais suave, em distintos tons de verde, e insistiu em lhe dar de presente.

Sarah quase chorou, e abraçou à mulher. Tinha estado fazendo colchas de ponto para que Sarah as vendesse, e sabia que o dinheiro que cobrava por elas servia para complementar sua reduzida pensão. Significava muito que empregasse seu tempo e materiais em lhe fazer um presente.

Justo antes do almoço, Rome se apresentou na loja. Sarah elevou a vista ao ouvir a campainha e abriu os olhos com surpresa ao vê-lo.

- Vamos a seu escritório um minuto - disse em voz baixa, e Sarah chamou a Erica para que ocupasse seu posto na caixa.

Quando a porta se fechou atrás deles na minúscula habitação que usava como escritório, Sarah o olhou com preocupação.

- O que ocorre?

- Tenho que ir, para ultimar todos os assuntos que deixei pendentes quando deixei para cuidar de ti - um meio sorriso se desenhava em seus lábios. - Lhe poderia haver isso dito aí fora, mas queria te beijar, e tal e como vou beijar te, não deveria fazê-la em público.

Sarah ficou débil e se apoiou em sua mesa.

- Ah, sim? E como vais beijar me? - disse com voz rouca, quase em um murmúrio.

Uma expressão quase predadora apareceu em rosto do Rome, que estirou o braço para correr o zíper.

- Nua.

Aquela noite, estendida sozinha na cama, tendo saudades do calor de Rome mais do que teria acreditado possível, Sarah soube. Foi uma revelação quase telepática, e se levou a mão ao estômago.

- Rome, não sabe quanto o sinto - sussurrou na escuridão vazia.

- Não é a primeira vez que ocorre - disse a doutora Easter-wood com calma. Seu próprio exame médico lhe havia dito tudo o que precisava saber, antes inclusive de que os testes que estavam sobre sua mesa o tivessem confirmado. - Receitei-te a pílula mais suave do mercado; se as datas coincidirem, a concepção é possível se para de tomá-la, como ocorreu em seu caso. A gravidez é um fato.

Sarah estava muito serena. Tinha disposto de várias semanas para acostumar-se à idéia. Não sabia o que ia fazer, mas tinha aceito que albergava uma pequena vida em seu interior e já a amava. Tinha-a amado desde o momento da concepção; o que, a não ser amor, podia sentir por um filho de Rome?

- Terá trinta e quatro anos quando nascer o bebê - prosseguiu a doutora Easterwood. - É um pouco tarde, para uma primeira gravidez, mas gozas de boa saúde e não vejo nenhuma complicação, embora queira te vigiar de perto e lhe fazer vários testes ao feto nas distintas fases de seu desenvolvimento. Virá para ver-me duas vezes ao mês, em lugar de uma. Agora mesmo, o único problema que contemplo é que, se o bebê for grande, é provável que terei que te fazer uma cesárea. Tem a pélvis muito estreita.

Sarah a escutava, muito absorta em outros problemas para preocupar-se ainda pelo parto. Ainda faltavam meses para que o bebê nascesse, e havia uma situação muito difícil que devia confrontar quanto antes. Como o diria ao Rome? Mais importante ainda, como reagiria ao inteirar-se?

A doutora Easterwood lhe receitou suficientes vitaminas para ressuscitar a um morto e, depois, fez algo insólito. Abraçou-a e lhe deu um beijo solene na bochecha.

- Boa sorte -disse. - Sei que desejava ter um filho fazia tempo.

Sempre. Tinha-o desejado sempre. Seria uma crueldade que tivesse que escolher entre Rome e o bebê!

O disse aquela mesma noite. Havia sentido uma forte tentação de ocultar-lhe durante o maior tempo possível, de pospor o enfrentamento e desfrutar de cada momento que pudesse com ele, mas sabia que tinha direito de saber. Se o ocultava, custaria-lhe o mesmo, ou possivelmente mais, perdoá-la por isso que pela gravidez. Dizer-lhe não era fácil; tentou-o durante o jantar, mas as palavras se entupiam em sua garganta. Depois de jantar, Rome foi a seu escritório para olhar alguns papéis e, passados uns minutos, Sarah se decidiu a entrar. O disse em muito poucas palavras.

Rome empalideceu intensamente.

- Como? - sussurrou.

- Estou grávida - manteve a voz serena, e entrelaçou os dedos gélidos para evitar que tremessem.

Rome soltou a caneta e fechou os olhos. Passado um momento, abriu-os, e estavam negros, carregados de amargura.

- Como pudeste me fazer isto? - perguntou com aspereza. levantou-se com brutalidade da cadeira e lhe deu as costas; baixou a cabeça e se esfregou a nuca.

A acusação foi uma dolorosa chicotada que a deixou sem fala. Sarah tinha sabido que seria um duro golpe para ele, mas em nenhum momento imaginou que Rome pudesse pensar que o tinha feito a propósito, contra seus desejos.

- Sabia o que pensava - tinha os ombros contraídos. - Sabia... Mas o fez de todas as formas. Por isso te casou comigo? Para que me fizesse de semente? - deu-se a volta e deixou ver seu rosto distorcido pela dor e a raiva - Maldita seja, Sarah! Esperava que tomasse essas condenadas pílulas! Por que não o fez?

Com voz débil, Sarah respondeu:

- Tive a gripe. Não podia tomar nada.

Rome ficou gelado. Tragou saliva enquanto contemplava a cara branca de Sarah e a agonia que refletia seu olhar. Ao dar-se conta do que havia dito e o muito que a ela devia lhe haver doído, assal-taram-no os remorsos. Ela o amava. Jamais o teria traído delibera-damente. Avançou para abraçá-la, mas Sarah retrocedeu; levantou a mão para freá-lo.

- Fui ver a doutora Easterwood esta manhã - disse, com voz ainda débil e inexpressiva. - Quando tive a gripe e não pude tomar a pílula, a interrupção da tomada permitiu que tivesse lugar a ovulação... E a concepção. Tinha ido ao médico aquele mesmo dia e tinha tido o valor de dizer-lhe imediatamente; amava-o o bastante para confessar-lhe, mas Rome tinha reagido descarregando-se contra ela de algo que tinha sido mais

culpa dele que de Sarah. Se tivesse se incomodado em pensá-lo, teria sabido que não tinha sido capaz de tomar a pílula; mas o primeiro dia que ela se havia sentido melhor a tinha levado para cama. Teria concebido então, perguntou-se, ou nas demais ocasiões nas que lhe tinha feito amor essa noite? Ao dia seguinte, em seu estreito escritório abarrotado de papéis, com ela sentada na borda da mesa e seu precioso rosto avermelhado, enquanto ele a possuía de forma brusca, apressada e completamente satisfatória?

- Sinto muito - disse com suavidade, desejando mais que nada no mundo não ter ferido seus sentimentos. Viu a rigidez com a que mantinha a compostura, como se se preparasse contra mais ataque, e uma insólita pena lhe encolheu o coração. Naquele momento, apesar de seu próprio sofrimento e desespero, soube que a amava, e sentiu um desejo entristecedor de suavizar sua dor. Devagar, aproximou-se de novo a ela, e naquela ocasião, Sarah permitiu que a abraçasse.

Envolveu-a com seus braços e deslizou as mãos por suas costas esbelta, tratando de consolá-la. Sarah não estava chorando, e isso o preocupava mais que se estivesse soluçando a lágrima viva, porque o pranto teria sido um escapamento para suas emoções. Tinha o corpo rígido e não o abraçava. Rome seguiu lhe acariciando as costas e murmurando palavras de consolo em seu ouvido, até que ela começou a relaxar-se. Pouco a pouco, pôs-lhe as mãos nos ombros. Demorou um tempo em arrancá-la de sua silenciosa comoção. Sem deixar de abraçá-la, tranquilizando-a com suas carícias, perguntou:

- Marcaste hora já?

Sarah estava confusa, não compreendia muito bem a que se referia.

- A doutora Easterwood quer que a veja duas vezes ao mês.

Rome moveu a cabeça.

- Referia-me a marcar hora para... Para um aborto - apesar de seu sofrimento, custava-lhe trabalho dizê-lo, e se estremeceu pelo esforço que teve que fazer.

Sarah se afastou com brutalidade e o olhou atônita.

- Como?

Nesse momento, Rome compreendeu que não lhe tinha ocorrido a solução ao problema, que nem sequer o tinha considerado, e uma sensação fria se apoderou dele. Afastou-se de Sarah; a negrume de seus olhos era um espio de seu inferno interior.

- Não quero que tenha esse bebê - disse com crueldade. - Não o quero. Não quero nenhum bebê, nunca.

As palavras de Rome foram como um murro no peito. Sarah tentou respirar, mas não podia. Olhou-o sem vê-lo, com medo de desmaiar-se, até que por fim conseguiu tomar um pouco de ar.

- Rome, também é teu filho! Como pode querer... ?

- Não - interrompeu-o, com voz áspera pela dor. - Meus filhos estão mortos. Vi como enchiam de terra suas sepulturas. Não posso voltar a passar por isso. Não posso aceitar outro filho, assim... Não me peça que o tente. Aprendi a viver sem eles, sem meus filhos, mas nenhum outro menino poderá nunca, nunca, substituí-los - com o rosto crispado pela agonia, ele também ofegava como se lhe resultasse quase impossível prosseguir.

Lutou por recuperar o controle e ganhou, embora tinha a testa empapada em suor. - Amo-te - disse, com mais serenidade. - Sarah, amo-te. É mais do que sonhei que poderia sentir outra vez. Te amar, te ter, deu-me uma razão de viver, uma ilusão para seguir adiante cada dia. Mas outro filho... Não. Não posso. Não tenha o bebê. Se me quiser, não... Não o tenha.

Sarah se cambaleou, mas se endireitou com um arranque de determinação. Nenhuma mulher deveria ouvir jamais algo assim, pensou com

tristeza. Nenhuma mulher deveria confrontar aquela decisão. Amava-o e, precisamente por isso, amava a seu filho. Compreendia sua angústia, tinha visto seu semblante no enterro de seus filhos e sabia que teria morrido com eles se tivesse podido. Mas saber e compreender não lhe facilitava as coisas.

Olhou-a com pura agonia infernal no olhar e, de repente, tanto seus olhos como suas bochechas estavam úmidos.

- Por favor - suplicou a Sarah com voz trêmula.

Sarah se mordeu o lábio até que se fez sangue.

- Não posso - declarou.

Capítulo 10

Plantou-lhe cara da outra ponta do estudo, com um peso sobre os ombros que não sabia se poderia suportar.

- Faria algo por ti - disse com voz lenta e cautelosa. - Exceto isso. Amo-te tanto que não poderia machucar nada que fosse teu, e este bebê é uma parte de ti. Quis-te durante anos, não só durante os últimos meses, desde que estamos casados, a não ser antes de que te casasse com Diane ou inclusive antes de conhecê-la. Queria ao Justin e ao Shane porque eram teus filhos - moveu a cabeça, um pouco aturdida. - Imagino que não deixarei de te amar, faça o que faça. Se de verdade te resultar impossível aceitar a este bebê, a decisão é tua. Mas eu sou incapaz de destruí-lo.

Rome se deu a volta com movimentos lentos, como um ancião cansado pelo peso dos anos.

- E agora o que? - perguntou com voz oca.

- A decisão é tua - repetiu Sarah. Não podia acreditar a calma com que falava, mas estava entre a espada e a parede e sabia. - Se quer ir, em lugar de viver comigo, entenderei-o, e não deixarei de te amar, nunca. Se ficar, tentarei... - lhe atou a voz de repente e se interrompeu; respirou pesadamente antes de arriscar-se a falar outra vez. - Tentarei manter ao bebê afastado de ti, fora de sua vista. Nunca te pedirei que o cuide nem que o levante nos braços. Juro-lhe isso, Rome, nem sequer terá que saber seu nome se não quiser. A todos os efeitos, não será pai.

- Não sei - disse, abatido. - Sinto muito, mas não sei o que fazer.

Passou junto a ela e, um momento depois, Sarah conseguiu controlar as pernas o bastante para segui-lo. Rome se deteve antes de sair do apartamento; estava cabisbaixo. Sem olhá-la, disse:

- Amo-te. Mais do que imagina. Oxalá lhe houvesse disso dito antes, mas... - fez um gesto de impotência com a mão. - Algo morreu dentro de mim quando os perdi. Eram tão pequenos, e sempre procuravam meu amparo. Era seu pai, e a seus olhos, não havia nada do que eu não fosse capaz. Mas quando de verdade me necessi-taram, não pude fazer nada para ajudá-

los. Quão único pude fazer foi levantá-los nos braços... Quando já era muito tarde! - fez uma careta de dor e se esfregou os olhos, secou-se as lágrimas derramadas por seus filhos. - Tenho que ir. Tenho que estar sozinho uns dias. Estaremos em contato, de uma forma ou outra. Te cuide - por fim a olhou, e o que Sarah viu em seus olhos lhe fez fechar os punhos para não gritar.

A porta se fechou e tinham passado os minutos, mas Sarah seguia ali de pé, contemplando a superfície lisa de madeira, porque não podia fazer outra coisa. Tinha sabido que seria difícil, mas não tinha imaginado que a reação do Rome seria tão intensa, nem sua dor tão amarga. A agonia que tinha visto em seus olhos era como uma faca que lhe cortava a pele. Havia dito que a amava. Que desgraça que lhe oferecessem o céu com uma mão e o arrebatassem com a outra!

Entrou em rastros no salão e se sentou, com o corpo aturdido pela comoção; mas pouco a pouco foi voltando para a vida. Se a amava, existia a possibilidade de que voltasse com ela: Já tinha ocorrido um milagre; outro seria pedir muito? E se Rome seguia vivendo com ela, com o tempo, a ferida deixada pela perda de seus filhos se fecharia e poderia amar a outro filho, ao filho de Sarah. Mas cumpriria com sua palavra. Se ficasse, não o obrigaria a tratar do bebê.

Rome não voltou para casa aquela noite. Sarah permaneceu arremesso na cama que tinha compartilhado com ele todas as noites desde que tivesse a gripe e chorou até que ficou sem lágrimas.

À manhã seguinte, levantou-se sem ter pego olho e foi à loja, como de costume.

Erica reparou em sua cara pálida e nos olhos avermelhados pelo pranto, mas teve a discricção de não comentar nada. Atendeu a quase todos os clientes enquanto Sarah, encerrada em seu escritório, punha em dia os livros de contas. Inclusive essa tarefa resultava dolorosa, porque recordava a Rome.

Tinha sido ele quem tinha organizado os livros, tinha escolhido o computador e tinha trabalhado naquele escritório todos os sábados... Inclusive era possível que a tivesse deixado grávida sobre o escritório no que ela estava trabalhando.

Erica não se atreveu a perguntar, mas quando Derek se apresentou pela tarde e a viu, ofereceu-se a ajudar.

- O que ocorre? - perguntou. - Posso fazer algo?

Sarah sentiu uma quebra de onda de amor para ele. Que um menino de dezesseis anos pudesse ser tão maravilhoso escapava a sua compreensão. Ao Derek podia lhe sorrir, e assim o fez.

- Estou grávida.

Derek aproximou a outra cadeira que havia no minúsculo escritório e acomodou nela seu corpo musculoso.

- E isso é mau?

- Me parece maravilhoso - respondeu Sarah com voz trêmula. - O problema é que Rome não o quer. Esteve casado antes e tinha dois meninos preciosos. Morreram em um acidente de carro faz quase três anos, e não suporta estar com crianças depois disso. Resulta-lhe muito doloroso.

Os formosos olhos de Derek apareciam serenos, e imensa-mente bondosos.

- Não atire a toalha. Não saberá o que sente de verdade até que não veja o bebê. Os bebês são muito especiais, sabe?

- Sim, eu sei. Você também - disse Sarah.

Derek lhe dedicou seu formoso e plácido sorriso e saiu do escritório para fazer suas tarefas.

Passou outra noite sem que Rome desse sinais de vida, mas Sarah conseguiu dormir, exausta pela falta de sono do dia anterior e as necessidades de seu corpo durante a gravidez. Com ânimo fatalista,

compreendeu que não podia fazer nada, que os dois estavam condicionados pela classe de pessoas que eram e as circunstâncias de suas vidas. Ela tinha sonhado toda sua vida tendo um lar seguro, um marido e uns filhos a quem amar, e se negava a desistir. Havendo vida, havia esperança... Devia tentá-lo.

Ao dia seguinte pela tarde, enquanto retornava a casa, deu-se conta de que tinha chegado a primavera. O ar era fresco, mas não frio, e as árvores estavam jogando brotos tenros. Fazia meses, a últimos de agosto, ficou-se sentada em seu escritório contemplando o passo das estações como se fosse o passo de sua vida, que se murchava e perecia com o outono e o inverno, sem um futuro nem esperança de amor, com só um caminho solitário ante ela. Tinha aprendido que depois do inverno chegava a primavera. O inverno tinha contribuído o amor a sua existência e, com a primavera, tinha surto uma nova vida, dentro dela assim como na natureza. Sentiu-se mais em paz; a sensação de continuidade da vida mesma a serenou. Viu o carro do Rome no estacionamento. Com pernas trêmulas, subiu ao piso. Teria retornado para ficar ou estaria fazendo as malas? Consciente de que os minutos seguintes eram cruciais para sua felicidade, abriu a porta.

Um delicioso aroma picante a recebeu.

Rome apareceu na soleira da cozinha. Parecia muito mais magro, embora só fazia dois dias que não o via, e havia rugas de cansaço em seu rosto. Mas estava barbeado e ainda levava a calça de um de seus trajes, além de uma camisa azul clara, por isso deduziu que tinha ido ao escritório, como de costume.

- Espaguete - disse em voz baixa, assinalando a cozinha com um gesto. - Se não pode comê-los, atirarei-os ao lixo e iremos jantar a alguma parte.

- Posso comê-los - disse Sarah, em voz tão baixa como a do Rome. - Ainda não tenho náuseas.

Rome assentiu; depois, apoiou o ombro no marco da porta como se estivesse muito cansado.

- Não quero te deixar, neném. Quero estar contigo, dormir contigo e contemplar seu formoso rosto durante o café da manhã. Mas não quero saber nada do bebê - disse com determinação. - Não me fale dele, não me implique na gravidez. Não quero ter nada que ver.

- Está bem - aceitou Sarah, muito emocionada para dizer nada mais. E se dirigiu a seu dormitório para trocar-se de roupa, deixando-o reclinado sobre o marco da porta.

O jantar transcorreu em tenso silêncio. Sarah não lhe perguntou onde tinha estado, nem por que tinha tomado a decisão que tinha tomado, e ele tampouco lhe deu nenhuma explicação. Havia dito que queria dormir com ela, mas quando chegou a hora de deitar-se, Sarah compreendeu que devia haver-se referido à acepção mais crua da palavra, porque se retirou a seu dormitório pela primeira vez em muito tempo. Tentou pensar em quão duro tinha sido para ele, em lugar de sentir-se decepcionada, mas sentia a falta dele. Sem ele, sentia-se perdida; a cama era muito grande e fria. Para cúmulo, a gravidez estava intensificando suas ânsias físicas, como tinha lido em um dos folhetos que lhe tinha dado a doutora Easterwood. Queria ao Rome como amante, não só como companheiro de cama.

Dois dias depois, Max foi vê-la na loja.

- Convido-te a almoçar - anunciou.

Sarah elevou a vista depressa, a tempo de ver a preocupação em seu olhar antes de que a camuflasse. Assentiu e disse a Erica que ia sair a almoçar.

Levou-a a um restaurante pequeno e tranqüilo; como era cedo, eram os únicos clientes, exceto um homem que estava sentado em um canto, absorto

na leitura. Quando a garçonete os deixou sozinhos, Max olhou ao Sarah com atenção.

- Está bem?

- Sim, claro - respondeu, perplexa.

- Queria comprová-lo por mim mesmo. Rome passou duas noites em meu apartamento, e era o mais parecido a um fantasma que nunca vi igual.

De modo que tinha estado na casa do Max.

Sarah lhe deu ao obrigado com aberta gratidão.

O meio sorriso do Max teria derretido as pedras.

- Minha querida menina, sabe que estriparia dragões por ti, se ficasse algum por estripar. Me diga o que posso fazer.

- Conhece toda a história?

Max assentiu.

- Como já te hei dito, Rome estava comovido. Tentei obrigá-lo a tomar chá, mas se negou, assim tentei com uísque. Não consegui embebedá-lo - refletiu em voz alta, - nem sequer com meu scotch favorito, mas deixou de parecer um zumbi e começou a falar. Ninguém me tinha falado de sua tragédia; quando me contou o que ocorreu a sua esposa e a seus dois filhos me fez quase intolerável, e não tenho fama de ser um sentimental - por uma vez, os olhos turquesa não brilhavam com picardia. - Isso foi tudo o que me disse a primeira noite. Trabalhou no dia seguinte, como se fosse um dia normal, embora ele não estava normal. Juro-o, era um perigo lhe dirigir a palavra. A noite seguinte me disse que estava grávida.

Sarah girou o copo de água entre as mãos; tinha o olhar triste.

- Disse-te...?

- Sim - Max cobriu a mão do Sarah com a sua. - Pensei que estava louco, ou que era um idiota, ou as duas coisas. Se estivesse grávida de meu filho, estaria transbordante de orgulho. Claro que não sofri o que ele sofreu.

- Diane era minha melhor amiga - sussurrou Sarah. - Conhecia seus filhos. Foi... Horrível.

- Contou-me seu ultimato. Céu, é a mulher mais valente que conheci. Jogaste-lhe isso tudo, não é verdade? E ganhaste.

- Ainda não ganhei, não de tudo. Tenho uma segunda oportunidade, nada mais.

- Disse-me que não queria ter nada que ver com o bebê, que não estava interessado nele. Se isso for verdade e alguma vez necessita algo, me chame. Será uma honra ser o padrinho de seu filho. Levarei-te ao hospital, sustentarei-te a mão durante o parto, o que queira. Dá-te conta - disse com voz pensativa- do que acabo de te prometer? Rome não é o único idiota. Claro que sempre posso me consolar pensando que Rome é muito possessivo para permitir que outro homem se aproxime tanto a sua mulher.

Sarah se pôs-se a rir, comovida por sua preocupação.

- Pobrezinho. Estava-o fazendo muito bem até que pensou no parto, não é verdade?

Max sorriu de orelha a orelha.

- Sou muito galante, sempre que meu estômago me permita isso.

Serviram-lhes o almoço, e Sarah comeu o seu com apetite, mais faminta que em outros dias. Max fez um gesto com o garfo.

- Agora entendo por que Rome estava decidido a ter direitos exclusivos sobre ti. Depois do trauma vivido, devia estar deses-perado por estar seguro de ti, por recuperar um pouco de estabi-lidade em sua vida. Não sabia que o amava, não é verdade?

- Não, naquela época, não. Agora, sim.

- Ele também te ama. Sei que não estava apaixonado quando se casaram, mas não é tolo, em seguida reconheceu o tesouro que tinha. Segue sendo um bárbaro, é obvio, mas é endiabradamente preparado, e a inépcia é

quão único que eu não posso suportar. Às vezes, irrita-me me dar conta do bem que me cai.

Max era um céu; estava utilizando seu engenho espontâneo e cáustico para animá-la e tranquilizá-la ao mesmo tempo. E era sincero quando dizia que queria ajudá-la. Sarah se sentia afortunada por estar rodeada de amigos que se preocupavam tanto por ela como pelo Rome.

Possivelmente Rome se sentisse entre a espada e a cruz, mas o certo era que as pessoas se preocupavam com ele e faria algo por ajudá-lo. Max tinha querido que Sarah soubesse que Rome tinha passado as duas noites com ele tanto para ajudar a seu amigo como para tranquilizar a ela. Não queria que o matrimônio do Rome se cambaleasse por culpa de uma conclusão errônea.

- É um homem maravilhoso - disse Sarah, e brincou. - O que precisa é de uma maravilhosa mulher texana que te faça esquecer seu esgarço britânico.

Max lhe dirigiu um olhar longo e zombador.

- Céu, meu esgarço britânico a leva o vento em mais de uma ocasião e, para sua informação, conheci a uma maravilhosa mulher texana. Levá-la para casa para que conhecesse minha família, mas primeiro devo amansá-la. Ou domá-la, como dizem os texanos.

A perspectiva de ver o sofisticado Max com uma temperamental texana resultava fascinante.

Sarah se inclinou para frente, com uma multidão de perguntas nos lábios, mas ele arqueou uma sobrancelha.

- Não, não conseguirá me tirar da língua - disse com suavidade. - Vais tomar algo mais?

Rome foi a sua cama aquela noite e lhe fez o amor com muita suavidade. Sarah se agarrou a ele, respondendo com ansiedade. Depois, quando Rome se dispunha a partir, pôs-lhe a mão no braço.

- Por favor, ainda não. Fica comigo um pouco mais.

Vacilou, mas voltou a tomar-se e a atraiu a seus braços.

- Não quero te machucar - disse na escuridão, com uma voz como veludo áspero. - Desejo-te; muito. Se ficar, voltaremos a fazer amor.

Rome começava a ver de outra maneira, pensou Sarah. Ao princípio de seu matrimônio, sempre tinha evitado a expressão "fazer amor". Lhe esfregou os cachos de pêlo de seu peito com a bochecha; depois, com ternura, mordiscou-lhe um mamilo.

- Isso espero - disse, com um sorriso na voz. -.Eu gostaria do que voltasse a dormir comigo, sempre que se sinta cômodo.

Rome enredou os dedos nos cabelos do Sarah e lhe inclinou a cabeça para trás.

- Cômodo? Assim é como me sinto contigo - tomou a mão do Sarah e a guiou para seu sexo. Estava ansioso, como se não tivessem acabado de fazer amor. - Não é muito cômodo, mas esse é o efeito que produz em mim. Se fisicamente não estiver em condições para passar a noite como eu gostaria, será melhor que me vá.

- Estou - sussurrou, e começou a mover-se sobre ele. - Estou em perfeitas condições.

Tomou cuidado com ela, contendo seu vigor e não lhe deixando que fizesse grande coisa. Sarah sabia que só se preocupava com ela, não pelo bebê, mas mesmo assim, estava comovida. Na escuridão, Rome lhe disse que a amava e, quando por fim ficaram adormecidos, manteve-a pega a seu peito. A gravidez a obrigou a levantar-se em várias ocasiões durante a noite, e sempre que voltava para a cama, encontrava-o acordado. Sem dizer uma palavra, voltava a abraçá-la.

Quando foi a sua entrevista quinzenal com a doutora Easterwood, a ginecologista lhe fez um exame completo e, depois, deu-lhe o visto bom.

- Perfeito - declarou. - Alguma náusea matutina?

- Nada.
- Bem. Sigamos assim.
- Por que quer ver-me a cada duas semanas?
- Por sua idade, e porque é seu primeiro filho. Sei que só me estou curando em saúde, mas quero trazer para esse bebê venha ao mundo em novembro. Tome as vitaminas e faça um descanso de trinta minutos com os pés em alto cada duas horas. E não há desculpa que valha.

Tomar-se meia hora de descanso na loja era um tanto duvidoso, até que os clientes averiguaram que estava grávida. Contou a Erica o que a doutora Easterwood lhe havia dito e, muito em breve, às onze em ponto da manhã, Erica ou alguma cliente lhe dizia:

- É a hora de seu descanso.

O bebê começava a ser um projeto da comunidade. Marcie passava para vê-la uma vez ao dia, Max se apresentava sem avisar, Erica e suas clientes lhe recordavam seus descansos e Derek fiscalizava toda a operação. Se levantava algum peso, Derek acabava inteirando-se, e sua leve reprovação tinha o poder de fazê-la sentir como se um raio pudesse fulminá-la em qualquer momento.

Estava no quarto mês, quando Rome retornou a casa mais cedo que o habitual. Era quarta-feira pela tarde, e a loja estava fechada. Sarah estava trocando os papéis das prateleiras e estava de quatro patas, com o torso inteiro metido dentro do armário. Rome a olhou, inclinou-se para segurá-la pela cintura e a tirou com firmeza.

- Vou procurar a alguém para que faça as tarefas da casa - disse com calma. - Amanhã.

A idéia lhe fez graça.

- Milhões de mulheres em todo mundo fazem as tarefas da casa até o dia mesmo que dão a luz.

- Você não é milhões de mulheres -disse Rome. - Se não viajasse tanto, seria diferente. Posso te ajudar quando estou em casa, mas quando estou fora, quero saber que não está te encarrapitando a nenhum armário, nem colocando a cabeça entre as estrofia.

Tinha-o feito antes, quando não estava grávida, mas não o disse. Que se preocupasse com ela por causa da gravidez era muito bom sinal. Não se devia a que tivesse perdido fluidez de seus movimentos, porque embora já estava de quatro meses, só tinha ganho um quilo de peso e seguia usando a mesma roupa de sempre. A única indicação visível de que estava grávida era que tinha os seios cheios e mais sensíveis, o qual parecia fascinar ao Rome. Inclinou-se e a beijou.

- Prometa-me isso, disse-lhe, e ela o prometeu.

Rome estava mais calado que de costume, ao mesmo tempo mais unido e mais distante. Sarah era incapaz de adivinhar seus pensamentos, mas sempre que se ia de viagem, chamava com mais frequência que o habitual. Quando estava em casa e tinha um jantar de negócios, procurava encarregar-se de que aparecessem as esposas, para que Sarah não tivesse que passar a noite sozinha. Sempre lhe punha a mão no oco das costas quando caminhavam, e lhe oferecia a mão quando ela entrava ou saía do carro. Mas nunca fazia nenhuma pergunta sobre o bebê, ou sobre sua última revisão, nem sequer sobre a data prevista para o parto embora, se sabia contar, já devia havê-lo calculado.

Sarah sabia que não poderia desfrutar escolhendo nomes com ele, nem especular sobre se seria menino ou menina. Por outro lado, muitos pais não demonstravam sentir nenhum interesse, ou muito pouco, em seu filho e logo se vinham abaixo quando começava o parto. Sarah ainda albergava esperanças. Devia fazê-lo, embora sabia que o futuro não era prometedo; sobre tudo, quando tivesse que explicar a seu pequeno que não terei que incomodar ao papai... Nunca.

Mas tinha que preparar-se para seu bebê, com ou sem o Rome, assim começou a acondicionar o terceiro quarto para seu filho. Para fazer oco para a parafernália infantil, pediu ao Derek que a ajudasse a mover vários móveis e os vendeu na loja. Marcie a levou às compras, evocando suas experiências meio esquecidas de grávida para ajudar a Sarah a escolher o que necessitaria. Comprou uma cama de bebê com um alegre chocalho incorporado, preparado para fascinar ao pequeno que ocuparia a cama. O berço e a cadeira de balanço chegaram depois. Um ursinho apareceu uma tarde no assento de passageiro de seu carro, mas quando Sarah procurou o Derek com o olhar, já tinha desaparecido. O ursinho em seguida ocupou a cadeira de balanço e recebeu o nome de Bubú.

Uma noite, tratando de encontrar uns documentos que havia perdido, Rome abriu a porta do terceiro dormitório e acendeu a luz. Ficou imóvel durante um momento; depois, apagou rapidamente a luz, retrocedeu e fechou a porta ao sair. Ficou-se branco como a parede. Não voltou a abrir essa porta.

Sarah pediu ao Marcie que a acompanhasse às aulas de parto natural, que fosse sua treinadora e companheira. Marcie inspirou com brutalidade.

- Está segura? - perguntou, agradada, mas nervosa ao mesmo tempo. - A verdade é que não sei nada sobre partos. Tive ao Derek, sim, mas ele já o tinha tudo previsto - ruborizou-se como uma adolescente. - Parece absurdo, mas te asseguro que foi assim. Rompi águas às oito da manhã, justo quando o médico estava fazendo a ronda no hospital. Derek sempre foi muito considerado. Nasceu às nove e meia, sem nenhuma complicação e com muito pouco esforço por minha parte, só uns quantos empurrões. Chorou ele sozinho, antes de que o médico pudesse obrigá-lo; depois, começou a lamber o punho e ficou dormindo. Assim de fácil.

Olharam-se; Marcie pôs os olhos em branco e, de repente, puseram-se a rir.

Sarah fazia todos os exercícios que a doutora Easterwood lhe tinha recomendado para fortalecer os abdominais e os dorsais, e tomava as vitaminas todos os dias. Aos cinco meses de gravidez, a doutora realizou uma teste relativamente simples (extraíndo uma pequena quantidade de líquido amniótico da matriz de Sarah). O bebê era completamente normal, e a doutora confessou então que essa tinha sido sua principal preocupação, mas tudo ia como a seda.

Pouco tempo depois, Rome a acomodou uma noite entre seus braços para dormir; Sarah tinha a cabeça sobre seu amplo ombro e o corpo enroscado junto ao dele. Acabavam de fazer amor e estava sonolenta, saciada. Naquele momento, o bebê deu uma patada, a primeira vez que se moveu com tanto vigor. Sarah havia sentido pequenos movimentos durante várias semanas, mas nunca uma patada com todas as da lei. O minúsculo pé golpeou seu abdômen ali onde estava em contato com o lado de Rome. Este ficou rígido e, depois, levantou-se correndo da cama, afogando uma maldição.

Acendeu a luz e Sarah o olhou fixamente, com lágrimas incontroladas brilhando em seus olhos.

Rome estava suando.

- Sinto muito - disse com voz rouca. Inclinou-se e a beijou, e lhe acariciou o cabelo. - Amo-te, mas não posso suportá-lo. Dormirei em minha habitação até que nasça o bebê.

Sarah tentou sorrir, apesar das lágrimas.

- Entendo-o. Eu também sinto muito.

Dois dias depois, Rome se foi de viagem. Seria uma ausência prolongada. Sarah suspeitava que ele se ofereceu voluntário e, até sendo assim, tampouco podia culpá-lo. As coisas escapavam ao controle de Rome e, apesar de seus esforços por não prestar atenção, a gravidez cada vez se a fazia mais evidente. Sarah estava cada vez mais gorda. O bebê tinha

mudado seus hábitos noturnos e sua vida amorosa; não era de surpreender que Rome sentisse a necessidade de afastar-se.

Durante a ausência do Rome, Max a chamava todos os dias. Sarah nunca tinha recebido tantos cuidados, e tudo por uma gravidez perfeitamente normal. Derek a dirigia como um déspota benigno na loja e, como era verão e já não tinha aulas, não lhe tirava o olho de cima.

Sempre estava na loja antes que ela, e só se ia quando Sarah fechava. O único momento em que estava sozinha era pelas noites, quando retornava a seu impoluto apartamento. Rome tinha contra-tado por fim a uma criada, uma mulher agradável de meia idade a que não lhe importava receber um bom salário por limpar um apartamento que, de todas as formas, quase nunca estava desordenado. A senhora Melton reconhecia um bom trato quando o via e o apartamento sempre estava reluzente, o encontrava sempre limpo. Desde não ser pelo desejo e a distração que lhe proporcionava a loja, Sarah se teria subido pelas paredes.

Rome esteve ausente durante três semanas, as três semanas mais largas da vida de Sarah, mas todo mundo fez um esforço hercúleo por animá-la. Nem todos estavam plenamente à corrente das circunstâncias, só Marcie, Derek e Max, mas seus clientes também a enchiam de cuidados. Se Rome tivesse esperado aquele filho com só um pinga da ilusão que mostravam seus conhecidos, teria estado transbordante de júbilo.

Chamou-a à loja um dia para lhe dizer rapidamente que estava em uma reunião mas que chegaria a casa no dia seguinte. Sarah desligou e pôs-se a chorar.

Derek a rodeou com os braços e a conduziu ao escritório. Uma vez fechada a porta, Sarah chorou sobre seu ombro forte e jovem, enquanto ele a balançava com suavidade. Depois, Derek lhe secou as lágrimas e a sentou em sua cadeira; aproximou a outra e se acomodou frente a ela.

- Era Rome?

- Sim. Voltará amanhã - sorveu-se as lágrimas. - Alegrei-me tanto para ouvir sua voz e saber que voltava que pus-me a chorar.

Derek sorriu e lhe deu um tapinha no joelho. - Ontem, recebi a confirmação definitiva de minha bolsa - disse, para distraí-la. - Rome e o senhor Conroy se molharam por mim, não é verdade? E tudo graças a ti.

- Me alegro muito. Merece o melhor.

Derek a estava olhando com gravidade.

- Estive lendo sobre gravidez e partos, no caso de que ocorresse algo e me necessitasse antes de poder chegar ao hospital. Acredito que poderia trazer um bebê ao mundo.

Ao Sarah não cabia nenhuma dúvida de que, se Derek tinha estado lendo sobre algo, podia fazê-lo. Algumas pessoas pensariam que tinha trocado de tema, mas conhecendo o Derek, Sarah se limitou a esperar a que relacionasse o parto com sua bolsa.

- Decidi que vou ser médico - disse, com muito orgulho. - Especialista em ginecologia e obstetrícia. Ver como cresce, com o bebê dentro de ti, é o mais incrível que vi nunca. Quero ajudar a muitos bebês a vir ao mundo.

- Não me ocorre um começo melhor para um bebê - disse Sarah, a beira das lágrimas. Nenhum homem poderia ser melhor médico que Derek Taliferro.

- Amo-te, sabe? - os serenos olhos castanhos e dourados do Derek contemplaram o rosto do Sarah. - Deste-me uma oportunidade que não teria tido de outro modo, e também ajudaste a mamãe. Não refiro a um amor de um homem para uma mulher, porque ainda não estou preparado para isso, mas mesmo assim, é amor.

Inclinou-se para frente e lhe pôs a mão em seu ventre, uma carícia amorosa. - Mas se este bebê resulta ser menina, pode ser que a espere. Tua filha tem que ser uma pessoinha muito especial.

Um sorriso tenro se desenhou nos lábios de Sarah, que retirou um cacho negro da testa de Derek.

- Não poderia ter a um homem melhor esperando-a - sussurrou, e lhe deu um beijo na bochecha.

Ao dia seguinte retornou para casa cedo, deixando a Erica e ao Derek que fechassem a loja porque queria ver o Rome. Sentindo que lhe saltariam as lágrimas se não estava em casa, esteve a ponto de chorar de todas formas quando viu seu carro. Correu para o portal e subiu feita um molho de nervos no elevador.

- Rome! - chamou-o assim que colocou a chave na fechadura e abriu a porta. - Rome!

Onde está?

- Aqui - respondeu de seu dormitório.

Correu para o dormitório, com o coração lhe palpitando com força. Rome estava saindo do banheiro justo quando ela transpassou a soleira. Estava esbelto e imponente com o cabelo úmido e uma toalha branca ao redor do pescoço. Sarah tomou ar e se equilibrou para ele, mas se cambaleou a meio caminho. Lançou-lhe um olhar de impotência e confusão e, pela primeira vez não só durante a gravidez, a não ser em sua vida, desmaiou.

Rome proferiu um grito de alarme e se equilibrou para ela, mas não chegou a tempo. Amaldiçoando entre dentes, levantou-a nos braços e a deixou com cuidado sobre a cama; ver seu corpo inerte lhe produzia um suor frio. Umedeceu um pano com água fria e lhe lavou a cara e as mãos; depois, colocou-o sobre sua testa. Sarah piscou e o olhou com expressão confusa.

- Desmaiei - disse com absoluta perplexidade.

Rome não conseguia recordar o nome de sua doutora.

- Como se chama sua ginecologista? - perguntou com fero-cidade, abatendo-se sobre ela.

- Easterwood. Mas por que...?

Rome tomou a agenda da mesinha e procurou a letra e; depois, começou a deslizar o dedo pela coluna de nomes.

- Rome - começou a dizer Sarah com paciência, enquanto tentava incorporar-se. - Não me passa nada mau. Desmaiei, nada mais.

Rome lhe pôs a mão no peito e a obrigou a permanecer deitada.

- Não volte a te levantar - acautelou-a com rotundidade, e marcou o número de telefone.

- Não está no consultório, saltará a secretária eletrônica.

- Com a doutora Easterwood, por favor - disse Rome ao telefone, com toda a autoridade de um primeiro vice-presidente. - Sou Rome Matthews, o marido de Sarah Matthews.

Contra todas as leis da natureza e as que regem as consultas dos médicos, a doutora Easterwood ficou ao telefone. Sarah permaneceu deitada enquanto contemplava Rome com expressão furiosa, perguntando-se se era possível que Derek e ele fossem aparentados. Era insofrível.

Contou em poucas palavras à doutora o ocorrido; depois, a doutora Easterwood lhe fez algumas perguntas e Rome lançou ao Sarah um olhar lúgubre.

- Sim, fez um movimento brusco. Estava correndo.

Escutou durante uns momentos mais e depois, sua expressão se tomou ainda mais lúgubre.

- Entendo. Que perigo há se o bebê é prematuro e entra na vagina antes de que possam lhe realizar a cesárea?

Sarah gemeu ruidosamente, a ponto de perder a paciência. Tudo indicava que teria um parto normal, porque o bebê não parecia muito grande, mas Rome não o teria em conta. Estava-lhe lançando uns olhares que poderiam chamuscar a erva.

Rome desligou e se voltou para ela.

- Corre certo perigo por ser prematuro a sua idade - disse, a ponto de estourar. - O risco é ainda maior porque tem a pélvis estreita. E estava correndo, maldita seja! - seu rosto se distorceu, e fechou o punho. - Não quero ter o bebê, e menos ainda se sua vida correr algum risco. Por que não me disse isso? Como acha que me sentiria se te passasse algo por culpa de um bebê que eu hei...? - interrompeu-se; respirava com dificuldade enquanto tentava recu-perar o controle.

Sarah se incorporou e o abraçou, em um intento de consolá-lo.

- Rome, querido, estou bem. De verdade. E não se preocupe, porque a única possibilidade de que necessite uma cesárea é que o bebê seja grande e, no momento, não o é.

Rome moveu a cabeça e a estreitou entre seus braços.

- Não recorda quão grandes eram Justin e Shane? Os dois pesaram mais de três quilos e meio! Pensar que pode levar um bebê tão grande dá... Dá-me medo.

- Não se preocupe antes de tempo, por favor. Não tive nenhuma complicação; nem náuseas, nem inchaço nos pés, nem dor de costas. Estou estupendamente!

Rome lhe inclinou a cabeça para trás e estudou seu rosto com avidez; viu amor e preocupação por ele, e não por si mesmo. Beijou-a e, depois, apertou-a contra seu peito.

- Amo-te - disse com voz trêmula. - Não deixe que o milagre se estrague agora.

- Não penso ir a nenhuma parte - tranqüilizou-o. - Esperei-te durante muito tempo, anos e anos - disse com suavidade. - Por isso nunca me casei, por isso todos pensavam que estava tão entregue a meu trabalho. Não estava interessada em nenhum homem que não fosse você.

Rome lhe esfregou a têmpora com o queixo e fechou os olhos.

- Amo-te tanto que me dá medo - disse por fim, quase em um sussurro. - Amava a Diane, mas a dor de sua morte desapareceu graças a ti. É como se Diane me tivesse preparado para ti, tivesse-me dado a base para poder te alcançar. Sempre soube que estava aí, e acredito que sempre soube que algum dia, quando soubesse amar de verdade, teria-te. Se me esquece dizer isso algumas vezes, recorde-me isso porque não quero que esqueça nunca o que sinto por ti. Não quero o bebê, mas isso não muda o que sinto por ti e quero que o deixe sempre presente. Algo em mim se derrubou quando os meninos morreram, e acredito que nunca me recuperarei. Outro bebê não poderá substituí-los.

Não, nada poderia substituir aos pequenos aos que tinha amado, e ainda não se dava conta de que aquele novo ser não era um substituto, a não ser uma pessoa diferente, com sua própria personalidade. Esse era o outro milagre que ela pedia, que chegasse o dia em que Rome olhasse a seu filho e sentisse que seu coração deixava de sangrar. Se esse dia não chegava nunca, seria o coração de Sarah o que se partiria em dois.

- Me dê as chaves de seu carro - disse Rome à manhã seguinte, quando se dispunha a ir ao escritório. Com o cenho franzido, Sarah tirou o chaveiro de sua bolsa e o deu. Ele extraiu suas chaves do bolso da calça e as pôs na mão. - Usa o Mercedes durante este tempo. É maior, mais cômodo e mais seguro. Além disso, é automático; não terá que andar trocando de marcha.

- Bom, se insiste... - tomou as chaves e arqueou uma elegante sobrancelha. - O que vai ser de sua imagem de alto executivo?

- Irá-se a rivalidade - disse Rome, e sorriu com ironia.

O Mercedes lhe parecia imenso, e Sarah conduzia com supremo cuidado por medo a arranhar a superfície intacta. Estava acostumada a estacionar seu pequeno e chamativo Datsun em ociosos ridículos entre dois carros, a penetrar por frestas do tráfico que pareciam limitadas às bicicletas, mas

com o carro de Rome, era impossível fazer tais manobras, e isso era precisamente o que ele queria.

Os dias de verão terminaram. Derek retornou ao colégio e o tempo parecia transcorrer mais devagar. Sarah acusava o peso do bebê, embora seguia desfrutando de boa saúde e a doutora Easterwood estava muito satisfeita com o desenvolvimento de sua gravidez. Não tinha ganho tanto peso, só quatro quilos, mas era incrível o muito que se notavam quando estavam concentrados em um só ponto. Quando a doutora Easterwood lhe disse que, certamente, ganharia outros quatro quilos antes de dar a luz, Sarah gemeu com incredulidade.

- Não poderei me levantar da cama! - protestou. - Se inclusive agora sair engatinhando! Tampouco poderei me atar os sapatos!

- Já ouvi esses lamentos muitas vezes - disse a doutora Easterwood, impertérrita. - Usa sapatos planos e sem cordões e pede ajuda a seu marido para te levantar da cama.

Dado que Rome dormia na outra habitação, nunca presenciava as resistências de Sarah para sair da cama, e ela tomava cuidado de sentar-se na borda da cadeira para poder levantar-se sem fazer o ridículo. Os banhos relaxantes de espuma eram uma mera lembrança do passado e as duchas estavam à ordem do dia. Para depilar-se ou pôr as meias devia fazer todo tipo de contorções. Sarah suspirou e contemplou o pequeno vulto tenso de seu estômago. Quatro quilos era algo impensável.

Esquecendo-se de sua promessa de não comentar nada ao Rome sobre o bebê, aquela noite gemeu:

- Pode acreditar? A doutora Easterwood disse que engordaria quatro quilos mais. Se já estiver enorme! Não poderei caminhar.

Rome a olhou, surpreso pela angústia sincera que impregnava sua voz. Estava de sete meses e Diane tinha tido o ventre igual de volumoso aos quatro. Mas Sarah era pequena e Rome compreendeu com perplexidade que ele tinha muita mais experiência que ela no relativo a gravidezes. Também conhecia os temores e os desconfortos de uma mulher à medida que se morava a iluminação e sua cintura não deixava de crescer. O que não devia fazer por nada do mundo era rir embora, quando contemplava seu pequeno tambor grande, entravam-lhe vontades de dar risadas e tanto que o bebê era pequeno! compreendeu com alívio.

Parecia tão desolada que lhe fez recordar os dias em que tinha tido a gripe e se zangou tanto por estar doente. Sarah não suportava não estar em plena forma, preparada a confrontar qualquer imprevisto. Necessitava consolo; necessitava dele, igual a quando tinha estado doente.

Sentou-a sobre seu colo e a beijou, com cuidado de não lhe roçar o ventre com o braço; para evitá-lo, pôs-lhe a mão nos joelhos.

- Está preciosa - disse, e assim era. Estava resplandecente, com o cabelo lustroso e a pele radiante. Voltou a beijá-la e elevou a mão automaticamente para seus seios cheios.

Sarah suspirou de prazer e entreabriu os lábios para receber o beijo. Incitado pela proximidade de seu corpo fragrante e por sua suavidade, Rome seguiu beijando-a enquanto lhe desabotoava o pescoço da blusa e procurava o cetim quente de sua pele. Tinha os seios cheios, preparados para satisfazer as necessidades de seu filho, e enchiam sua mão. Os mamilos se afiaram para procurar as carícias, e Sarah fechou os dedos entre as mechas do Rome enquanto o beijava com ardor.

- Se seguir assim, vou estourar - gemeu Rome, E cortou o beijo.

A doutora Easterwood não havia dito a Sarah ainda que tivesse que abster-se, mas não tentou persuadir ao Rome de que lhe fizesse amor. A decisão correspondia a ele; além disso, coibia-a pensar em o abraçar de forma íntima. Já não estava esbelta; sentiria-se incômoda e não o bastante atrativa para ele.

Rome lhe grampeou a blusa e Sarah soube que já tinha tomado uma decisão. Aceitou-a sem discutir e se levantou de seu colo.

- Perdoa por me haver posto tão queixosa - se desculpou e, de repente, deu-se conta de que tinha quebrado sua promessa de não fazer nenhuma referência ao bebê.

Rome lhe dirigiu um olhar inescrutável que a fez estremecer -se por dentro. Apesar das crescentes moléstias, já não voltou a lhe mencionar nenhum problema. Quando o bebê começou a dar patadas tão fortes que não conseguia dormir pelas noites, suportava-o em silêncio. Agüentava a dor em seus músculos sobrecarregados, o desconforto total; embora parecesse uma eternidade, sabia que, em questão de semanas, tudo teria acabado.

Em outubro, a doutora Easterwood lhe proibiu conduzir e lhe ordenou descansar mais. Não teve mais remédio que dizer ao Rome, já que era um impedimento insalvável para seguir trabalhando na loja. Assim, em lugar de receber as cuidados da Erica e Derek e do desfile constante de clientes, era a senhora Melton a que se preocupava, embora Marcie subia para vê-la várias vezes ao dia. Rome começou a passar todas as noites em casa, embora Sarah sabia que teria algum ou outro jantar para ir. Quando Sarah se interessou por suas responsabilidades, quão único disse Rome foi que Max o estava cobrindo.

Sarah se surpreendeu sentindo-se muito entorpecida para ter saudades da agitação da loja.

Lia muito e tratou de escolher nomes de meninos, mas era incapaz de concentrar-se. Jogava-se a sesta todas as tardes porque, aparentemente, era nessas horas quando dormia o bebê. Ao pôr do sol, fazia exercícios de preparação ao parto.

Pelas noites, enquanto jazia acordada na cama com seu filho ainda não nascido como única companhia, Sarah se atormentava perguntando-se se teria tomado a decisão correta. A só idéia de não ter o bebê lhe resultava intolerável; era o filho de Rome, concebido em um ato de amor, e inclusive antes de seu nascimento o amava com uma profunda devoção que a assombrava, porque não tinha imaginado que sentiria uma possessividade física tão intensa. O pequeno também era parte dela, uma prolongação de si mesmo. Como tal, sentia em sua própria carne o rechaço de Rome para ele.

Mas a decisão que tinha tomado, embora fosse a única pos-sível, poderia destroçar a vida de seu filho. Sarah sabia que não podia tomar à ligeira aversão que Rome sentia para ele, porque arrancava dos dias mais negros de sua vida.

Ainda podia perceber sua angústia, o desespero profundo e absoluto e, apesar do tempo transcorrido, chorava por ele ao recordar o vazio de seu olhar. Sarah o tinha encurralado, tinha-o obrigado a escolher entre a presença física de um filho que ele não desejava e a perda do quente amor de sua esposa, que a ele ainda lhe parecia novo e frágil. Depois da tragédia, Rome não albergou nenhuma esperança de encontrar outra vez o amor e, quando amava, o sentimento o assombrava e assustava ao mesmo tempo. Mas ao final tinha escolhido a Sarah, apesar do alto custo emocional que suporia para ele.

A adoção era uma alternativa que seguia afluindo na mente do Sarah, embora todo seu ser se rebelava contra isso. Não havia uma solução fácil; fizesse o que fizesse, alguém sofreria.

Se renunciava a seu filho, a perda a atormentaria durante o resto de sua vida. Se o amor que Rome sentia por ela parecia sob o peso de uma carga que a ele se fazia insuportável, geraria ela rancor para seu próprio filho? Desde que tomasse a decisão de conservar ao bebê, Sarah não se concedeu tempo para pensar nas conseqüências. Tinha atacado os dias de um em um, sem planejar nada a longo prazo e sem prestar atenção aos problemas que a aguardavam, porque não se sentia com forças para

confrontá-los. Do único que tinha sido capaz era de viver o presente, com a mente e o corpo absorvidos no desenvolvimento da vida que crescia em seu interior. A loja e a companhia constante de outras pessoas a tinham mantido ocupada e distraída; mas, de repente, passava muitas horas sozinhas, sem nada que fazer a não ser pensar, e tinha medo.

Se perdia ao Rome, o que seria dela? Tinha pedido um milagre ao casar-se com ele e o tinham concedido. Se a abandonava depois de tanta felicidade, viria-se abaixo. E, mesmo assim, arriscou-se a pôr em jogo seu casamento. Rome estava mais distante que nunca e, cada dia que passava, afastava-se mais. Era amável, e se mostrava servil e preocupado por sua saúde, mas o bebê impossibilitava a intimidade real com ele e Sarah começava a temer que se convertessem em dois estranhos educados.

O Rome que ela tinha conhecido era um homem impaciente e dinâmico que impulsionava às pessoas e às coisas. Tinha superado um horror imenso que teria feito sucumbir a muitos outros homens. Esse Rome não era o homem controlado e educado que retornava a casa depois do escritório todas as tardes, perguntava-lhe se se encontrava bem e não lhe prestava atenção durante o resto da noite. E se seu distanciamento nascia da indiferença e nem sequer se aproximaria dela quando a gravidez deixasse de ser uma barreira? E se só estava fazendo o honrável lhe dando seu sobrenome até que o menino nascesse?

Sarah deu obrigado porque a primeira aula de parto natural a que Marcie e ela assistiram tivesse lugar uma noite em que Rome estava de viagem, para assim não ter que lhe explicar aonde tinha ido. Sarah tinha adiado as aulas com a absurda esperança de que Rome se decidisse a assistir com ela, mas o tempo a tinha obrigado a tomar uma decisão: o bebê não esperaria. Sentia-se violenta e coibida por ter que assistir às aulas quando estava tão perto de dar a luz, e, era intensamente consciente da ausência do Rome. Marcie era um céu, mas as demais mulheres da classe foram acompanhadas de seus maridos, e Sarah tinha surpreendido vários olhares de lástima dirigidas a ela.

A aula a fazia sentir-se melhor em um sentido: estava próxima a dar a luz, mas havia mulheres, com os ventres tão avultados que o pequeno tambor grande do Sarah nem sequer parecia respeitável.

Deu um tapinha a seu bebê com afeto, pensando que gostava tal como era.

Rome retornou logo a casa ao dia seguinte; entrou no salão, onde Sarah estava com os pés levantados, apoiados na mesa de centro, enquanto perseverava em completar todos os palavras cruzadas de uma revista de passatempos. Deixou a maleta no chão com movimentos medidos e disse:

- Chamei-te ontem à noite, mas não estava. Aonde foi?

Surpreendida, Sarah o olhou nos olhos; mas em seguida baixou a vista. Tinha estado desejando que não se mostrasse tão distante, mas tinha esquecido quão desconcertante Rome podia resultar quando brocava a alguém com aqueles chamejantes olhos escuros. Não estava distante naqueles momentos, a não ser furioso.

Tirou-se a jaqueta do traje e a deixou cair sobre o respaldo do sofá; sentou-se diante dela e afundou os dedos nos cachos escuros alvoroçados pelo vento.

- Estou esperando - disse em voz baixa.

Sarah fechou a revista e a deixou a um lado.

- Sinto não havê-lo mencionado antes, mas não sabia como lhe dizer isso reconheceu. - Marcie me levou às aulas de parto natural que repartem agora os hospitais; vai ser minha treinadora. Ontem à noite foi a primeira aula.

Rome apertou os lábios, e ela avistou de novo o brilho de algo profundo em seus olhos, a mesma emoção inescrutável que tinha vislumbrado em várias ocasiões.

- Suponho que tenho sorte de que não o tenha pedido ao Max.

- Rome! - atônita e um pouco doída, Sarah o olhou fixamente. Rome fez um gesto brusco com a mão.

- Sinto muito, não queria dizer isso. Maldita seja! - amaldiçoou em voz baixa, e se esfregou os músculos duros da nuca. - Que vontades tenho de que isto se acabe.

- Só faltam umas semanas - sussurrou Sarah, contemplando-o com o coração no olhar. - E depois o que acontece?

Rome suspirou profundamente; seu poderoso peito esticou o tecido de sua camisa. Tinha rugas sombrias em seu rosto, em torno dos lábios.

- Recuperarei a minha esposa - disse com crueldade.

- Sei que está sendo muito difícil para ti...

- Não, não sabe. Não tem nem idéia - sua voz se endureceu. - Deixou-o muito claro quando me deu o ultimato: ou o agüenta ou vai. Quer a esse bebê mais que a mim. Pensei muito, me esquentei os miolos, e estive a ponto de ir, mas repensei e decidi me conformar com o que me desse. Pode ser que agora tenha me relegado a um segundo lugar, mas não por muito tempo. Quando o bebê deixe de interpor-se entre nós, quando puder voltar a te tocar, será minha esposa antes que nada. Se acha que não poderá: me dar isso, diga-me isso já.

Sarah estava imóvel, um pouco pálida, mas sustentou seu olhar com firmeza.

- Ser sua esposa é o que sempre quis ser.

- Não quero que o bebê interfira em nossa vida. Cuida-o, sim, mas quando retornar a casa pelas tardes, seu tempo será meu. Quero toda sua atenção, sem que te sobressalte ou saia correndo cada vez que gema.

- Nem sequer quando estiver doente ou ferido?

Acaso Rome não se dava conta do que dizia? De verdade esperava que não prestasse atenção a seu filho?

Rome fez uma careta, como se tivesse se dado conta de repente do que estava pedindo.

- Não, claro que não - angustiado, olhou-a. - Não sei se poderei suportá-lo. Quero a ti, só a ti, igual a antes. Sem intrusões de ninguém.

- Arrumaremos isso - disse Sarah com suavidade, ansiando rodeá-lo com os braços para envolvê-lo com seu amor, mas sabia que ele retrocederia com desagrado ao sentir a pressão do ventre. Rome deve ter lido parte de seus pensamentos, porque ficou em pé e se inclinou para ela. Pela primeira vez em várias semanas, beijou-a, não um mero roçar de lábios na testa ou na bochecha, a não ser um beijo íntimo e profundo. Sarah o recebeu com acanhamento, quase com temor a responder, mas Rome lhe levantou o queixo e a beijou outra vez, exigindo e recebendo a paixão que ela sabia dar.

- Quanto tempo falta? - murmurou, quando levantou a cabeça.

- Umas três semanas até que dê a luz e logo... seis semanas mais.

Rome suspirou.

- Serão as nove semanas mais longas de minha vida.

Aos poucos dias, surgiu outra viagem imprevisto.

Rome tinha estado reduzindo suas saídas, pedindo ao Max que fosse em seu lugar, mas Max já estava na Costa Oeste quando estourou o caos em Los Angeles. Como um general dirigindo a suas tropas, Anson Edwards enviou ao Rome a Califórnia.

Quando o disse a Sarah, viu a decepção em seu rosto.

- Não será uma viagem muito longa - tentou consolá-la. - Três dias no máximo. O bebê não virá até dentro de duas semanas, E te chamarei todas as noites.

- Não estou preocupada com o bebê - disse Sarah com sinceridade. - É que vou sentir sua falta!

- Não demorarei. Apertarei a todo mundo para esclarecer esta confusão o mais rápido possível - disse em tom lúgubre, e a assombrou levantando-a nos braços, a primeira vez que o tinha feito em vários meses. Fazendo caso omissivo de seu volumoso ventre, beijou-a com crescente desejo, e sua mão se apressou a lhe acariciar os seios. - Não sabia - disse com perplexidade, e levantou a cabeça para contemplar as generosas curvas que enchiam sua mão. - Não me tinha dado conta do muito que crescestes.

Um quente rubor cobriu as bochechas de Sarah enquanto se reclinava sobre ele. Rome riu e a voltou a beijar, sem deixar de acariciá-la.

- Voltarei em um abrir e fechar de olhos - prometeu-lhe.

A meia-noite, Sarah despertou com dor nos rins, mas terminou por desaparecer e suspirou com alívio. O bebê estava quieto, para variar, e a tinha deixado dormir profundamente.

Não queria dar a luz na ausência de Rome; embora não estivesse nas aulas com ela, nem ajudando-a durante o parto, queria saber que estava perto. À medida que se aproximava o dia, começava a preocupar-se com o trauma do nascimento; teria se obstinado a ele como uma menina assustada se as circunstâncias não tivessem aberto um abismo entre eles.

Ao dia seguinte pela tarde, a dor reapareceu e se estendeu ao ventre. Não era dor, exatamente, a não ser uma opressão molesta, mas soube.

Alertou a Marcie e telefonou à doutora Easterwood, que lhe deu instruções de ingressar no hospital, em lugar de esperar a que as contrações aumentassem de frequência. A seguinte chamada que fez Sarah foi ao hotel de Rome em Los Angeles; não estava em sua habitação, mas tampouco tinha esperado encontrá-lo ali a essas horas.

Deixou a mensagem de que estava com as dores do parto e o nome do hospital em que estaria.

Quando desligou, uma lágrima escorregou por sua bochecha. Quanto desejava que Rome estivesse com ela! Mas a secou e se levou a mão ao ventre.

- Lá vamos nós - disse a seu pequeno.

Marcie subiu para recolher a mala e a senhora Melton deu um abraço em Sarah; depois, as duas amigas se dirigiram ao hospital. Sarah ingressou e foi examinada; estava nas preliminares do parto e tudo parecia normal. O único que se podia fazer era esperar.

Rome estava no escritório que tinha requisitado ao gerente de distrito da Costa Oeste, com um desdobramento de cifras e estatísticas na mesa, mas não conseguia concentrar-se no trabalho. Tamborilou com a caneta sobre a mesa desejando poder estar em casa com Sarah, em lugar de ter que esclarecer pacientemente um embrulho que nem sequer deveria haver-se produzido.

Sarah ultimamente, monopolizava seus pensamentos mais que nunca, e tinha dedicado muito tempo ao longo dos anos a pensar nela.

Estava empenhada em ter o bebê e tinha feito ornamento de uma obstinação que contradizia seu aspecto delicado e elegante. Sarah nunca lhe tinha parecido uma mulher muito maternal, embora Justin e Shane tinham adorado a sua "tia" Sarah.

Fez uma careta ao recordar os nomes de seus filhos, e seus rostos surgiram diante sua vista, interpondo-se entre ele e os papéis dispersados pela mesa. Meninos sorridentes e travessos, com os luminosos olhos azuis e o cabelo de cor mel de Diane. Quanto sentia falta deles! Quanto os tinha querido, desde o momento mesmo em que tinha sabido que Diane estava grávida! Diane se tinha posto como um tonel com os dois, incapaz de levantar-se da cama nem de uma cadeira sem ajuda. Muitas vezes

durante a noite, quando sua avançada gravidez a tinha obrigado a ir ao banheiro cada hora, ele se tinha feito em seu protetor, sempre disposto a lhe dar uma mão. Tinha-lhe esfregado as costas, tinha-lhe amarrado os sapatos, tinha-lhe dado a mão quando tinha entrado em dores e a tinha animado e consolado durante o parto. Não tinha feito nada disso pela Sarah.

Ficou rígido ao pensá-lo. Não estava tão grande como Diane, é obvio, mas tinha visto como se sentava com cuidado na borda da cadeira para logo poder levantar-se, e ele não se brindou a ajudá-la. Tinha-a deixado dormir à parte e Sarah tinha tido que se arrumar sozinha com as dores de costas e as visitas noturnas ao banheiro. Não lhe tinha pedido ajuda para nada e Rome compreendeu com aguda dor que não o tinha feito porque ele mesmo tinha deixado claro que não poderia contar com seu apoio. Tinha necessitado de ajuda, todos os dias, mas não a tinha pedido.

Tinha suportado o peso da gravidez sozinha, sabendo que ele não queria a seu filho.

Gotas de suor brotaram em sua testa. Apesar de seus sentimentos para o bebê, deveria ter estado com Sarah, ajudando-a nas distintas fases de sua gravidez. Pensando friamente, inclusive compreendia por que estava resolvida a ter o bebê: porque amava a ele, também amava a seu filho. Sarah não esperneava, não lhe exigia nada; limitava-se a esperar, e a amá-lo, sem desistir. Sua suave persistência lhe tinha permitido esperá-lo durante anos, amando-o e, mesmo assim, sendo uma boa amiga, a melhor de todas, para a Diane. Tinha querido aos filhos de Rome e tinha permanecido em silêncio a seu lado durante o enterro, pensando que não ficariam motivos para viver.

Tinha muitas virtudes, mas a mais doce de todas era o amor inesgotável e insondável que irradiava, como um suave resplendor que banhava a todos os que a rodeavam. Ele estava no centro desse resplendor. Como podia ter passado por cima de quão prezado era esse amor?

Sem pensar, obedecendo a um impulso tão inegável como indescritível, desprendeu o telefone e a chamou. Foi a senhora Melton quem respondeu e, um momento depois, Rome deixou cair o telefone sobre o aparelho com o semblante pálido. Abriu a porta do escritório e gritou à secretária que estava sentada detrás da mesa.

- Me consiga um vôo para Dallas, em seguida. Não me importa com que companhia, sempre que for o primeiro que saia. Minha esposa vai dar a luz.

Impelida tanto por seu tom de voz como pela prioridade que toda mulher dava ao nascimento de um filho, a secretária falou com ardor por telefone e, um momento depois, estava exigindo que procurassem um lugar para o senhor Matthews.

Rome embutiu os informes em sua maleta e o fechou sem cerimônias. Deveria ter estado com ela! O bebê chegava com duas semanas de adiantamento; teria surgido alguma complicação?

A doutora Easterwood o tinha prevenido dessa possibilidade. Rome sabia, melhor que ninguém, quão estreita era a pélvis de Sarah; quantas vezes a tinha segurado pelos quadris enquanto o fazia amor e se maravilhou do esbelta e delicada que era? O bebê não era muito grande, mas seria muito grande para Sarah? Se lhe ocorresse algo...

Foi incapaz de completar aquele pensamento.

Nunca soube a que contatos recorreu a secretária, ou à influência de que pessoa apelou, mas alguém perdeu seu lugar no vôo que saía em menos de uma hora para Dallas e Rome ocupou seu lugar. Não teve tempo de retornar ao hotel a pagar a conta nem a recolher sua roupa. Deu instruções concisas à secretária para que se ocupasse disso e para que lhe enviasse a mala. Deu-lhe um obrigado com aspereza e partiu. Anson Edwards e Spencer Nyle podiam esperar. Sarah era mais importante.

Quatro horas e meia mais tarde, depois de que o avião decolasse com atraso de Los Angeles, realizasse o voo com excessiva lentidão e Rome tivesse que abrir-se passo entre o tráfego do aeroporto até o hospital que a senhora Melton lhe tinha indicado, aproximou-se do mostrador da enfermeira do andar de maternidade.

Sarah estava dormindo, enquanto Marcie lia em silêncio uma revista. Tanto Sarah como o bebê estavam em estreita observação, mas passava o tempo e não ocorria nada, embora as ferroadas se repetiam cada vez com mais frequência. Estavam em uma habitação individual; havia uma televisão na parede e tinham visto as notícias da tarde e o episódio de uma comédia televisiva. Sarah pensava que Rome já deveria ter ligado, mas possivelmente o estivessem retendo no escritório. Depois de tudo, havia uma diferença horária de duas horas.

Rome entrou na habitação e Marcie elevou a vista. Abriu os olhos de par em par e ficou em pé.

- E você de onde sai?

- De Los Angeles - respondeu, e torceu os lábios com momentâneo regozijo. - Tomei o primeiro avião que saía para Dallas quando a senhora Melton me disse que Sarah tinha entrado em dores.

Sarah piscou e o olhou ainda sonolenta; de repente, despertou por completo.

- Rome! Vieste!

- Vim - disse com suavidade, e lhe deu a mão.

- Chamei-te no hotel e te deixei uma mensagem.

- eu sei, a senhora Melton me disse isso. Também falei com a doutora Easterwood. Estava assustado, temia que algo tivesse ido mal porque o bebê chegava com duas semanas de adiantamento, mas disse que tudo ia bem.

- Na realidade, ainda não estou com dores, só o tento, mas a doutora queria que ingressasse no hospital para me ter vigiada.

Que formosa era, pensou Rome. Tinha o cabelo loiro platino retirado da cara, recolhido em uma única trança larga. Tinha os olhos luminosos e limpos, de uma suave cor verde Nilo, e as bochechas avermelhadas. Usava uma das simples camisolas que tinha estado usando em casa e parecia que tinha quatorze anos; certamente, não o bastante maior para ter ao bebê que criava o vulto sob o tecido. Beijou-a com suavidade.

- Já que está aqui, vou descer à cafeteria a tomar algo - disse Marcie alegremente, com a clara intenção de deixá-los sozinhos.

Mas, quando o estiveram, resultava difícil dizer nada. Rome seguiu lhe sustentando a mão, desejando que já tivesse terminado tudo, que Sarah não tivesse que confrontar o parto. Não queria que sofresse em nenhum sentido, nem sequer pela dor natural de ter um filho. Por fim, inspirou fundo.

- Não irei a sala de parto contigo, mas te estarei esperando.

- Saber que está aqui é o único que necessito - disse Sarah, e assim era.

Sua filha nasceu doze horas depois, depois de um parto relativamente fácil.

- É uma riqueza! - exclamou a doutora Easterwood, enquanto deixava ao bebê nos braços do Sarah. - E que cabelo mais negro!

- É igual a Rome - declarou Marcie com rotundidade, com os olhos sorridentes e cheios de lágrimas visíveis por cima da máscara cirúrgica que usava. - Até tem seus mesmos olhos.

Sarah contemplou a seu bebê, que já tinha deixado de gritar com indignação e repousava como se estivesse esgotada pelo esforço, disposta a dormir. A filha de Rome. Não podia acreditá-lo. Não sabia por que, mas tinha acreditado que seria menino.

As lágrimas afloraram em seus olhos quando tocou os cachos negros e úmidos com um dedo trêmulo. Era o mais precioso que tinha visto.

Várias horas depois, despertou e encontrou a Rome sentado em silêncio junto a sua cama; tinha estado tão sonolenta quando a tinham transladado de novo a sua habitação, que só tinha podido lhe dedicar um sorriso antes de ficar dormindo. Não disse nada, mas o olhou enquanto lia o jornal. Estava cansado; não tinha querido dormir em toda a noite e tinha sombras escuras em torno dos olhos. Tampouco se tinha barbeado, mas estava magnífico. Com o entusiasmo de uma nova mamãe, quis lhe perguntar se tinha visto a menina, mas sabia que não o tinha feito. Já a tinha surpreendido apresentando-se no hospital.

Rome elevou a vista e se relaxou, detento de um profundo alívio. Até que não tinha ouvido a voz de Sarah, não tinha podido se convencer de que estava bem. Tomou uma de suas mãos e a levou aos lábios para beijar com ternura a suave palma.

- Olá. Como se sente?

Sarah se tomou um momento para avaliar seu estado movendo-se com cautela.

- Não muito mal. Melhor do que esperava. E você?

- Feito migalhas - disse, e a fez rir.

- Por que não vai para casa e te deita um momento? Não vou me mover daqui.

- Isso espero - Rome deixou que o convencesse, porque precisava descansar um pouco ou cairia de bruços ao chão.

Quando lhe levaram a menina para que lhe desse o peito, Sarah chorou quando sua boquinha de pinhão procurou instintivamente o mamilo. Sua pequena!

Sarah tinha trinta e quatro anos e fazia tempo que tinha renunciado à idéia de ser mãe; mas de repente, tinha a aquele diminuto ser, aquele milagre vivo, nos braços. Acariciou-lhe o penugem que cobria sua pequena cabeça redonda e examinou os minúsculos dedos e a curva do ouvido. Era cravada ao Rome! Até tinha a tez cítrica, e suas sobranceiras evocavam a inclinação audaz das de Rome.

A pequena abriu os olhos, olhou vagamente a seu redor e voltou a fechá-los, satisfeita de que tudo estivesse bem em seu mundo. Marcie tinha razão: até tinha os olhos de Rome.

Chamou à menina Melissa Kay e quando, três dias depois, retornou a casa, o nome já tinha ficado reduzido ao Missy. Rome tinha passado muito tempo com Sarah no hospital, mas sempre saía da habitação quando era a hora de lhe dar o peito ao bebê e, que ela soubesse, ainda não tinha visto sua filha. Não as foi buscar no carro ao hospital, Sarah não tinha esperado que o fizesse; inclusive teria sido lhe pedir muito que conhecesse sua filha dessa maneira.

Teria que decidir se por acaso mesmo se queria vê-la.

Marcie as levou para casa, e juntas colocaram ao bebê no berço pela primeira vez. As duas se inclinaram para admirar como se retorcia até que encontrava uma postura cômoda.

Era uma preciosidade; Sarah sabia que, se lhe brindavam a oportunidade, Missy seria capaz de fazer o segundo milagre.

Rome levou ao Sarah à cama e a estreitou em um abraço tenro pela primeira vez em vários meses. Beijou-a uma e outra vez, como se não pudesse saciar-se de tê-la outra vez na cama com ele. Tomou cuidado de não apertá-la muito, mas sentia uma necessidade quase desesperada de abraçá-la. Sarah se agarrou junto a ele desejando que as seis semanas tivessem passado já em lugar de haver logo que começado. Procurou com as mãos seus contornos firmes e musculosos, acariciando-o com suavidade enquanto voltava a família-rizar-se com as distintas texturas de sua pele.

- Amo-te - disse-lhe junto a sua garganta.
- E eu a ti. Nunca mais - disse Rome com voz grave. - Nunca mais deixarei que durma longe de mim.

Sarah dormiu placidamente, mas despertou ao primeira choramingação faminta de Missy. Levantou-se sem fazer ruído da cama e foi nas pontas dos pés ao quarto da menina para levantá-la nos braços e lhe assegurar que não corria perigo de passar fome. Trocou-lhe o fralda, sentou-se na cadeira de balanço e começou a cantarolar enquanto dava o peito a Missy. Era um bebê tranqüilo e dormiu assim que teve o estômago cheio. Sarah a deitou de novo no berço e retornou à cama para encostar-se junto às costas cálida do Rome.

Rome não se moveu, mas tinha os olhos abertos e contemplava com olhar pétreo a parede.

O trabalho não era novo para Sarah, mas nunca se esforçou tanto nem se viu submetida a tanta pressão, como ocorreu nas semanas seguintes. Se Missy não tivesse sido um bebê plácido, teria resultado impossível. Durante o dia, quando Rome ia se trabalhar, Sarah passava o maior tempo possível com sua filha, jogando com ela, fazendo tudo o que requeria um bebê. A senhora Melton se ocupava das montanhas de coisas e da limpeza, de modo que Sarah ficava livre para dedicar-se a outras tarefas. Tentou lhe dar mamadeiras como alimento suplementar, mas não tolerava o leite de farmácia e a pediatra lhe aconselhou que lhe desse unicamente leite materno até que estivesse um pouquinho mais forte; então, poderia provar outra vez com a mamadeira. De modo que Sarah não podia deixar a Missy só durante muito tempo, já que devia lhe dar o peito com regularidade.

Sempre tinha ao Missy banhada e deitada antes de que Rome retornasse a casa do trabalho, e cruzava os dedos para que a pequena não despertasse antes da hora de sua seguinte mamada. A porta do quarto do Missy sempre estava fechada quando Rome voltava para casa e nem sequer a olhava nem perguntava nunca pelo bebê. Rome a tinha prevenido, mas até que não começou a viver aquela situação, Sarah não compreendeu o difícil que lhe resultaria. Estava tão orgulhosa de Missy que queria levar-lhe a Rome, levantá-la nos braços e dizer: "Olhe o que te dei". Como poderia resistir aos encantos de sua filha? Mas sempre recordava que o seguinte passo devia dá ele sozinho; não podia obrigá-lo.

Outras pessoas não eram tão reticentes. Max foi jantar uma noite e insistiu em entrar em ver o bebê. Sarah lançou um olhar de impotência ao rosto sombrio de Rome e ficou em pé para conduzir ao Max ao quarto da menina. Marcie e Derek os visitavam com assiduidade e a presença de Rome não os amedrontava, porque falavam de Missy diante dele. Como não podia fechar os ouvidos, Rome ouviu a recontagem entusiasta de Marcie sobre sua filha. Soube que era formosa, que estava crescendo a passos aumentados e que já reconhecia às pessoas.

A angústia se refletiu no olhar de Rome. Tentava não pensar no terceiro dormitório nem em seu ocupante, mas uma dolorosa curiosidade o dominava cada vez que Sarah se levantava na metade da noite e entrava ali. Às vezes, lhe passava pela cabeça aparecer a jogar uma olhada, mas sentia um suor frio por todo o corpo. Um bebê...

Não, não poderia com outro bebê. A menina não era Justin nem Shane, não poderia substituir a seus filhos.

A noção de ter uma filha era nova para ele. Só tinha conhecido meninos robustos faltos de delicadeza. Pensava freqüentemente em seus filhos, à medida que chegava o Natal, outra festividade sem eles. Era o segundo Natal que passava com Sarah e a dor já quase tinha desaparecido porque tinha a ela. Ainda ficava, e sempre o acompanharia, uma sensação persistente de perda, mas começava a ser suportável. Podia pensar no Justin e no Shane e recordar os bons momentos, as risadas que tinham compartilhado.

Diane estava ainda mais longe; ainda sentia amor para ela, mas era um amor recordado. Sarah era seu presente, e se assombrou de novo pela paixão feroz que sentia por ela, um sentimento que eclipsava sua relação com Diane porque sua capacidade para amar tinha aumentado grandemente sob o suave resplendor de Sarah.

Uma noite, durante a segunda semana de dezembro, Sarah foi a seus braços como de costume e apoiou a cabeça no oco de seu ombro.

- Amanhã vou voltar para a loja -anunciou com naturalidade, com a voz suave na penumbra.

Com um rápido movimento, Rome estirou o braço e acendeu o abajur; incorporou-se sobre o cotovelo e a contemplou com as sobrancelhas franzidas.

- A doutora Easterwood te deu o visto bom? - perguntou com aspereza.

- Sim. Hoje tive a revisão. Diz que estou em perfeito estado de saúde - desdobrou um sorriso lento e sedutor.

Resultava fascinante ver como o desejo alterava o rosto do Rome, voltava-o mais sério e mais intenso.

- Então, por que te puseste essa camisola?

- Para que me pudesse tirar isso.

E isso fez. Teve muito cuidado com Sarah, incrementando devagar sua excitação antes de elevar-se sobre ela e deslizar-se com cuidado dentro de seu corpo. Sarah inspirou com aspereza, mas não por causa da dor. Tinha passado tanto tempo! Agarrou-se a ele, tremendo de prazer. Rome percorria sua luxuriosa figura com as mãos, descobrindo e deleitando-se com as curvas exuberantes de seus seios, acariciando-a de forma íntima. Sarah perdeu o contato com a realidade; o gozo a transportou a um nível diferente de consciência no que só Rome existia.

Ao dia seguinte, bem abrigada naquela manhã de inverno, Missy foi à loja pela primeira vez, e Sarah teve que brigar para poder levantar em braços a sua própria filha. Tomou cuidado de não exceder-se, e retornaram a casa cedo, mas a saída as tinha esgotado às duas. Colocou a Missy no berço para que se jogasse a sesta e procurou o descanso em sua própria cama. Jogaria uma cabeçada, nada mais.

O pranto desconsolado do Missy a despertou e se levantou com sobressalto; a luz mortiça do entardecer indicava que tinha dormido muito mais do que pretendia e que Rome retornaria logo a casa. Missy estava voraz; havia muitas coisas que fazer, mas a menina não podia esperar. Sarah se sentou na cadeira de balanço e lhe deu o peito.

Não ouviu o Rome entrar em casa mas, de repente, percebeu sua presença e olhou com nervosismo para a porta. Sentiu-se fraca ao vê-lo de pé na soleira, sem chegar a entrar, mas tinha o olhar cravado nela e no bebê. Não podia ver nada salvo o cocuruto do Missy e uma mão minúscula com a que se ajudava ao mamar, mas seu rosto se crispou de dor. Sem dizer uma palavra, deu-se a volta e se afastou.

Sarah contemplou a menina, tremendo. Tinha alterado sua rotina. Deveria havê-la banhado antes de lhe dar o peito, porque ao Missy entraria o sono e não lhe faria nenhuma graça que despertassem para o banho. O que faria se ao Missy dava um manha de criança? Com cada dia que passava dava mais amostra de ter herdado o temperamento de seu pai, assim como uma cômica determinação do ter tudo a seu gosto, se era possível que um bebê fora assim de exigente. Mas gostava que a levantassem nos braços de uma maneira em concreto, e outras pequenas coisas deviam estar justo como ela queria para que estivesse satisfeita. Protestava sem parar até que as circunstâncias não melhoravam. Para não lhe causar mais transtornos, Sarah decidiu prescindir do banho aquela noite; trocou de roupa a Missy e a deitou confiando em que dormisse depois da prolongada sesta.

- Deitei-me um momento quando voltei da loja e fiquei dormindo - explicou ao Rome com certo nervosismo quando saiu do quarto da menina.

Tinha os ombros contraídos, mas não disse nada sobre o Missy. Em troca, aproveitou que Sarah se delatou.

- Ir à loja deixou esgotada, não é verdade?

- Sim, e é tão absurdo, porque não fiz nada - disse com exasperação, dando obrigado porque o momento de tensão tivesse ficado atrás.

- Terá que te acostumar de novo à agitação, e quero que o faça pouco a pouco, Tome o com calma - ordenou-lhe, e lhe deu um beijo como saudação.

Mas, como não, Sarah era incapaz de tomar as coisas com calma. Entregou-se de novo à rotina da loja com alegria, porque a tinha sentido falta de mais do que tivesse podido acreditar. Sempre tomava cuidado de retornar a casa com o tempo suficiente para ocupar-se de Missy antes da chegada do Rome; mas a menina estava cada dia mais energética e temia o dia em que já não poderia deitá-la e ver como ficava rapidamente adormecida. Cada vez agüentava mais tempo acordada, agitando braços e pernas com vigor.

Depois de um dia especialmente exaustivo, Sarah ficou como um tronco nada mais apoiar a cabeça no travesseiro. Rome estava convexo a seu lado, relaxando-se pouco a pouco, e estava quase dormindo quando ouviu chorar à menina.

Ficou rígido, à espera de que Sarah despertasse e fora a atendê-la; não podia suportar aquele pranto. Mas Sarah seguia dormindo; estava exausta.

Rome sabia que acabaria ouvindo o pranto do bebê e que se levantaria, mas não sabia se poderia suportar o ruído durante tanto tempo. Alongou o braço para despertá-la, mas algo o deteve.

Possivelmente fosse seu rosto, tão plácido enquanto dormia; possivelmente fossem as noites que, no passado, levantou-se para ir à chamada de seus filhos. Fosse qual fosse a razão, levantou-se e saiu ao corredor.

Advertiu com surpresa que estava tremendo e que tinha as costas empapada de suor. Não era mais que um bebê, disse-se. Nada mais que um bebê. Alongou o braço e abriu a porta, apenas capaz de respirar pela opressão que sentia no peito. Havia uma pequena luz noturna em uma tomada próxima ao berço; seu resplendor amarelo permitia ao Sarah mover-se pela habitação quando se levantava pelas noites. Também permitiu ao Rome ver a menina, que tinha feito uma boa birra. Tinha fechados seus minúsculos punhos e os agitava de forma espasmódica; tinha as pernas levantadas e gritava a pleno pulmão. Estava acostumada a que satisfizeram seus desejos imediatamente; não pensava tolerar aquele atraso imperdoável.

Rome tragou saliva enquanto se aproximava a passo lento para o berço. Era tão pequena, que o mau gênio do que fazia ornamento resultava absurdo. Uma menina... O que sabia ele sobre meninas?

Tremendo, deslizou suas grandes mãos por debaixo da pequena e a levantou, surpreendendo-se de quão ligeira era. Missy mugiu um pouco mais, mas o contato daquelas mãos lhe indicou que não estava sozinha e, depois de uns quantos soluços, acalmou-se.

Rome recordou sem esforço antigas habilidades. Depressa, sem olhar a sua cara, trocou-lhe o fralda, e estava a ponto de instalá-la de novo no berço quando a menina fez um gorjeio e Rome se sobressaltou; esteve a ponto de deixá-la cair. Olhou-a e ficou gelado, encantado, porque a menina o olhava com tal confiança e inocência que quis gritar de dor.

Não era justo. Santo Deus, não era justo. Tinha fugido, nem sequer a tinha balanceado ou cuidadoso. Tinha rechaçado a sua própria filha, mas não lhe importava. Não gritava de medo por estar em mãos desconhecidas; limitava-se a contemplar a seu pai com uma aceitação instintiva.

Olhá-la era como olhar a si mesmo imortalizado. Contemplou com fascinação o cabelo escuro, os olhos quase negros. Tinha os lábios de Sarah, suaves e tenros, mas o resto de suas feições eram uma versão feminina de si mesmo. Tinha nascido dos momentos doces de paixão nos braços de Sarah, era uma parte de Sarah e dele mesmo. Rome tinha querido destruir sua vida antes inclusive de que começasse.

Um grito rouco e quase silencioso brotou de seus lábios. Voltou a levantá-la nos braços, balançou-a e se fincou de joelhos. Inclinando-se sobre sua filha, chorou.

Sarah despertou com sobressalto, consciente de que ocorria algo estranho. Procurou Rome com a mão, mas encontrou o travesseiro vazio e se incorporou. Um ruído estranho e afogado chegou a seus ouvidos, mas não parecia Missy.

- Rome? - sussurrou, mas não houve resposta.

Levantou-se correndo da cama, vestiu a bata e a atou. Aproximou-se da soleira e procurou alguma luz que indicasse onde podia estar, mas na casa reinava a escuridão. Então, ouviu de novo o som afogado e ficou gelada. Missy se estava afogando!

Com a mão na garganta, correu pelo corredor com os pés nus mas, uma fração de segundo depois, adivinhou que não era Missy. Deteve-se, respirando de forma entrecortada.

Rome?

A porta do quarto da menina estava aberta, e avançou em silêncio para aparecer.

Rome estava de joelhos no chão, com o Missy nos braços. Mantinha-a encolhida contra seu peito e os soluços roucos e afogados emergiam de sua garganta.

Sarah esteve a ponto de gemer. Queria aproximar-se, envol-vê-lo com seus braços e mitigar sua dor pelos meninos que tinha perdido e pela filha que não tinha querido. Mas era seu momento privado de conciliação com sua filha, assim retornou à cama em silêncio.

Permaneceu tombada sem fazer ruído, secando-as lágrimas à medida que lhe umedeciam o rosto. Passou muito tempo antes de que Rome retornasse à cama e se deslizasse entre os lençóis com cuidado. Sarah sabia que não estava dormindo, mas não o abraçou. Estava liberando uma terrível batalha interior e ela não podia ajudá-lo.

Rome não mencionou o ocorrido ao dia seguinte, mas irradiava uma paz que era nova nele. Foi se trabalhar e Sarah vestiu a Missy para levá-la à loja. Não podia fazer nada salvo seguir adiante com sua rotina.

Derek só tinha aulas pela manhã, assim que se apresentou depois do almoço. Levantou Missy com destreza do carrinho e beijou seu tersa bochecha. Com o incrível dom da oportunidade que tinha, olhou a Sarah enquanto balançava à menina.

- Então, tudo vai sair bem? - perguntou.

- Sim, acredito que sim - respondeu Sarah. - Como o soubeste?

- Nada mais ver-te - o jovem lhe sorriu com profunda ternura. - Sabia que Rome não poderia resistir a Missy durante muito tempo. Possivelmente Derek tivesse um sexto sentido, pensou Sarah, enquanto contemplava como passeava pela loja com Missy em seus fortes braços e lhe falava como se ela compreendesse todas suas palavras. E possivelmente Missy o entendia; Max tinha comparado ao Derek com um arcanjo. Possivelmente não fosse um anjo, mas o parecia.

Sarah seguiu fiel a sua rotina; Missy estava profundamente adormecida quando Rome retornou do escritório. Jantaram como de costume, conversaram, e ela leu enquanto ele revisava alguns papéis. Depois, preparou-se para ir à cama, comprovou que Missy estava bem e se deslizou entre os lençóis com um bocejo, dando obrigado pelo castigo descanso.

Rome saiu do banheiro secando-os ombros.

- Toma - disse, e lhe jogou a toalha. - Me seque as costas.
Sentou-se sobre a cama e lhe esfregou as costas com a toalha;
depois, plantou-lhe um rápido beijo no pescoço. Rome jogou a toalha ao chão e se deu a volta para recostar-se com ela sobre os lençóis.

- Não tenho palavras para expressar o muito que te amo - disse em voz baixa.

- Tenta - apressou-o Sarah.

Rome riu e se inclinou para beijá-la com ânsia crescente. Fizeram amor com uma doçura e uma intensidade incríveis; Rome se conteve para satisfazê-la uma e outra vez antes de deixar-se ir, e a abraçou com força até que ela ficou adormecida.

Missy despertou de madrugada, faminta. Antes de que Sarah pudesse levantar-se da cama, Rome retirou os lençóis e ficou em pé.

- Não te mova - disse-lhe. - Trarei-a aqui.

Retornou um momento depois, com a menina choramingando em seus braços. Quando a entregou ao Sarah, disse:

- Sabe, não é verdade? Ontem à noite estava acordada.

- Sim, sei - todo o amor do mundo se refletia em seus olhos verdes enquanto o olhava.

- Deve me odiar - disse com aspereza. - Por isso quis fazer.

- Não, isso jamais. Estava sofrendo e queria te proteger.

Compreendi-o.

Rome contemplou à menina enquanto mamava, e a seu rosto sério e moreno apareceu uma expressão tão tenra que Sarah se desfez por dentro. Com muita delicadeza, Rome acariciou a bochecha de Missy com o dedo indicador.

- É mais do que mereço. Deram-me uma segunda oportunidade em tudo, não é verdade?

Não, uma segunda oportunidade, não, a não ser um segundo milagre. Rome tinha morrido por dentro e o amor o havia devolvido à vida. Sempre conservaria as cicatrizes das pessoas às que tinha amado e perdido, mas poderia seguir vivendo em paz. Poderia rir outra vez, e contemplar o passo das estações. Poderia ver crescer a sua filha, deleitar-se com seus gorjeios, sua inocência e entusiasmo e a amar de coração; a ela, que era seu segundo milagre.

Rome se inclinou para frente e beijou a Sarah com lenta deliberação, com amor e paixão.

Quando Missy terminou de mamar o peito e voltaram a deitá-la, quis fazer de novo amor com sua esposa, para lhe demonstrar o muito que a amava. Era seu primeiro milagre; graças a ela, o sol voltava a brilhar em sua vida.

FIM